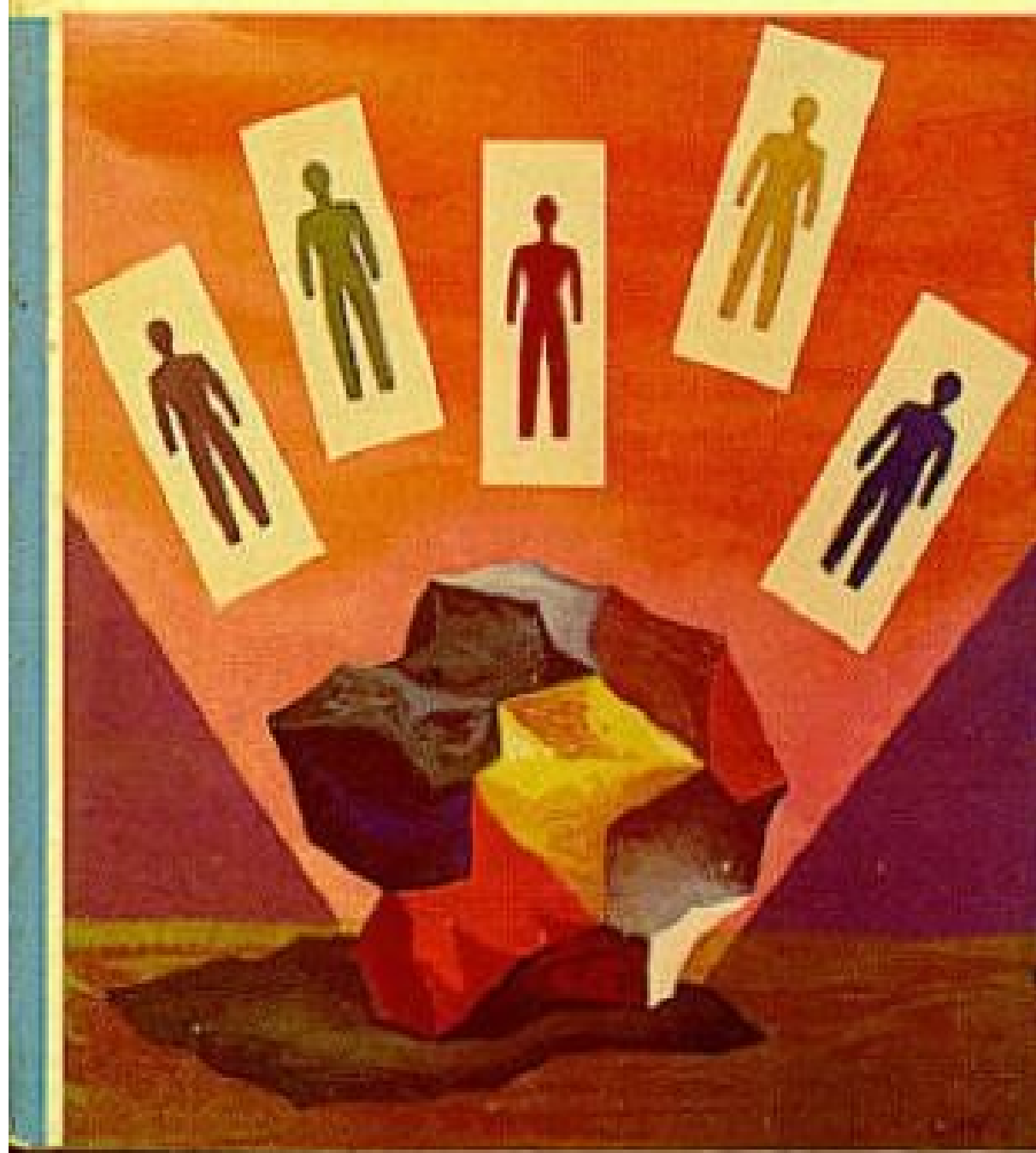


OS GRANDES ROMANCES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

O PLANETA 34



ALBERT e JEAN CRÉMIEUX





O PLANETA 54

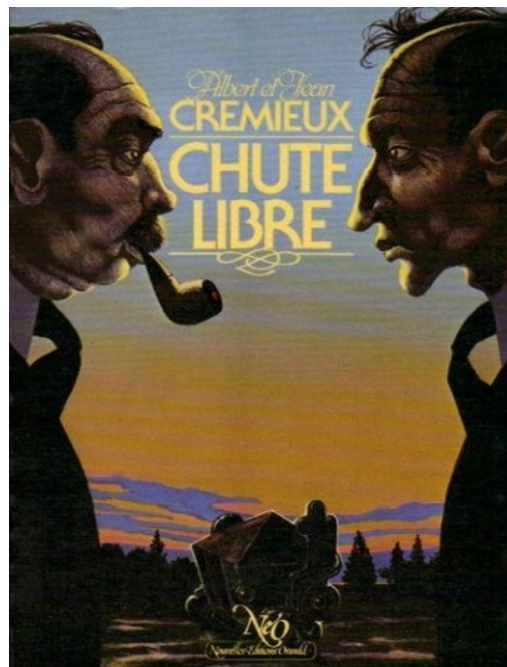
Albert & Jean Crémieux

No alto de sua poderosa civilização matemática, os homens do Planeta 54 observam a vida de miseráveis planetas como o nosso. Um dia, resolvem colher algumas amostras.

E seguimos então a grande viagem dos hóspedes-prisioneiros - uma viagem cheia de imprevistos, de vida, de situações estranhas porém lógicas. Ouvirão eles, para além de todas as técnicas, a PALAVRA PERDIDA? Conseguirão encontrar-se a si mesmos?

Título do Original Francês: ***Chute Libre***

© 1954 by ***Albert et Jean Crémieux***



Capa do original

A MISTERIOSA CHEGADA DO AERÓLITO

Sempre achei que os homens eram uns estúpidos por se aglomerarem nas grandes cidades, onde são vítimas do ruído, do pó e da sujeira. Por esta razão, faz tempo que mudei meu domicílio para uma cidadezinha de Puy de Dome. Ali eu vivo entre meus livros, minhas galinhas, meu cachorro, minha cabra, minha biblioteca e minhas recordações.

Minha vida transcorre de uma maneira fácil. Sou bastante gentil de temperamento. No entanto, tomei parte ativa na guerra como “cifrador” e “decifrador” sob o pseudônimo de BG-48!

Por que diabos, eu, Frederic Boisson, me meti nisto? M. De Bardiére, meu velho amigo, professor de psicologia comparada da Faculdade de Clermond-Ferrand, deu-me a única explicação plausível para esta extravagante atitude: parece que cada ser vivente é formado pela justaposição de dois seres: o “habitual” e o que poderíamos chamar de seu “contrário”. Isto explica, por exemplo, porque um notário honesto e metódico possa repentinamente subsidiar o cassino de Royat e assim devorar as pensões de suas antigas e desafortunadas clientes.

Meu “contrário”, oculto no mais profundo do meu ser, sonhava com aventuras. Devo a esta circunstância possuir algumas divertidas recordações e haver sido de eficaz ajuda na arte de decifrar.

No entanto, no mês de agosto de 1948, eu era o Boisson de costume, amante da comodidade; o que prevalecia e vivia docemente na mais profunda paz, uma vida inconsequente, sem riscos, mas não desprovida de pequenas alegrias.

Ao entardecer daquele dia eu estava plantando em um vaso uma magnífica estaca de dalias *Bette Davis*. Devo dizer de passagem que, visto do caminho, o meu jardim fica escondido por sua vez por uma casa e por um bosque de álamos brancos e de fusos, rodeado de uma fileira de macieiras; inclusive, o fundo do jardim se comunica com um pântano coberto de samambaias, tojos e urzes. Assim então, sendo proprietário tão somente de um total de vinte áreas, disponho na realidade de um imenso espaço.

Pois bem, eu estava plantando minhas dalias quando a aventura veio me procurar a domicílio pela segunda vez. Prendeu-me em alguns segundos! Primeiramente eu tive a impressão de que um obus de 305 tinha caído em cima de mim. Fiquei aturrido e assustado por uma fração de segundo e finalmente me vi, empurrado por uma força desconhecida, sentado sobre uma plantação de abóboras.

Ao cair, eu me agarrei à estaca de dalias, que ficou nas minhas mãos.

Quando me levantei, olhei ao meu redor. Ali estava a casa, toda branca, nem mais nem menos rachada que de costume, mas uma janela que antes estava aberta havia se fechado, a gaiola dos canários ainda balançava suspensa da corrente, os pássaros

erichavam seus penachos, meu galo Bigorno lançava seu grito de alarme e as galinhas empurravam-se umas às outras no galinheiro.

Levantei-me lentamente, me sacudi e fiquei indeciso por alguns instantes. Minha primeira reação foi bastante estúpida: avaliei os danos! Desta vez BG-48 estava escondido em Frederic Boisson, professor de alemão aposentado, apaixonado pelos insetos e um amante da tranquilidade. Passaram-se alguns minutos antes que a palavra clamasse à porta da minha imaginação: "aerólito". Esta palavra me tranquilizou. O mistério é desconcertante; a palavra fazia o mistério desaparecer.

Dei alguns passos, e foi aí que BG-48, adormecido durante dois anos, despertou. Não somente não fugiu a toda pressa, como teria feito o bem humorado e medroso Frederic Boisson, como também cheirou, escutou, esquadrinhou; me endireitei, por assim dizer, como o cão de caça que, sonolento ao lado do fogo, vê seu amo pegar a espingarda. Logo a seguir um detalhe chamou minha atenção. Até então eu acreditava - como todo mundo - na existência das sete cores e suas subdivisões. Pois bem, o aerólito era composto de cores rigorosamente inéditas.

Tentei reunir todos os meus conhecimentos referentes a aerólitos e várias palavras me vieram à memória. Lembro que frequentemente sua queda é acompanhada de fenômenos luminosos, um cheiro de fósforo ou de enxofre e que sua superfície, gasta por causa da viagem interplanetária, está às vezes recoberta de esmalte carbonífero. Meu aerólito era diferente. No aspecto geral compunha-se de quadro lados visíveis. Cada um desses lados estava, *a grosso modo*, orientado para um dos pontos cardeais. À primeira vista dava a impressão de ser um aparelho criado, fabricado, e não de uma massa bruta desprendida de outra massa por um azar, uma explosão ou uma desintegração.

Visto por seu lado leste, o aerólito se diferenciava notavelmente, parecia o esboço de uma mina no qual se descobriam arranhões bastante paralelos e manchas quase redondas. As palavras me faltavam, tanto em francês, como em alemão, inglês, espanhol, árabe ou latim, línguas que conheço bem, para descrever o aerólito tal como o vi neste dia, em se tratando da sua forma, cor, dureza, cheiro, ou da sua vida interior.

É preciso que se proceda por aproximação, por um "mais ou menos": acima de tudo: sua superfície compunha-se de uma espécie de verrugas, formando blocos, mas sem dúvida alguma de diferentes matérias, agarradas umas às outras, sem que aparecessem nem pregos, nem parafusos, nem tensores, nem nada que se lhes pareça. Ao tato, a superfície do aerólito não era, por assim dizer, nem dura nem macia, nem rígida nem elástica, nem fria nem quente. Isto pode parecer extravagante, mas corresponde estritamente à verdade. Para me fazer compreender o melhor possível, o melhor será proceder por exemplos. Suponham que um prestidigitador pegue milhares de vermes e com eles faça uma bola, e havendo vendado os olhos de uma dama, logo guia sua mão e lhe pede que acaricie, com a ponta dos dedos, um macio veludo. A dama vendada acariciará com prazer o veludo. Tire-lhe a venda e ela desmaiará de susto, sem que por isto os vermes tenham mudado em nada.

As superfícies do aerólito - refiro-me às superfícies imóveis - eram fundamentalmente diferentes ao tato das superfícies a que estamos acostumados aqui em baixo, no sentido de que aquelas transmitiam ao cérebro humano, não aquelas sensações tradicionais de calor, frio, dureza ou elasticidade, e sim sensações diferentes.

No total eu contei vinte cores. Quatorze derivadas do azul, do branco, do preto e do amarelo, e seis absolutamente inéditas para o olho humano. Exceto para duas delas, para as demais não posso dar uma boa definição visual, da mesma forma que não se pode explicar a um cego o que é o azul.

Naquela noite eu me deitei bastante mal humorado. Tenho em meu quarto um excelente leito de plumas. A cama de plumas faz reviver em mim o homem bonachão, inimigo do ruído, do amor próprio e da aventura.

Ponderei, então, sem demasiada vaidade, diversas hipóteses: meu aerólito era um aerólito comum? Neste caso, para que falar dele? O solo do Sorre está cheio de "pedras do céu", velhos aerólitos caídos e esfriados dos quais ninguém se ocupa. Entretanto esta hipótese parecia pouco provável.

Me levantei e voltei para minha cama com um tomo do *Grand Larousse* aberto no artigo "aerólito". Li-o e cheguei à conclusão de que minhas lembranças referentes aos aerólitos comuns eram fiéis; meu aerólito não era um aerólito vulgar. Que fazer então? Avisar às autoridades? Eu já imaginava o plano: chegada do prefeito, desfile dos vizinhos, pesquisas e, acima de tudo, o maldito faro dos jornalistas. Far-me-iam entrevistas, fotografias e até canções. De antemão, eu já imaginava os títulos nos jornais: "BG-48, vencedor do Abwehr, recebe um aerólito Não será um disco voador?!... O aerólito é na verdade um aerólito?

Levantei-me ao amanhecer e dei uma volta ao redor do jardim. Constatei com alegria que do lado de fora meu aerólito não poderia ser avistado. Às oito fui à casa de Admiral, conhecido como "Piperet", comprar um pacote de tabaco, certo de que se alguém tivesse visto o aerólito, "Piperet" estaria ao corrente disto e me perguntaria alguma coisa. Mas ele somente me disse que a senhora Poudron, da mercearia, havia recusado uma partida de Algodão-Quinette e que o gato dos Ittangville havia comido toda uma ninhada "Faverolle". Fui embora tranquilo.

De regresso, dei uma volta ao redor do meu aerólito. Ao vê-lo, experimentei uma satisfação de proprietário. "Meu" aerólito era extraordinário. BG-48 achava fantástico possuir a exclusividade de tal tesouro científico.

Durante dois dias estive rondando ao seu redor, bastante indeciso e desejando subtraí-lo a toda curiosidade. Plantei arbustos em todos os lugares suscetíveis de olhares indiscretos. Passei várias horas perto desse vagabundo vindo das estrelas, apalpando-o, desenhando-o, escutando-o viver sua misteriosa existência.

No entanto, no terceiro dia, quando eu estava examinando as incessantes palpitações de uma dobra da face leste, eu pensei que este segredo era muito pesado para meus ombros. Vivemos tempos estranhos. Seria possível que uma egoísta preocupação por minha tranquilidade iria ser a causa de que eu cometesse uma má ação, seja ocultando aos sábios uma importante fonte de descobertas, seja que meu aerólito, abandonado assim somente à minha sagacidade, se transformasse em um fator de perturbações?

Perplexo, fiz uma mescla dos meus remorsos, da minha curiosidade e dos meus escrúpulos; não me atrevendo a fazer conhecido o fato a toda equipe de sábios, descarreguei a metade da minha pesada carga escrevendo uma longa carta - mais de vinte páginas - ao meu velho amigo Pierre N. Recomendava-lhe a mais absoluta discrição, mas não lhe ocultava nada.

Diplomado pela Escola de Guerra, forte em matemática, sereno ante o perigo, Pierre N. conhecia os homens e as coisas. Nós nos gostávamos muito, pela simples razão de que os extremos se atraem. Fisicamente, eu sou bastante magro, muito peludo e ao ver-me as pessoas pensam em Don Quixote. Uma espada pendente do cinto

não surpreenderia ninguém, mas esse aparato bélico às vezes é enganoso. Na proporção de noventa e cinco por cento, sou o mais pacíficos dos homens. Antes que a ocupação fizesse de mim um decifrador de códigos, eu não havia mudado de domicílio mais que três vezes em toda minha vida. Pierre N., cujo aspecto é o de um plácido bonachão, conheceu todo tipo de aventura desde sua infância. Seu bigode e seu grande cachimbo têm sido vistos por onde quer que os homens tenham lutado entre si ou contra os elementos.

Quase sempre minhas cartas a Pierre N. percorrem milhares de quilômetros antes de chegar ao seu destino.

Desta vez a resposta veio rápido. Ei-la aqui:

"Hotel du Pare.

Vichy, 19 de agosto de 1951

Meu velho:

Termino meu tratamento amanhã. Se sua carta é um truque, você é um ás, mas me diga logo. Se não, estarei em sua casa na segunda-feira."

Ele chegou com o ônibus das onze; desceu depressa e, acompanhado do condutor-cobrador, foi para a parte traseira do carro pegar sua bagagem que consistia em duas malas. Na presença do condutor, me dirigiu alguns cumprimentos e, muito cerimoniosamente, me chamou de seu "velho amigo". Certo da sua impaciência e curiosidade, eu admirava o ar de satisfação que ele deixava brilhar seu rosto e a fingida desenvoltura com que levava suas pesadas malas. Subiu ao primeiro andar e esquadrinhou o jardim através do vidro.

- É esta a encomenda? - perguntou-me, apontando com o dedo ao aerólito

- Exatamente.

- É enorme! - prosseguiu. - Esta massa deveria ter explodido e ter-se feita em migalhas!

Fomos ao jardim e demos duas voltas ao redor do aerólito. Pierre N. Me confessou que estava "pasmado".

Eu lhe fiz as honras. Essas formas e essas cores inéditas provocaram nele e em mim impressões distintas: em mim, uma surpresa quase contínua, uma emoção artística, uma efusão sentimental; nele, uma intensa curiosidade que degenerava em surda cólera. Eu contemplava o aerólito; Pierre N. o desafiava com o olhar; quase o teria atingido. Três ou quatro vezes me perguntou:

- Pelo lado de fora não se vê nada?

- Nada em absoluto.

- Vamos fotografá-lo; não se sabe o que pode acontecer.

Ele trouxe duas máquinas: uma Leica-Elmer, muito cara, e uma máquina menor que uma caixa de fósforos; uma grande provisão de filmes Kodak-Chrome, Kodak-Super-Chrome, Kodak-Infra-Chrome, e um jogo de objetivas. Em seguida assumiu a liderança: "Velho, pegue um bloco e anote: Foto nº 1, vista do conjunto tomada do lado leste a dois metros... Foto nº 2, vista do conjunto tomada do lado oeste a dois metros e cinquenta; sol de frente"...

Ele não regateava detalhes! Simultaneamente me dava uma verdadeira lição de fotografias em cores (mas, ou seus dotes pedagógicos eram insuficientes, ou a fadiga me escurecia o espírito, pois, de todas essas explicações, só me restou a lembrança de um resmungar técnico que tratava das emulsões, de Kodak-Chrome e de tempo

de exposição). Afinal ele se contentou em me dar algumas instruções e de ditar para mim algumas fichas... Ia seguindo o curso do sol até que uma nuvem escondeu esse indispensável auxiliar.

- Vamos - disse Pierre, - por esta tarde terminamos. Agora temos que revelar estas fotos e amanhã continuaremos - e a grandes trancos me arrastou até minha casa, onde, esvaziando os armários e colocando impunemente veneráveis cortinas nas janelas, improvisou em um abrir e fechar de olhos um verdadeiro laboratório fotográfico. Parecia mais atarefado que contente, mas estava bem ciente do seu trabalho, metódico, com movimentos sóbrios e uma terrível confiança em si próprio. Sua incomparável maneira de prever os mínimos detalhes e ao mesmo tempo tirar proveito do nada sempre me impressionou. Desta vez havia se superado! De uma de suas maletas vi que tirava um verdadeiro arsenal fotográfico, depois do que se apossou das minhas fichas. Havia mais de cem. Organizou-as cuidadosamente por "família", me disse, e às onze da noite, quando seu trabalho ainda não havia terminado, mandou que eu fosse me deitar sem a menor cerimônia.

O sol apenas havia saído e Pierre N. já abria minha porta, levando em sua mão um enorme pacote.

- Venha - disse; - vista-se depressa. Que lhe parece isto?

Sentei relutantemente em minha cama e, uma a uma, ele foi me passando as provas que tinha distribuído em três pacotes. No primeiro havia dezesseis. Me pareceram bastante boas. A maioria representava algumas vistas do lado oeste do aerólito, ou mais exatamente, das partes ultra-negras, das partes ultra-brancas e de diversos pedaços castanhos do aerólito

- Não está mal - disse-lhe. - Muito nítidas!

- E isto?

Passou-me um pacote com vinte e cinco provas, cada uma delas cravada com um alfinete à sua ficha.

Minha memória visual é excelente. Olhei para as provas e logo depois para Pierre N. Se eu não tivesse vivido durante vários dias em uma atmosfera de fantasia, teria acreditado em uma farsa. Em cada uma dessas vinte e cinco fotografias aparecia, de fato, algumas imagens, algumas claras, algumas borradas, mas que não me lembravam *nenhum aspecto* do aerólito. Nem sequer podia pensar que se tratava de um erro visual procedente da ampliação da lente, pois em nenhuma das fichas figuravam os dados que o precavido Pierre N. me havia feito escrever a cada vez que havíamos feito uma micro-fotografia.

Entregou-me outro pacote de provas. Várias delas apresentavam, observando-se de diferentes lados, um objeto que o olho não nos havia revelado e que se compunha de formas geométricas muito conhecidas: uma circunferência, várias linhas retas, duas protuberâncias perfeitamente redondas.

- Meu querido amigo - disse-lhe, - aqui há trabalho para todas as Academias juntas.

- Eu não meteria as Academias neste assunto, por todos os empertigados do Maghreb - disse-me jovialmente; - ninguém sabe o que pode sair dessa caçarola dos infernos.

A ideia de auscultar com o estetoscópio um bólido caído do céu, pode a priori parecer ridícula. No entanto me ocorreu, e com logica, visto que o aerólito parecia vivo.

Não tive dificuldade em procurar um aparelho tão simples. Apliquei-o ao acaso sobre uma parte mais ou menos plana da face norte. Inicialmente não ouvi nada, somente um ruído muito fraco e regular: as batidas do meu pulso que soavam em meu

ouvido através de um misterioso circuito. Então usei meu estetoscópio ao acaso, sob o olhar desaprovador de Pierre N., que, sempre a favor das realidades matemáticas, teria desejado, sem dúvida alguma, uma auscultação mais metódica. Apesar disto, quando alcancei a parte sul do aerólito recebi o choque de algo inesperado e real: meu ouvido percebeu o que naquele momento eu não teria podido explicar senão de uma maneira aparentemente absurda: alguma coisa que era (mas que não era) um ruído, ou se quisesse, era um ruído e mais que um ruído. Pelo estetoscópio eu notei, com efeito, uma sensação que percebi, não somente em meus ouvidos, mas também de uma forma visual, quase diria super-visual. Com efeito, eu ouvi um ruído ligeiro, agradável..., um pouco de ruído de passos regulares sobre pequenos ramos, algo assim como uma espécie de murmúrio e, unido a este ruído, aderido a ele, e da mesma natureza que ele, havia o que não posso expressar senão com a palavra "mensagem", uma mensagem não expressa em uma língua conhecida ou em código, e sim uma mensagem que me alcançava, em certo sentido, escondida, submersa, dentro de mim, nascendo e renascendo de uma forma até então desconhecida por mim.

Permaneci por alguns momentos com o estetoscópio em meu ouvido antes de me levantar. Se pudesse refletir, analisar o que estava acontecendo, tentando estabelecer uma comparação qualquer entre esta sensação tão particular com outras já conhecidas, por exemplo, com essas visões coloridas que, quando era menino, eu mesmo criava voluntariamente em minhas retinas, divertindo-me e fixando minha vista para o sol e fechando os olhos. Pois bem, não!. Eu me deleitava, me deixava arrastar por esta alegria infantil; foi Pierre N. que, após alguns minutos, me sacudiu pela manga:

- E então, Frederic?

Dei-lhe esta surpreendente resposta:

- Estão falando comigo, Pierre.

- Quem está falando consigo?

- Não sei.

- O que estão lhe dizendo?

- Nada.

Ainda passamos duas horas "auscultando" o aerólito

Nossa impressão não foi melhorada, nem atenuada, nem precisada. Eu tinha a impressão, no momento em que aplicava meu ouvido no lugar preciso, de penetrar em um mundo novo, perfeitamente inexplicável.

Chegou setembro, magnífico como sempre, em Auvernie. Pierre N. e eu estávamos como enfeitados. Tão logo aplicávamos o estetoscópio aos nossos ouvidos, a alegria nos invadia e caíamos em um estado beatífico, mas quando cessava a misteriosa palpitação, esta alegria se desvanecia e com pena nos perguntávamos o que significava esse otimismo pueril, esta espera de um milagre. Às vezes, ao despertar pela manhã, Pierre N., que há mais de nove horas não havia sofrido a influência do "ruidinho", se levantava resolvido a forçar o destino. Através do tabique eu o ouvia resmungar, enquanto se lavava copiosamente como costumam fazer os velhos oficiais do exército na África. Enquanto tomávamos café na cozinha, ele me enumerava as diferentes maneiras de dissecar essa "maldita pedra", essa "porcaria mineralógica", esse "lixo infernal". Agitava diante de mim o espectro do "maçarico oxidrico", das "lâmpadas de arco", dos "fornos elétricos", mas um quarto de hora depois, bastava que eu pusesse o estetoscópio ao alcance da sua mão, para que se precipitasse ale-

gremente no que ele chamara uma hora antes de “quimeras infantis”.

Até 6 de setembro, antes que comecem as aulas, eu lembro que todo ano tenho por costume ir a Royat buscar minha sobrinha Martina. Antes de voltar a Chebli, onde meu cunhado é colono, ela vem, durante três semanas, tyrarizar deliciosamente seu velho tio.

Fui pois buscá-la. Tão logo a menina chegou tudo foi um encanto. Cantava de manhã à noite e, contente de haver-se livrado da sua governanta, perpetrava, certa da sua impunidade, tudo o que habitualmente lhe está proibido. Esta governanta, que se chama senhorita Woeb, e que eu batizei maliciosamente de senhorita *Verboten* (proibido, em alemão), atribuiu-se a tarefa de fazer de Martina uma menina “bem educada”. A quantidade de atos que uma menina bem educada não pode fazer é fenomenal. Uma menina bem educada não deve interpelar os transeuntes e não falar a não ser que seja interpelada; uma menina bem educada deve estar sempre limpa como se tivesse saído da caixa, deve brincar “com a areia” e não “com a terra”; naturalmente não sobe nas árvores, e não se disfarça, pondo em cima dos seus vestidos novos, farrapos centenários e puídos encontrados em um celeiro; os alimentos próprios ao seu estômago, ao seu intestino, ao seu crescimento, são-lhe, como é natural, distribuídos a horas fixadas e em quantidades minunciosamente determinadas.

Não em Royat, onde Martina poderia ter-se alimentado durante todo um dia de maçãs, ou transformar um coronel em um burro! Acostumada a me tyrarizar, à sua chegada julgou que Pierre N. devia ser uma espécie de tio “bis”, e que o manejaria ao seu gosto, no que se equivocou. Pierre N., convertido em tio Pierre, já estava dominado.

Ela logo descobriu o aerólito e veio bisbilhotar conosco. Eu temia que acontecesse algo. Sou bastante velho para ser intimidado, e a ideia de que o “lixo infernal” podia explodir em minha cara se alguma vez o roçasse não me assustava, e menos ainda a Pierre N., fatalista frente ao destino como um muçulmano. Mas nós dois tínhamos medo pela menina. Dissimuladamente tentamos afastá-la do aerólito, exaltando a beleza das flores, os encantos da horta e a graça dos coelhos. A garotinha era teimosa como uma mula e todas as artes conjuradas do seu verdadeiro e falso tio foram insuficientes. Terminamos por tomar nossas medidas.

Possuía - para me “fazer dançar”, como dizia Pierre, - uma fórmula especial e eficaz: “a menina quer”. Quando ela dizia isto, trocando um pouco os papéis: “Tio Pierre, vem brincar com Martina”, ele deixava tudo para dedicar-se a cortar papeis, transplantar, fazer caminhadas em quatro patas e outras ocupações, mais frívolas no fundo que algumas que se passam por sérias. Quanto a mim, desde “Martina quer brincar de se olhar nos olhos do tio”, até cavar, plantar, cercar um jardim em miniatura, não havia nada que eu tivesse a energia suficiente para recusar-lhe.

Mas logo Martina se deu conta de que haviam “Tabus”, entre os quais figuravam a lupa, o microscópio e sobretudo o estetoscópio. Para que servem dois deliciosos tios, se, como a senhorita “Verboten”, não dão tudo “à menina”? Possuem esses objetos para seu uso exclusivo? Assim pois, este delicado estetoscópio se converteu no objeto essencial da sua curiosidade.

Depois de ter-nos vigiado várias vezes no transcurso de nossos trabalhos habituais, acabou por pedir a Pierre N.:

- Tio Pierre, a menina quer aplicar seu ouvido na coisa...

“Tio Pierre” tentou resistir-lhe.

- Isto não é para meninas pequenas.
- E por que isto não é para as meninas pequenas?

Isto ninguém teria podido explicar-lhe. O estetoscópio foi então entregue a Martina. Com calma, ela se dirigiu para o aerólito, e, sem vacilar, aplicou sobre ele o estetoscópio. Era divertido vê-la tão séria e atarefada; várias vezes o trocou de lugar sem perder em nada seu ar de transcendental importância. A princípio, as idas e vindas de Martina com o aparelho na mão e ao ouvido nos parecia mais com uma brincadeira. Não pensávamos nem remotamente que ela estivesse escutando de verdade. No entanto, após ter mudado de lugar três vezes, minha diversão transformou-se em ansiedade. Sem dúvida alguma a garotinha também era sensível à misteriosa música, seu rostinho se modificava a cada instante, ficando cada vez mais atenta, mais tensa.

Aagitava-se como esses cachorros velhos e reumáticos que à noite dão voltas sem parar até descobrirem a posição mais apropriada para dormir. Por um momento escutou bem estirada (como às vezes eu fazia), e por fim ficou de cócoras. O tempo era magnífico: um sol esplêndido, não muito quente, que começava a declinar; Pierre em mangas de camisa, um chapéu de feltro posto de qualquer maneira sobre sua cabeça, em parecia estar mais inquieto que eu; nesta calma da natureza, algo inexplicavelmente angustioso havia surgido, desde que Martina, com o estetoscópio à mão, tinha se associado à nossa pesquisa peculiar. Creio que tanto Pierre quando eu estávamos envergonhados. Foi então quando, no silêncio da campina adormecida, uma pequenina voz, muito doce, proferiu estas palavras:

- Tio Frederic, o passarinho está cantando na gaiola...

Meu Deus! Não sou mais que um velho animal carcomido pela vida, mas essas palavras fizeram renascer em mim antigas fontes de poesia; eu fiquei, não somente estupefato, mas também convencido! De fato, na ordem humana, o que se aproxima melhor - ou menos mal - ao ruído que chegava ao meu ouvido quando auscultava o ponto 111, era certamente a ideia de um canto de um pássaro distante e parado; o canto de um pássaro encerrado em uma gaiola ensurdecida, Aproximei-me de Martina e beijei-a. Sentia uma certa apreensão, o sentimento (errôneo) de que as misteriosas mensagens do aerólito podiam fatigar, ferir, a garotinha (os velhos tios são como as jovens mães: descobrem perigos imaginários em todas as partes); talvez eu tampouco queria precipitar os acontecimentos, estropear esses estranhos minutos. Sorri para Martina e lentamente aproximei meu rosto ao dela, transfigurado por uma alegria inefável; sem dúvida ela queria brincar de olhar nos meus olhos, um dos seus passatempos favoritos, e em um instante fui presa do pânico, perturbado, pois vi nos olhos de Martina, não a imagem do meu velho rosto murcho como ordinariamente acontecia, e sim o coração do aerólito, sua alma, seu centro diretor, não sei muito bem como expressar isto... os seis (e não cinco) hexágonos já descobertos na fotografia, os trinta e seis centro ligados por linhas coloridas vibrantes, e entre eles uma maquinaria complexa na qual existiam formas definíveis pelas fórmulas da geometria humana, ao lado de outras extraterrestres.

Não estaria eu sendo o brinquedo de uma ilusão de uma auto-sugestão?

Me levantei e, com um dedo sobre os lábios, fiz sinal para que Pierre me seguisse.

- Eis aqui o que acontece - disse-lhe: - não quero dar falsas esperanças, mas creio que Martina "lê" no aerólito., seus olhos o vêm por dentro..., e eu vi nos olhos de Martina, sim.. hexágonos, seis hexágonos... ligados entre si. Um... um... verdadeiro comando. É isto!

Em 26 de setembro, Martina, com o estetoscópio nas mãos, dirigiu-se para o aerólito e nós a escoltávamos gravemente. Ela caminhava a passo vivo, ligeiro, saltitante, e aplicou o estetoscópio. Inadvertência? Adivinhação? Colocou-o ao contrário: a campânula ao seu ouvido e as olivas contra a parede do aerólito; logo, não conseguindo ouvir nada, fez um gesto de aborrecimento; alterada por um impulso de menina acostumada a ser obedecida, afastou o ouvido da campânula, e, aproximando dela seu olho esquerdo, irritada e batendo o pé, gritou: "Passarinho, abra a gaiola!"

No mesmo instante, uma parte do aerólito criou vida: foi como se uma grande abelha tivesse perdido sua carapaça; houve idas e vindas; alguma coisa alçou-se, saiu literalmente do interior - um bloco quase quadrangular, carregando um rolo como apêndice, um emaranhado de verrugas coloridas nas quais se distinguiam diversos objetos desconcertantes - uma bolsa de couro, e, cobertos de alumínio e perfeitamente visíveis, seis hexágonos. Tudo isto aconteceu muito rápido e seguindo, segundo parecia, movimentos retilíneos.

A garotinha não teve medo, apenas retrocedeu. Eu estava sufocado pela surpresa e balbuciei não sei o que. Constatei, entretanto, que a parte que se havia movido do seu lugar deixava ver um conjunto irregular de materiais móveis, parecidos com um quebra-cabeças.

Pierre estava perplexo. Parecia como se tivesse previsto este milagroso momento. Precipitou-se furiosamente sobre os hexágonos. Sem dúvida seus atos obedeciam a certos resultados matemáticos; por outro lado, enquanto apoiava dois dedos, e então três, depois quatro, depois cinco, sobre os botões dos hexágonos, seus lábios não paravam de murmurar; sem dúvida recitando alguma coisa depressa. Previdente, a velha raposa havia determinado perfeitamente o que faria quando os hexágonos fossem acessíveis.

Levamos o aparelho ao meu gabinete. Pierre N. parecia haver-me esquecido. O curioso é que ele não aparentava dar importância à forma como a aerólito tinha sido aberto, nem à presença da bolsa e do seu conteúdo. Eu o fiz notar isto.

- E então - disse-me, - querido Frederic, você que é capaz de decifrar um código em três semanas, não se "queima"?

- Não, não entendi.

- Bem! Lembra da maneira como foi "inventado" o dínamo-motriz?

- Naturalmente. O dínamo-motriz não foi absolutamente "inventado". Simplesmente constatou-se que o induzido, que quando gira produz corrente, gira quando a recebe. Meu professor de física chamava isto de um fenômeno de reversibilidade.

- É esse o cric, cric, meu querido amigo! O aerólito possui um coração, um local social, digamos melhor, um comando REVERSÍVEL. A princípio a conexão é uma conexão que, no sentido aerólito-Martina, dá a esta um som que ela transforma em uma imagem que nós, eu e você, podemos ver em sua retina. Estamos de acordo quanto a isto?

- De acordo.

- Depois ela fica impaciente, bate o pé, ordena à caixa que se abra. Note-se que somente a ordem verbal poderia não ter tido efeito, mas, simultaneamente conectada sobre o comando do aerólito, Martina criou em sua retina a imagem da "caixa aberta" e o comando obedeceu: *Exatamente* o fenômeno invertido. O som havia fabricado uma imagem, a imagem cria um som que é uma ordem. O resto não é simples; um aficionado a palavras cruzadas, tendo um pouco de ideia do que é uma progressão aritmética, teria adivinhado que esses seis hexágonos formavam o centro diretor.

Havia transcorrido apenas uma hora, desde que o aparelho se abriu, quando este havia perdido um dos seus segredos. Três botões acionavam um rolo, uma voz alçou-se rápida, mono-sônica, salmodiando um recital extraordinário.

MEMÓRIAS DE TEDDY KARRÉ

Pesquisador Confirmado em "A Guarda"

(Planeta 54)

A GUARDA

Meu Deus, como é imbecil esta vida! E fastidiosa! E estúpida! A minha transcorre procurando e correndo. Procurando é dizer muito. Encontrar sem nenhum esforço seria mais justo. A "Navegação Universal", a cujo serviço estou empregado, sulca o Infinito Astral com monstros devoradores de espaço, cujo rastro é invisível à velocidade em que vão. Tenho o pomposo título de "pesquisador". De vez em quando, um problema de balística, de espaço, de facilidade, de conforto, se apresenta. Seria interessante resolvê-lo para alguém que se dedicasse e o estudasse totalmente. Mas, ai!: está dividido em duas mil, cento e noventa e sete partes, às vezes em vinte e oito mil, quinhentas e sessenta e uma, e repartido entre a multidão de pesquisadores-estatísticos. A parte dada a cada um é delicada; o resultado, quase instantâneo.

Ontem, a direção da Universal - ou qualquer um dos chefes do "Cérebro Central U N" - decidiu fazer um estudo para a eventual perspectiva de um planeta esquecido, quase desconhecido, nada mais que o minúsculo homólogo de Thulé, miserável e pequeno esferoide (ou pseudo-esferoide?) conhecido pelos astrônomos sob o nome de "Ulyssettle", ou de Hirom, ou de Ilha de Jesus, ou de Terra 2.

Este esferoide figura no plano de Estudos Gerais no lugar centro e trinta e cinco. Pelo pouco que se sabe sobre ele, possui no entanto uma reputação bastante ruim. Muito jovem (não tem mais que 11.753 dos nossos anos), goza do menor "ciclo" conhecido: 18.000 anos terrestres! Menos de 5.723 anos em 54. A cada 18.000 anos, seus habitantes, embora muito parecidos conosco, destroem completamente tudo que haviam construído, criado, inventado. Voltam ao seu ponto de partida e começam novamente um novo ciclo para terminar com um resultado parecido, pelo menos até agora. A ciência avança muito lentamente. Os homens da Terra - nossos irmãos, por seu aspecto - precisam normalmente de trezentas gerações para aprenderem a trabalhar a terra, cem para aprender a utilizar o ferro, trinta para conhecer as delineações matemáticas elementares e dez para ter uma ideia não totalmente falsa do contexto do Universo. Uma vez tendo chegado neste ponto, são-lhes suficientes apenas duas gerações para voltarem à "Idade das Cavernas".

Parece que ainda agem à mesma maneira dos monstros e dos anjos. É curioso. Logo a Terra já não terá mais segredos para a Universal. Devemos ser mais de mil estatísticos ou pesquisadores, ocupados em sondá-la com *telescópio auditivo*, com *luminógrafo*, com o *pensoscópio*, com o *grafísono*, até com o *multi-cardiograma*, o *micro-alma*, o *micro-cubo*, o *colorógrafo*. Na verdade, será analisada até os mínimos detalhes. Por minha parte, meu trabalho é de uma simplicidade irrisória.

Meu informe se refere a cinco pessoas, que devo estudar com o *telescópio auditivo* e com o *multi-cardiograma*, e, se for preciso, com um *micro-alma*, durante um dia: o general Berthon; o advogado Barroyer; o senhor Joseph Moroto, comerciante; o senhor Mugnier, médico; e o senhor Vaillon, poeta. Isto já não é ciência, é policiamento!

Muitos outros habitantes da Terra serão investigados, escutados, sondados. Alguns

serão levados para 54 pra que sejam observadas suas reações em relação ao nosso Planeta. Tudo isto somado, colecionado, permitirá sabermos se é conveniente, ou não, trazer vários milhões de "terráqueos" para cá.

No fundo, para que? A Guarda, onde vivo, onde trabalho e onde, segundo todas as probabilidades, acabarei meus dias, contém, segundo o registro atual, 47.521.492 habitantes. Será que entre eles existe pelo menos um verdadeiramente feliz? Eu duvido. Então para que servirá molestar os terráqueos? Para que ensinar-lhes nossa ciência descomunal, sendo-nos ela superiormente inútil?

Os terráqueos, que embora consumam mel, ignoram que as abelhas resolveram definitivamente o problema da moradia e que descobriram a maneira eficiente. Eles, não obstante, vivem em moradias cortadas aos pedaços, de uma maneira bárbara e cheias de objetos cuja utilidade não compreendo.

É em uma dessas moradias onde eu posso observar o general Berthon. Tem pelos abaixo da boca e carrega uma faca muito comprida pendurada na cintura. Atualmente sua mente dá voltas em torno de um curioso incômodo, próprio dos velhos militares de vários planetas secundários: as hemorroidas. Esta enfermidade, desaparecida completamente em Thulé, ainda persiste na Terra. Ele não quer pensar mais nisto, e seu espírito, no geral um pouco lento, tenta trabalhar em outro sentido. Eu registro suas reflexões que não são nem muito esperançasas: "...seria preciso pelo menos doze divisões para ocupar uma cidade tão grande..., trinta bombas U a destruiriam completamente..., o triplo ressarcimento e o duplo avanço seriam naturalmente aplicáveis às tropas de ocupação..." Que plano! *General Berthon Espécime Raro*".

O senhor Barroyer está impaciente, muito impaciente. Prepara sua candidatura. (O que deve ser isto de uma candidatura?) Que significa essa multidão? E este homem de pedra?

A Galileu

Inventor da Gravitação Universal

Mártir da Ciência

Vítima do Obscurantismo.

SEUS COMPATRIOTAS AGRADECIDOS

A mania dos terráqueos: possivelmente tenham eviscerado este homem, e ei-los aqui, que agora lhe erguem uma estátua! O senhor Barroyer, de pé, lê um longo discurso. Se a faculdade de rir não tivesse quase desaparecido há muito tempo entre os habitantes de A Guarda, creio que eu teria tido um grande êxito defendendo este discurso: "Queridos e valorosos habitantes de Koesn en Art. Toda a humanidade é devedora a este ilustre sábio, a este *grande* pensador, a este mártir, da descoberta imperecível que faz do nosso pequeno planeta o centro de um mundo, e de Koesn en Art um desses elevados lugares onde mais floresce o espírito. Não quero esquecer nesta comemoração o nome daquele que foi meu mestre e amigo, o sábio professor Garot. Estão associadas em nossas memórias, senhores..."

Não está mal! *Senhor Barroyer, sofista inconsistente. Sem perigo*".

O senhor Joseph Moroto trabalhava em seus estabelecimentos quando meu *telescópio auditivo* o alcançou. Estava muito ocupado, pois tem que dirigir massas de pessoas e de objetos. Observei perto dele uma carteira transbordante de pedaços de papel, ainda em uso em certos planetas. Ele a vigiava com os olhos. O sistema de dis-

tribuição empregado na Terra 2 é bastante atrasado. Foi descartado por A Guarda há mais de doze séculos. Pedacos de papel de diferentes tamanhos são trocados por objetos de todo tipo, indispensáveis ou inúteis.

Parece que na Terra a posse desses pedacos de papel é o objetivo essencial da existência. O senhor Moroto possui muitos deles. Vende (tal é o termo consagrado) objetos muito heterodoxos: contadores de horas sujeitos a frequentes avarias, diferente utensílios para levar os alimentos às bocas dos humanos, cadernos, cristais... Seus movimentos são vivos, complexos, e a princípio dão a impressão de que são infundados. Eu estava bastante preocupado com a informação que deveria por em meu relatório, quando o vi pegar seu chapéu, sua preciosa carteira, amorosamente apertada contra seu coração, e correr para a casa do senhor Barroyer.

Sua entrevista foi cordial e instrutiva. O senhor Moroto desejava imitar os catálogos do seu competidor Cierpam. As leis terrestres castigam severamente este ato, qualificado como falsificação. Consultado, o senhor Barroyer deu ao senhor Moroto a forma jurídica de trocar essas leis fora de uso. Não foi questão do ilustre Galileu nem das suas imperecíveis descobertas. O senhor Barroyer recebeu, em troca dos seus preciosos conselhos, um feixe de papeis. O senhor Moroto entregou-os com um grande suspiro e o senhor Barroyer colocou-os rapidamente no bolso.

Sempre correndo, o senhor Moroto foi diretamente à casa do doutor Mugnier. Deduzi que os cinco nomes não me haviam sido dados ao azar.

O doutor Mugnier recebeu o senhor Moroto com grande deferência. O senhor Moroto estava sujeito, embora fosse civil, aos mesmos incômodos do general Berthon. O doutor Mugnier fez um exame muito completo no senhor Moroto. Declarou-se consternado, escreveu uma receita muito longa, propôs uma operação para a qual necessitaria de uma material considerável e a colaboração de dois "eminente professores e colegas". Novamente o senhor Moroto suspirou profundamente.

- Tudo isto será bastante caro - disse; - dois professores!
- As precauções nunca são demasiadas - replicou o médico.
- Quantos dias de clínica? - perguntou o senhor Moroto.
- Oito, talvez dez.
- Quando é preciso, é preciso - confessou o senhor Moroto. - Poderei ser operado logo?

O senhor Mugnier consultou uma agenda:

- Dentro de três dias - disse.

O senhor Moroto se foi, bastante melancólico. O doutor recebeu diversos clientes. A uns - como o senhor Moroto, - providos de grandes feixes de papel-moeda, lhes propunha longas, complicadas e custosas curas; a outros, ao contrário, não lhes pedia nada, e até lhes oferecia garrafinhas de uma substância roxa que eles apreciavam muito.

Deduzi de tudo isto, que o doutor Mugnier, além das suas funções propriamente médicas, se dedicava à "igualação" de fortunas. Eu já me propunha a observar o senhor Vaillon, quando o doutor chamou, com a ajuda de um antigo transmissor de sons com fios, seu colega, o professor Thomeret:

- Meu querido amigo - disse-lhe, - vamos "abrir" o senhor Moroto no dia 12. Nenhuma "centavo" a menos que 500 "dos grandes"

Daí a pouco se pôs igualmente em comunicação com o professor Gagnaire:

- Boas notícias: "cortaremos" Moroto no dia 12 com Gaspar. 500 "dos grandes" para abrir. Uma "pequena fístula" reincidente. Um negócio "estupendo".

Esta inusitada linguagem desconcertou um pouco meu aparelho de traduções -

que repetia: "centavo"? "estupendo"? "estupendo"? "centavo"? - mas não à minha *micro-alma*. Os três mercenários se preparavam para despedaçar o senhor Moroto durante seis meses, quando podiam curá-lo em cinco minutos. O senhor Moroto não parou de suspirar e de contemplar tristemente sua carteira cheia de dinheiro! As vias de distribuição são curiosas na Terra 2!

Que fazer com semelhante gente em A Guarda?

Eu escrevo:

Moroto, Joseph: comerciante, profissão anacrônica, a estudar.

Barroyer (adicional): Advogado, profissão anacrônica.

Moralidade: duvidosa.

Poderia ser utilizado em serviços de ócio e diversões.

Mugnier: Médico, distribuidor de bens.

Moralidade: excelente.

A ser utilizado após uma readaptação.

Naturalmente, tudo isto não é mais que uma impressão provisória. O *micro-alma* é garantido, e a troca de planeta pode transformar os homens.

VAILLON

Para meu *telescópio auditivo*, tem sido bastante difícil encontrar o senhor Vaillon. Em vão, durante horas, pesquisei todas as casas bonitas de Koesn en Art. Achei que era um erro de transmissão e fui ver se o senhor Vaillon vivia nos arredores. Estas coisas raramente acontecem, mas apesar de tudo às vezes se passam. É formidável. A infalibilidade desses instrumentos é um horrível fator de cansaço. Foi preciso então consultar o "Compêndio Geral".

O "Compêndio Geral", orgulho de várias gerações armazenadoras do saber, não merece, infelizmente, todos os elogios que lhes são feitos. A "greve parcial", sob a forma de plena aplicação dos "regulamentos", se desencadeou uma vez anteriormente. Em seu tempo, os geógrafos receberam uma fórmula concreta contendo, para cada aglomeração de seres humanos, sub-humanos e sobre-humanos, seiscentas e setenta e duas perguntas e um resumo. Responderam a todas, estabeleceram o resumo, mas nem mais nem menos. Isto deu resultados surpreendentes! Desta maneira era fácil saber os trinta nomes diferentes de uma cidade situada em um Planeta de processo oscilante e da história cíclica ondulatória, embora esta cidade tenha sido destruída vinte e nove vezes e que sua história completa date de milhões de anos. Pode-se encontrar a lista completa dos corpos químicos conhecidos em trinta e seis épocas diferentes em um dado ponto, o que da minha parte me é indiferente. Pelo contrário, se algum lugar possui um encanto não-equacional ou um poder irredutível à álgebra, geralmente não se faz menção disto, ou, em resumo, se faz em termos indiretos, matizados e, frequentemente, obscuros. Fato ainda mais curioso: A cidade é descrita, geralmente, sem que seja mencionada a Galáxia da qual faz parte!

Assim então, encontrei não somente uma "Koesn en Art" e sim várias. Uma verdadeira ladainha! Algumas, naturalmente, são "homólogas" chegadas a diferentes pontos de amadurecimento. Selecionei então três "Koesn en Art":

"Koesn en Art nº 46, antigamente Cosne en Adres, Bahl, Lutécia, Biblios... 4ª cidade por ordem de importância no Estado de Galzivinthe: 104.210 habitantes. Koesn en Art foi construída, em grande parte, sobre o leito do antigo rio Sena. Centro administrativo e turístico. A maioria dos seus habitantes se ocupa com trabalhos ditos inúteis, fantasias ou frivolidades como escultura, pintura, dança, Escolas de Direito, de Eloquência e de Geografia. Porcentagem muito elevada de desequilibrados. Sede de uma unidade militar. Grande número de monumentos de pedra, mármore, mica e galadita. As autoridades, bastante tradicionalistas, conservam cuidadosamente vetustos aparelhos e rabiscos muito antigos. Vários membros do avanço da sociedade planetária sobre a Terra de 625 anos luz, visitaram Koesn en Art e ali têm fixado sua residência."

De fato, esta Koesn en Art pertence à Terra 1, atualmente pobre, devastada e totalmente desprovida de poetas.

"Koesn en Art nº 2, denominação interplanetária de Paris (França), antigamente Lutécia e Biblos: 2.725.374 habitantes. Sede de correntes ondulatórias, pós-algéblicas particulares. Emanações mentais do Exterior. Sistema econômico estável, mas esmorecido. Preconceito muito acentuado contra a cor amarela. Forma de governo em pirâmide excêntrica. Conservatório renomado de animais, discursos e coloridos. Antiga capital da gastronomia."

"Koesn en Art, nº 183, ou melhor dito, Cosnes en Ardres: 133 habitantes. Povo agrícola. Pátria do sábio filo-zoólogo Ternicien. Sede de uma importante colônia de formigas com guarda-sol."

Estes textos despertaram em mim uma onda de curiosidade. Isto a princípio é um estorvo para o cumprimento do meu trabalho. O *telescópio auditivo* é um aparelho de automatismo perfeito. As ordens simples - isentas de impurezas, de preocupações acidentais, de elementos pessoais - são as que ele executa melhor e mais depressa. A onda de "curiosidade privada", ao entrar em um circuito onde não tem nada o que fazer, é perturbadora. A princípio foi de uma maneira excessiva. Bisbilhotei a cidadezinha de Cosnes en Ardres, descobrindo papai Ternicien, falando entre os animaizinhos, seus amigos, e passeando entre as colinas. Então deixei que meu *telescópio auditivo* deambulasse ao acaso sobre Paris. Sim! Nem eu mesmo explico! Isto bastaria para que me mandassem passear como perturbador, se a Universal estivesse me vigiando, coisa por sorte pouco provável. É a primeira vez que um pensamento tão descabelado me passa pela cabeça desde que comecei como pesquisador-estatístico há tantos anos!

Pois então meu *telescópio auditivo* passeou errante sobre Koesn en Art? (Paris)... Constatei ali várias desigualdades, uma ignorância e uma fantasia extraordinária. A noção de necessidade social é desconhecida ali. Não somente se ignoram as virtudes da cavidade hexagonal, como também as moradias estão divididas dentro de insensatas condições. Meu *telescópio auditivo* descobriu no alto de quase todos os imóveis, habitações ridiculamente estreitas as quais os homens chamam "sótãos"; Foi em uma dessas, situadas em cima do espaçoso andar do senhor Moroto, que eu descobri o senhor Vaillon.

Como o sótão do senhor Vaillon não tinha calefação - e a estação era ruim - encontrei-o vestido com um complicado vestuário: uma calça de listras, duas camisas, um cachecol, duas mantas, dois pares de meias e chinelos muito grossos. Uma lâmpada, de um modelo tanto em desuso como perigoso, servia-lhe para três coisas distintas: iluminava-o, esquentava-o e nela cozia seus alimentos.

O mobiliário era simples. Havia um divã, vários quadros, um ovo de avestruz pintado e adornado com pingentes de cristal, uma cafeteira, uma gaiola pequena, cuja porta estava aberta, e um gato preto. Perto do divã e pendurada em uma corda, uma máquina de contar as horas. Essas máquinas - ou outras semelhantes - são uma fonte de tormentos para a maioria dos planetas. Os homens não param de consultá-las, e sempre para "ir mais depressa", criando com isto preocupações. Quando um planeta é devastado, o que é frequente, acontece que todas as máquinas são destruídas e esquecidas, mas as máquinas de "contar o tempo" são, depois das máquinas de matar, as primeiras que são inventadas novamente.

O senhor Vaillon estava ocupado em um trabalho bastante estranho. Havia estendido à sua frente uma grande folha de papel e tinha na mão uma esferográfica procedente diretamente dos Estabelecimentos Moroto. A esferográfica vazava horri-

mente sem que o senhor Vaillon notasse. Nas mãos e no rosto do senhor Vaillon havia grandes manchas de tinta. Provido desses aparelhos, o senhor Vaillon escrevia palavras atrás de palavras, esforçando-se em acoplá-las duas a duas, segundo a sua sonoridade final. Esta fútil ocupação constitui a Arte muito antiga e esquecida de Poesia.

Aparentemente o senhor Vaillon levava este trabalho muito a sério. Então se levantava da sua cadeira, roçando nos pingentes de cristal que pendiam do ovo de avestruz; batia febrilmente no seu papel com a ponta dos dedos da mão esquerda; quando havia escrito algumas linhas, inclinava um pouco sua cabeça para trás e, tendo-as sopesado, consultado, avaliado, olhava-as com prazer, ou, às vezes, bruscamente as corrigia.

Impulsionado por esta longa tradição de disciplina e de obediência, que nós chamamos em A Guarda e em todo o Planeta 54 de "consciência profissional", dirigi para Vaillon meu *micro-alma* número 1. O *micro-alma* permaneceu inerte. Por um momento achei que estava avariado; mudei-o ligeiramente de lugar, e uma das suas ondas roçou, de passagem, o gato.

O resultado foi negativo. Comecei novamente com o *micro-alma* número 2. Nem o senhor Vaillon nem seu gato reagiram a este aparelho de extrema sensibilidade. Então testei-o com o senhor Moroto. O senhor Moroto também estava escrevendo. Preparava uma "circular" destinada à venda de *grafo-sons*, mas seu cérebro, sempre em ebulição, agitava-se com várias ideias ao mesmo tempo. O *micro-alma* número 2 me revelou que o senhor Moroto pretendia enviar três novas "circulares" a fim de recuperar o que lhe custaria a operação cirúrgica. Certamente o *micro-alma* funcionava. Tentei aplicá-lo outra vez no senhor Vaillon, mas foi em vão.

Normalmente eu teria que "prestar contas" ou escrever em meu relatório: "*Vaillon não observável ao micro-alma*". A Navegação Universal é um organismo sério. Não nos pede nada de excessivo. Nossas tarefas são claras e delimitadas. Incumbe os pesquisadores estatísticos de se ocuparem da tarefa que lhes é indicada com a ajuda dos aparelhos previstos para o caso, mas não a se abandonarem a desvarios da imaginação.

O funcionamento dos aparelhos que nos são confiados é normalmente coordenado pelo "Cérebro Central da Navegação Universal". Este combinado pensador, de uma eficácia extraordinária, não saberia onde bater com a cabeça se suas próprias delegações se entregassem a excessos de zelos, ou seja, à desordem. É evidente.

Entretanto, movido por um inexplicável frenesi, utilizei um após o outro, todos os aparelhos da minha coleção para decifrar Vaillon. O *multi-cardiograma* me deu a imagem do seu coração. Estava usado e enfermo. O *micro-cubo* me deu o volume total de Vaillon e a relação entre suas partes ósseas, carnosas ou cartilaginosas. Era o suficiente para que os cabelos da cabeça do doutor Mugnier se eriçassem. Tão insensata era minha excitação, que utilizei inclusive o *filmo-telescópio*, que era empregado somente em raras e excepcionais ocasiões, e cujo obturador é fechado por uma mão secreta.

O *filmo-telescópio*, igualmente aos outros aparelhos, foi impotente. Me deu uma visão muito vulgar do sótão, mas sem nenhum traço de *materialização do pensamento do Poeta*. Era então preciso conjecturar que ele não pensava "nada" ou "em nada"? Peguei novamente o *telescópio auditivo* e vi então o senhor Malborough subir de um salto nos ombros do senhor Vaillon. Os pensamentos do gato, igualmente aos de Vaillon, tampouco me chegavam! Então o gato começou a falar em linguagem "gatês". E o meu *telescópio auditivo* número 7 me permitiu entender, o melhor possível, as palavras do gato! O senhor Vaillon lhe sorria bonachão, enquanto lhe acaricia-

va o lombo. Este sorriso e este gesto com certeza faziam sentido para o senhor Malborough, mas este sentido era impenetrável para meus aparelhos.

- Querido Vaillon - dizia o gato, - já não seria tempo de deixares este trabalho e que fôssemos comer?

- ...

- Sim, mas você logo o terminará.

- ...

- Então eu mesmo me ocuparei disto.

E o gato - que, é preciso dizê-lo, não pertencia ao campo limitado das *minhas* pesquisas - abandonou de um salto o ombro de Vaillon e desapareceu pela janela.

Vaillon continuou seu trabalho e, falando sozinho, leu em voz alta o que havia escrito sobre sua folha de papel:

"Balada dos não se esqueçam"

Pouco depois, grandes flocos de neve começaram a cair (os homens da Terra não sabem, como os seus predecessores da segunda idade, dominar as perturbações atmosféricas). Assim que, no primeiro andar, nos quartos espaçosos do senhor Moroto, houve uma verdadeira bagunça; então o senhor Malborough reapareceu na claraboia do sótão, tendo entre os dentes uma pata de cordeiro. Depositou-a sobre a mesa perto do Poeta. O senhor Vaillon pronunciou, em voz alta, um discurso de uma grande transcendência moral. Agradeceu ao Gato, à Providência e às Nove Musas. Depois do que cozinhou a perna. Então cortou-a, comeu uma fatia muito pequena dela, deu um pedaço ao gato e envolveu o resto em um papel. Pensei que era para conservar melhor suas provisões, mas Vaillon abriu a porta e saiu de sótão em sótão para distribuir o que restara da perna. Devo fazer constar que seus favores eram bem acolhidos em todos os lugares. Os sótãos eram quase que unicamente habitados por gente inexplicavelmente pobre e desgraçada.

Redigi então a ficha de Vaillon, como se segue:

"*Agente ativo do Serviço Terrestre de Redistribuição.*"

RAID

O "Cérebro Central da Navegação Universal" já tomou sua decisão. Uma decisão de homens super sábios para quem somente a experiência vale. Os cinco "terrá-queos" serão levados sob minha tutela ao Planeta 54. As ordens recebidas são que deverão acreditar que é uma excursão bastante curta e que ninguém na Terra deverá conhecer seu verdadeiro destino.

Eles serão postos em contato com nossa "Civilização". Então veremos... Me deixaram os mesmos: o general Berthon, o senhor Barroyer, o doutor Mugnier, o senhor Moroto e o senhor Vaillon.

Antes de partir, eu recebi alguns dos papéis que parecem ser indispensáveis na Terra 2. O encarregado do "Compêndio" arranhou para mim, pois conhece bastante bem os costumes terrestres.

- É uma boa imitação - me disse. - Quando você chegar lá, servirão para que se vista com roupas novas.

Viagem sem novidade a bordo do AG6.

À chegada, e conforme as instruções secretas recebidas, o piloto-chefe colocou o AG sob os raios de um distorcionador de perspectivas, o que serve para torná-lo invisível aos olhos humanos e difícil de identificar até mesmo para nós. Muda continuamente de aspecto e quando o deixarmos os homens da Terra 2 acreditarão ter visto no mesmo lugar um avião terrestre, uma colina, uma pradaria ou um lago.

Este aparelho é um pouco lento. Foi preciso cerca de cinquenta e quatro dias para chegar! Minhas primeiras visitas foram ao sapateiro, ao alfaiate e a chapeleiro. Os habitantes da Terra acham indecente deixar a descoberto certas partes do seu corpo, em particular os pés, a cabeça e os braços. Tive que sacrificar-me a esses curiosos costumes, depois do que fui à casa do general Berthon. Expliquei-lhe que o eco dos seus talentos militares havia chegado até Silistron, e que ali se considerariam honrados em conhecer sua opinião sobre diferentes problemas de efetivos.

A este respeito, seus pontos de vista são muito restritos:

- Eu recomendo - declarou - o Serviço Militar Obrigatório de quinze anos. É um tempo mínimo, com seis anos de ordem severa, para começar, e três para acabar. Tudo se estriba em ter as tropas prontas.

- Estes são bons princípios - disse-lhe.

- A propósito. Gastos de Viagem? Gastos de Representação?

- Por conta do Q.G. de Silistria.

- E a Generala?

- Que Generala?

- A Generala Berthon, oras! Posso levá-la comigo?

- Isto não me parece muito indicado; as silistrianas são garotas muito bonitas, e

têm uma marcante fraqueza pelos generais. A Generala poderia inquietar-se...

- Efetivamente - disse-me - a Generala é, quanto este ponto de vista, pouco compreensiva

- Informe-a que vai para uma inspeção - disse-lhe. - Diga-lhe que a situação é grave e que há ameaça de guerra.

- E para voltar?

- Isto corre por minha conta - disse eu, com muito aprumo.

Com o senhor Barroyer, a coisa foi mais delicada. Não conhecendo a língua que se fala em Koesn en Art, tive que empregar o aparelho *Boldo*. Eu penso em 54 e me falo em Galzwinthiniano. Inversamente, escuto ou leio em Galzwinthiniano que me chega perfeitamente traduzido; infelizmente, o *Boldo* não conhece o argot. E o senhor Barroyer emprega-o frequentemente. Não me foi difícil persuadi-lo que em Silistria não podiam passar sem suas claras ideias jurídicas, mas me foi difícil identificar várias palavras importantes, tais como: "pasta" "branca" e "parné". Todas elas significam "dinheiro", e em linguagem corrente são traduzidas para um advogado pela palavra "honorários", do qual enviei ao senhor Barroyer um bom chumaço.

- Dou-lhe meus mais expressivos agradecimentos por sua retribuição - disse-me.

No entanto, o senhor Barroyer, solteiro, me perguntou se ficaríamos muito tempo em Silistria. Sem esforço algum eu o tranquilizei.

O senhor Moroto estava fazendo "o inventário", ou seja, a lista de todos os objetos que havia em seus armazéns Esperei durante quatro horas e assisti a todos os detalhes desta operação:

Uma empregada dizia:

- Conta-artigo B 027:140,

- Impossível! - gritava o senhor Moroto, - impossível! Deve existir pelo menos o dobro. Conte outra vez!

A empregada contava de novo.

- Exatamente 160, - dizia, aparentando um ar compungido.

Então o senhor Moroto, irritado, pegava novamente a dita conta-artigo e a dividia em pacotes de dez e alcançava o mesmo e idêntico resultado. Depois do que a mesma cerimônia se reproduzia para outro artigo. De vez em quando o senhor Moroto atravessava duas salas repletas de mecanógrafas e gritava ao velho contador:

- A posição, senhor Roussel? A posição?

Em seguida, o pobre senhor dizia a cifra. Mas o senhor Moroto nunca estava de acordo. Articulava palavras ininteligíveis para saber se o "valor" de X ou de Y estavam incluídos; então voltava a grandes trancos e, gesticulando, continuava seu trabalho interrompido.

Por fim recebeu-me e, sem sequer me olhar, convidou-me a sentar.

- Que diria você, senhor Moroto - disse-lhe, - de uma clientela de 13.562.164 pessoas?

- Eu estou sempre disposto a servir aos clientes - disse-me. - "Servir", e não "servir-se", tal é a divisa da nossa Casa.

- Esta clientela está lhe esperando.

- Onde está essa clientela? - perguntou. - Em Guiné? Costa do Marfim? Martinica?

- Um pouco mais distantes - disse-lhe. - A viagem durará alguns meses.
- Pagam em dinheiro? - perguntou o senhor Moroto, firmemente.

Pus em cima da mesa alguns papéis numerados.

- Meus diretores - disse-lhe - viram por acaso sua "circular". Estão interessados em seus artigos e me encarregaram de remeter-lhe algum dinheiro.

Entreguei-lhe um importante pacote de cédulas.

- É insuficiente - disse-me, mas guardou-as imediatamente em sua carteira.
- Não posso dar-lhe mais - eu disse, - mas, naturalmente, os gastos da viagem serão ressarcidos.
- Roussel, Roussel - gritou então, - a posição? A posição?

Voltou-se para mim:

- Isso é terrível. - disse, - ele já se foi. Não há jeito dele servir a alguém. Em troca, eu estou aqui! Ao pé do canhão.

Chamou:

- Maurice! Maurice!

E acrescentou:

- Vou apresentá-lo ao meu irmão e sócio. Não fazemos nada um sem o outro. E nós dois vamos ao fundo da questão.

Logo a seguir, chegou seu irmão. Joseph explicou-lhe minha proposta. A envergadura da viagem, embora bastante mal definida, era um pouco estranha ao senhor Maurice Moroto.

- É um pouco distante, Joseph - disse, e então acrescentou alegremente: - Bem, já que se trata de negros. Os negros são bons clientes. Compram tudo o que os demais não querem. Mas o retorno é pouco...
- Muito pouco - assentiu o senhor Maurice Moroto.
- Devolva-me então - disse eu, já cansado.
- Impossível! - declarou o senhor Joseph Moroto.
- Impossível! - opinou o senhor Maurice.
- Veja bem, nós "servimos", não "devolvemos" - explicou-me o senhor Joseph, e, para maior segurança, trancou a carteira em uma enorme caixa de ferro.

Era evidente que esses senhores gostavam de ir "ao fundo da questão". Me fizeram noventa e quatro perguntas. Citei-lhes dezesseis máquinas de uso corrente em 54 e que poderiam ser-lhes úteis. Nas dezesseis vezes me pediram o preço, que eu disse-lhes ao acaso, já que em 54 há muito tempo a noção de preço foi esquecida. Em todas as dezesseis vezes os dois contestaram em uníssono: "Muito caro!" Antes de ir-me, expliquei-lhes o funcionamento do olho empacotador utilizado em 54. O senhor Maurice me perguntou a que ritmo o fazia.

- 5.000 pacotes, mais ou menos, no tempo de uma hora terrestre.
- Com que percentagem de erros?
- Zero - disse-lhe. - O olho é infalível.
- Isto suprimiria todas as empacotadoras! - murmurou o senhor Maurice.
- Poderíamos estudar isto - disse o senhor Joseph. - Qual é o preço?
- Noventa e trinta "reox" - eu disse (esta soma correspondia ao preço marcado, nos armazéns Moroto, de trinta e seis trabalhadores, e não a julguei excessiva).
- Demasiado caro, demasiado caro! - disse maquinalmente o senhor Joseph.
- *Um pouco* demasiado caro! - retificou o senhor Maurice.

A tarefa de capturar "muito discretamente" os meus cinco terráqueos era, no que concerne ao senhor Moroto, árdua. Portanto lancei mão de um truque bastante simples. Levei o senhor Moroto para um canto e lhe disse:

- Estou um pouco preocupado porque o catálogo da casa Cierpam também se acha

em Silistria...

- Isso não me surpreende - disse-me ele, - são uns imitadores, uns falsificadores, uns traficantes infames, uns insolventes, uns...

- Sem dúvida eles mantêm contatos em sua casa, o que lhes permite..,

- Espiões, senhor, sem nenhuma dúvida. Eu não procedo assim. Quando me interessa saber alguma coisa referente a eles, vou eu mesmo.

- Se eles sabem então que você vai para Silistria, está em tempo de aparar-lhe a erva debaixo dos pés.

- E é a mim que você diz! - proferiu o senhor Moroto.

- Nessas condições, seria conveniente induzi-los a outro caminho, um país...

- ... Um país coalhado de insolventes, senhor, de maus pagadores, de patifes! Gostaria de vê-los esmagados pelos credores.

O doutor Mugnier me recebeu bastante bem. Me tomou por um cliente e disse-me em tom peremptório:

- Tire a roupa.

E então chamou:

- Patricia! Patricia!

Uma jovem entrou. Devia ser isenta dos habituais preconceitos terrestres, pois, a visão dos meus pés, do meu peito e do meu crânio não a surpreenderam em absoluto.

- Medidas!

Logo a seguir, Patricia, provida de uma fita de medir, pôs-se a medir-me por todos os lados. Dizia cifras que o doutor Mugnier escrevia precipitadamente. A pequenez e a altura do meu umbigo lhe entusiasmaram. A proporção entre a longitude do meu braço e a do meu antebraço o deixou perplexo. Contaram minhas vértebras três vezes consecutivas antes de admitir que tinha de fato dezesseis e não vinte e quatro, mas foi ao auscultar-me que o entusiasmo do doutor chegou ao limite máximo:

- Duas pulsações simultâneas! Uma tríplice arritmia! Um caso único!

A emoção, como o calor da salamandra, o faziam suar. Secou a fronte um pouco envergonhado das suas manifestações.

- Senhor - disse-me, - tenho uma notícia muito importante para comunicar-lhe. Sobre tudo não se emocione. O caso é único, mas sem perigo, acho: você tem dois corações.

- Tenho igualmente duas circulações sanguíneas independentes - disse-lhe.

- Isto é prodigioso!

- Mas não foi com referência a isto que eu vim visitá-lo, doutor. Vivo em um país um pouco particular, onde o uso do coração de segurança é geral. Meu tio avô, que é um homem prudente, tem três. Eu vim visitá-lo, doutor, exatamente para convidá-lo a que visite essa região, onde seus conhecimentos seriam...

- Patricia! Patricia! Rápido, minhas malas. Já deviam estar prontas. Dois corações! Dois corações! A propósito, senhor, quantos pulmões tem?

- Quatro, doutor.

- E baços?

- Nenhum.

Com ele eu não tive que inventar nada. Meus dois corações o haviam entusiasmado até o limite.

Faltava-me fazer Vaillon se decidir. Encontrei-o escrevendo sua balada.

Ordens são ordens, entretanto experimentei uma certa repugnância ao ter que mentir para o Poeta. A princípio me enrolei em uma extravagante história da Academia de Silistria, onde sua notoriedade era... seria...

- Senhor - disse-me ele, mostrando-me um velho baú cheio de papéis amarelados, - aqui estão meus poemas desde que os escrevo. A menos que o vento tenha levado algumas tantas quartilhas ou que alguma fada me haja subtraído algum chumaço de papel, não vejo como a Academia de Silistria poderia ter se interessado por mim. Não estará você me confundindo com algum outro?

- Mas com quem?

- Não sei! Talvez com o senhor Godin-Fourrier, que é um Poeta oficial muito famoso, de cujo "Colar de Esmeraldas" foram tirados mais de duzentos exemplares.

Ele tinha tal candura que apesar das ordens recebidas eu tive a inspiração de não enganá-lo mais.

- Estou encarregado - disse-lhe - de convidá-lo para passar uma temporada no Planeta 54.

- Isto é muito amável de sua parte - disse ele. - A princípio, eu teria gostado de uma viagemzinha à lua, mas sem dúvida devo deduzir disto que as Artes, deixadas um pouco de lado por cá, ainda estão no auge em sua estrela?

- Não precisamente - confessei, - não precisamente! Não obstante, sua visita é muito esperada, em particular por... mim...

- Neste caso, senhor, fica combinado que irei. A propósito, existem ratos nessa estrela?

- Não, creio que não - disse-lhe. - Pelo menos não me recordo de tê-los visto.

- É uma lástima, Malborough ficará entediado. A propósito, tenho que confessar-lhe, senhor, que tenho um gato. Nós dois nos fazemos companhia.

- Não ignoro este detalhe - respondi-lhe.

- Neste caso, você deve saber que meu gato tem alguns caprichos, caprichos de gato, se é que me entende. Ele caça.

- Os ratos?

- Não exclusivamente, ele caça igualmente pássaros, e, caso se apresente uma ocasião, algum frango, mesmo frio, ou carne, mas não é a mesma coisa. O rato é... sua fraqueza. Nisto ele põe todo seu amor próprio.

Chamou:

- Malborough! Malborough!

No mesmo instante o gato chegou e ficou ronronando justamente em cima do poema...

- Ele é um pouco descarado, mas é serviçal e inteligente.

- O convite não se referia ao gato - aponte eu, fracamente.

- Então eu sinto muito - respondeu Vaillon, - já que eu não poderia abandonar este animalzinho. Que podemos fazer? Não irei à sua estrela.

- Você irá - disse eu. - Nós levaremos o gatinho.

Era a segunda vez que, por Vaillon, eu ignorava as "ordens". Por que? Isto é o que eu não posso me explicar.

FASE MOTRIZ

Meu *micro-alma* captou o senhor Joseph Moroto em plena crise de desconfiança. Ele se pergunta, que “armadilha” pode encerrar meu oferecimento, cujo lado “gratuito” é para ele incompreensível. Contou e recontou mais de vinte vezes meu “dinheiro” e assegurou-se da autenticidade das cédulas. Discutiu uma tarde inteira com o senhor Maurice Moroto. O senhor Maurice era da opinião de que deveriam preparar logo uma circular especial para 54, na qual o preço seria cinco vezes maior. O senhor Joseph Moroto opina que isto é um gasto supérfluo e que mais vale orientar-se primeiro a fim de poder aumentar, talvez cinco, se não seis vezes o preço. Finalmente decidiram “consultar o senhor Barroyer”. O senhor Barroyer é uma das fraquezas do senhor Joseph.

O senhor Barroyer os fez esperar em sua ante-sala

O senhor Joseph perguntou-lhe primeiramente quais seriam “as repercussões jurídicas” se ele pura e simplesmente guardasse o dinheiro recebido, dada a ausência total de um recibo.

- Você compreenderá que eu não tenho vontade alguma de me meter na boca do lobo. Não vou e acabou-se. Isto é tudo.

Aqui então o senhor Barroyer entrou nos meandros do procedimento, e meu *Boldo* teve enormes dificuldades. O jargão do senhor Barroyer era de difícilíssima tradução. Não obstante, o senhor Barroyer aconselhou o senhor Moroto a fazer a viagem, mas disse-lhe que levasse muita “pasta”⁽¹⁾. Crê ele, por acaso, que vamos matá-los de fome?

No último momento, a questão “bagagens” me custou muitas palavras. O general Berthon queria levar seu cavalo para “passar em revista” a guarnição de A Guarda. O senhor Barroyer levou quarenta livros enormes, onde parece que estão escritas todas as leis de Galzwinthia.

- Isto é realmente necessário? - perguntei-lhe

- Muito - disse ele; - é até indispensável. Para cada caso em Galzwinthia, existe um artigo que diz “sim”, um que diz “não”, e outro que não diz “sim” nem “não”. Com certeza meus colegas de A Guarda apreciarão esta diversidade que forma todo o encanto da nossa profissão.

O doutor Mugnier, muito agitado, pediu meu conselho.

- É sua pessoa, doutor, que esperamos - disse-lhe eu. - Para o resto, vocês encontrará tudo que precisar em A Guarda.

Com a ajuda desta mentira ele não levou mais que algumas veneráveis relíquias, em particular um antiquíssimo estetoscópio, alguns medicamentos, quinze garrafas do “Célebre Depurativo do doutor Mugnier”, um receituário e um bloco de notas.

O senhor Moroto levou uma grande quantidade de dinheiro galzwinthiano, vários talões de cheques e três malas de “amostras”. Um verdadeiro mascate.

Vaillon foi mais razoável: seu gato, duas camisas, um cachecol, três livros e uma

(1) Aqui o autor faz um trocadilho com a palavra pasta: massa italiana x dinheiro(jargão do advogado)N.de Esp.

enorme gravata, constituíam toda sua bagagem.

O AG6 é um aparelho de absoluta segurança.

O piloto-chefe, tinha o mesmo nome do planeta do qual procedia seu aparelho, afetado pelo coeficiente U.L de sua travessia mais longa, ou seja, Mercúrio 326. Seus três colegas se chamavam, como exigia o costume, Mercúrio 325, Mercúrio 324 e Mercúrio 323.

Em geral, esses pilotos são singulares. Mercúrio 325 notou logo que “essas cinco figuras, que eram os passageiros, não lhe pareciam *a priori*, capazes de jogar o *Koer*”. Tive que reconhecer que no estado primitivo em que se encontrava a matemática terrestre, nem um só terráqueo poderia compreender este jogo.

- Uma lástima! - disse-me, - uma lástima...!

Eu também tinha a mesma opinião, pois jogar o *Koer* era, de certo modo, uma das principais ocupações dos pilotos e dos navegadores.

Mercúrio 324, tendo catalogado meus cinco passageiros, perguntou:

- É um clube de solteiros?

- Não - disse-lhe eu, - estão mais próximos de notáveis.

De fato, desde o princípio da viagem que os quatro Mercúrios pareciam pouco inclinados a conversar com os terráqueos. Notei que particularmente Mercúrio 324, ao invés de carregar seu *Boldo* perto do coração, havia-o guardado em seu camarote. Isto raiava a grosseria, mas os navegantes são assim; passam de uma excessiva familiaridade para um retraimento insalubre. Na maioria, a imensidão das rotas e a frequência das grandes viagens mataram toda sua curiosidade. Os planetas são, segundo eles, simples escalas sem interesse. Ao contrário, adoram o *Koer* e frequentemente são extremamente galantes. Na ida eu já havia notado que Mercúrio 323 sentia uma certa inclinação por Suc May, nossa linda *aeromoça*. Fiquei surpreso. O exame chamado “Quádrupla Virtude” por que passam todas as *aeromoças* é de um nível muito elevado. O “Bem do Serviço” exige que enquanto se achem a bordo permaneçam, em seus momentos livres, em uma rigidez total, especialmente com a tripulação. Elogiar, agradar, galantear uma *aeromoça* a bordo de um AG6 constitui, pois, para um piloto, um ato pouco razoável, fatalmente infrutífero e, para dizer a verdade, um delito! Entretanto era disto que se ocupava frequentemente Mercúrio 323. Em sua defesa, devo fazer constar que ele é muito jovem. Sua idade mercurial é de apenas trinta anos, o que equivale mais ou menos a cento e vinte anos terrestres.

O AG6, aparelho muito seguro, funciona segundo uma fórmula de aceleração geométrica, o que faz com que ultrapasse em alguns minutos a velocidade do som, e em dois dias, a da luz. A frenagem está representada pela fórmula inversa.

A princípio, a aceleração ou a frenagem são perfeitamente contínuas e não têm qualquer influência sobre os órgãos dos homens. A cadência cardíaca está sincronizada pelo aparelho *Wright*. As viagens no AG6 seriam então monótonas, se não fossem os asteroides, os meteoritos, as retificações de rota e as viagens, não em propulsão e sim em queda-livre.

Eu havia recomendado a Suc May que instalasse na mesa, um ao lado do outro, o senhor Moroto e o general Berthon, o senhor Barroyer e o doutor Mugnier, o senhor Vaillon e eu.

A princípio esse arranjo parecia bom. A bordo de uma astronave, quanto menos se conhece o seu vizinhos mais uma pessoa se distrai. No entanto os primitivos arranjos não duraram muito. O general, pouco ao corrente dos costumes da "Navegação Universal", saiu ostensivamente do lado do senhor Moroto e instalou-se à direita de Suc May. O senhor Vaillon, por quem eu sinto uma preclara inclinação cardio-simpática, sem abandonar-me totalmente, fez frequentes incursões à esquerda da *aeromoça*.

O senhor Moroto perguntou se existia um "médico de bordo" e, em vista da minha negativa, pediu ao doutor Mugnier uma consulta.

As paredes do AG6 são lisas e providas de escotilhas translúcidas. No transcurso da primeira hora, e enquanto nosso contador de velocidade marcava somente um décimo milionésimo da unidade-luz, demos uma volta a um pequeno astro que consta em nosso plano astronáutico sob o número 219.107.

- É nossa irmã, a Lua - disse-me Vaillon. - É uma lástima que não possamos parar um pouco.

- Podemos dar uma olhada.

Transmiti ao piloto-chefe, como se fosse meu, o desejo de Vaillon. Bastava um ligeiro desvio de rota. Logo em seguida o general Berthon ficou amarelo e o senhor Moroto, muito propício ao que parece, a ficar mareado em viagens, começou a gritar:

- A mim! A mim, doutor! Estou morrendo!

O doutor, apesar de também estar um pouco indisposto, mesmo assim precipitou-se para socorrer seu paciente. Graças ao regulador *Wright*, o coração do senhor Moroto não batia mais que quatro pulsações. O doutor estava tomando seu pulso e se assustou muito.

- Senhor - disse-me severamente, - posso perder meu melhor cliente e não posso nem mesmo realizar uma consulta.

- É inútil uma consulta, doutor; não há razão para assustar-se. Quando alcançarmos a velocidade de oitenta e três mil cento e sessenta e nove unidades-luz, nosso coração cairá, sem risco algum, para a cadência de umas duas mil cento e noventa e sete pulsações por hora. Por conseguinte, já não poderemos medir suas batidas senão com o *micro-cardiograma*. Não haveria perigo, mesmo que o regulador *Wright* deixasse de funcionar. Pelo contrário, é uma sorte que o general Berthon não tenha trazido seu cavalo. Os animais são sensíveis ao contexto das trajetórias - apesar do regulador *Wright*, - em proporção direta ao seu peso. Um gato é trinta vezes menos sensível que nós e um cavalo, doze vezes mais! Se Veronís estivesse aqui, seria preciso que diminuíssemos a marcha doze vezes para evitar-lhe danos graves, ou doze vezes mais para matá-lo.

O senhor Moroto, que se sentia um pouco melhor, tirou do bolso um pacote de pastilhas de menta.

Pouco depois, chegamos a uma distância visual da Lua. A atmosfera deste pequeno astro foi aspirada há muito tempo e desapareceu no espaço. Primeiramente vimos o lado orientado para a Terra, que era inteiramente negro. Em sua superfície apareciam às vezes manchas claras e pouco duradouras.

- Hurra! - grita Vaillon. - Estão acendendo fogos em nossa homenagem.

Na realidade, o que víamos era um bombardeio de meteoritos, como é frequente na Lua. Não me atrevi a desenganá-lo, mas essas explosões não podiam passar despercebidas ao olhar competente do General que, mudando bruscamente de lugar,

correu para a vigia situada justamente em frente à Lua e disse com uma vez terrível:

- Pardiez! Eles estão se batendo! Há uma guerra na Lua! E nós estamos nas cadeiras da primeira fila! Tomás ficará entusiasmado quando eu lhe contar! Não poderíamos parar um pouco?

- Isto não é possível - disse-lhe.

Passamos a primeira fase da Lua e percebemos a segunda, brilhante, avermelhada, e adornada com as mais vivas cores. Em seguida, Vaillon pegou um caderno do seu bolso e começou a escrever um soneto em honra da "sua irmã Lua". Desaparecida a Lua, eu esperava poder entregar-me às delícias do sono, mas não contava com meus hóspedes. O general Berthon estava prodigiosamente interessado pela "artilharia lunar":

- Senhor - ele disse, - estou interessado em tomar notas sobre alguns dados referentes a esses projéteis. Calibres?

- Por volta de 16 *megas*, ou seja, no sistema da Terra 2, cem milhões de metros cúbicos.

- Velocidade?

- Na sua chegada à Lua, ao redor de 1/6.000 de unidade-luz, ou, se prefere, cerca de 50 km por segundo, em unidades terrestres

- Peso?

- Cinco *wizli*, em unidades absolutas, ou seja, 1 gramo por mil metros cúbicos, em unidades terrestres.

- Mas então - perguntou-me o General, - seu poder de perfuração é nulo! Lacrimogêneos?

- Não!

- Fumígenos?

- Não!

- Esternutatórios?

- Em absoluto!

- Não era então um verdadeiro bombardeio?

- Não - disse-lhe.

O General scandalizou-se com minha resposta.

- No entanto têm um poder destruidor. Se em nossa trajetória houvéssemos nos chocado com um deles, quando passávamos dos 1/100 de unidade-luz, teríamos voado aos pedaços.

Desta vez foi o senhor Moroto quem ficou inquieto pelo valor do seu seguro, perto do senhor Barroyer. E este nos deu um verdadeiro curso sobre direito interplanetário:

- A jurisprudência - concluiu, - não é muito copiosa. Creio no entanto poder inferir que, enquanto estejamos na órbita da Terra, o seguro subsiste. Este caducará no momento que passarmos pela linha que nos separa da gravitação.

Suscitou-se uma enorme discussão.

Enquanto eu dormia, ouvi a palavra "provisões".

Quando despertei, Vaillon já havia terminado seu poema e, fazendo a dedicatória, lia-o para Suc May. O doutor Mugnier tomava o pulso de cada passageiro a cada hora. O pobre homem ainda não acreditava na absoluta eficácia do regulador *Wright*. A fim de tranquilizá-lo, sugeri que ele tomasse também o pulso do gato. Durante o curso das viagens interplanetárias, ocupar os passageiros é um trabalho árduo, sobretudo a bordo de aparelhos pequenos nos quais não costumam ser muito numero-

sos.

Tomar o pulso de Malborough foi algo difícil. Em primeiro lugar, o gatinho detestava os médicos. O doutor Mugnier perseguiu-o em vão, desde o "Cérebro Náutico" até as placas aquecidas. O gatinho não deixava que ele se aproximasse e dava uns saltos prodigiosos. Por sorte estávamos em fase motriz de voo e não em voo balístico, caso em que o pobre gato teria se transformado em papa. O senhor Moroto, muito interessado nessa perseguição, não demorou em tomar parte ativa nela; até o general Berthon não vacilou em comprometer sua dignidade.

Lançados em perseguição do pobre gatinho, corriam, chocavam-se, tropeçavam e juravam em vão. Vaillon recitava versos a Suc May, não os seus, e sim os de predecessores seus muito ilustres. Irritado, o piloto-chefe acabou dando alto. O doutor Mugnier, sufocado e com os olhos foras das órbitas, sentou-se.

- Meu querido Vaillon - disse, - você não poderia prender o gato a fim de que o doutor tomasse seu pulso?

- Com muito prazer.

E Vaillon chamou:

- Malborough! Malborough!

Logo a seguir, Malborough pulou no seu colo. Vaillon acariciou-o e, segundo um velho costume, quis fazê-lo "dar a pata". O gato resistiu inexplicavelmente. Vaillon o admoestou:

- Vamos, Malborough, dê pata.

O gato obedeceu imediatamente.

- Doutor!

O doutor apressou-se em "procurar o pulso", mas o gatinho eriçou seus pelos; o médico constatou que Malborough tinha muita força e nem sequer conseguiu fazê-lo levantar o pescoço.

- Ora que gato mais teimoso! - grunhiu.

- Não é que ele seja teimoso - eu disse, - simplesmente ele tem mais força que você. O aparelho de *Wright* é um regulador cardio-pneumônico perfeito. Reduz o coeficiente de circulação respiratória e sanguínea exatamente nas proporções necessárias para anular o efeito da "leveza" gradual, ou seja, na relação inversa dos volumes.

- Você está querendo dizer que este gato...?

- Este gato tem seu potencial vital reduzido em função da sua massa, que é dezesseis vezes menor que a sua, sua filtração pulmonar é dezesseis vezes menor, a relação entre as energias vitais terrestres e as suas atuais é pois, aproximadamente, de um para dezesseis. Isto quer dizer que o gato poderia derrubá-lo somente empurrando-o com a pata.

Não é que finalmente o *Boldo* contactou o gato? Este deu um grande salto e pulou do colo de Vaillon, de passagem aplicou em seu inimigo íntimo um golpe de pata de tal forma que o médico rolou no chão. Aturdido, o médico levantou-se murmurando e com o monóculo quebrado.

Eu fiz o quanto pude para consolá-lo:

- Se houvesse um rato a bordo - disse-lhe, - seria, por sua vez, sessenta vezes mais forte que o gato. E uma pulga...

- Uma pulga?

- Uma pulga seria quase invencível.

Não obstante, Malborough não era mau. Com boas palavras Vaillon conseguiu auscultá-lo. Seu coração batia muito depressa: seis pulsações por dia terrestre, ou seja, dezesseis e não dezessete vezes mais depressa que a dos passageiros terrestres.

Desde o quarto dia de viagem eu tive que reconhecer a eficácia de uma das nossas leis, a qual obriga às *aeromoças* a fazerem o exame da "Quádrupla Virtude".

Era de todo evidente que Suc May tinha quatro admiradores a bordo, no entanto eu estava completamente seguro de que ele não sucumbiria a nenhum deles.

O general Berthon retorcia seus bigodes com ar marcial e narrava-lhe suas proezas militares. Vaillon escrevia poemas e lhe contava histórias. Malborough ronronava em sua honra quase tanto como Vaillon, mas Mercúrio 323, sem dúvida alguma, era o mais atacado do "mal do amor". Pintava as unhas de verde, os cabelos de azul, os dedões dos pés em ocre. Suspirava sem cessar e durante seu último turno de vigília cometeu um erro de rota de cerca de mil cento e quatorze avos de *mega*! Não se separava do seu *Boldo*, mesmo durante o serviço, o que lhe valeu uma reprimenda de Mercúrio 326. E o pior de tudo, coisa rara em um habitante de 54, ele estava enciumado!

Ouvi-o inclusive fazer piadas, que não vinham ao caso, com os "generais de opereta", os "gatos de telhado" e "os enroladores de rimas". Enervava-se terrivelmente quando Suc May dirigia algumas palavras amáveis ao General e ao poeta. Podia-se temer o pior. Sendo os sintomas do ciúme e da cólera em 54 diferentes dos da Terra, o General continuava alisando e retorcendo seu bigode e Vaillon continuava compondo e declamando.

Assim pois, julguei oportuno buscar uma saída. Eu havia constatado - quando dei meu telescópio passeando sobre Koesn em Art número 2, - que uma das diferentes ocupações dos terráqueos eram os jogos. Dirigi-me então ao senhor Moroto.

- Jogos? - disse-me ele. - Ah! Jogos! Jogo de Bridge Moroto: cartão superfino, 52 cartas, 3 coringas! O único com cartas laváveis e quatro marcadores! Poker Moroto: inimitável, infalsificável, cautelosamente imarcáveis! Damas Moroto: 64 casas garantidas em madeira extra, peões inoxidáveis! Rei com coroa! Rainha sem manto! Tenho uma amostra de cada um deles. Meu querido Karré, vou ensiná-lo a jogar! Gratuitamente, gratuitamente! Quando você tiver aprendido um pouco, talvez possamos jogar uma partida.

Creio que é jogando com os terráqueos que os homens (inclusive os não equacionais) e as mulheres de 54 podem apreciar melhor a profundidade do abismo que nos separa.

Eles acham que seus jogos de naipes estão baseados na sorte, na habilidade e na memória. Na realidade, as combinações possíveis são ridiculamente limitadas. Sem recorrer a nenhum aparelho, resolvi todos os problemas do bridge e de outros jogos em duas horas. O número total das principais combinações no bridge representa 2.3/1. Ao meu ver, a única coisa curiosa neste jogo é que cada jogador tem treze cartas, quando o número de cifras dos terráqueos ascende a 10.

Organizamos então uma partidinha. O senhor Moroto, tendo-se dado conta da fraqueza do General e de Vaillon, insistiu para que jogássemos a "dez centavos" por ponto. Normalmente, em poucas jogadas, todos os fundos disponíveis teriam ido acabar em meu bolso. Assim a partida teria durado muito pouco! Mas o senhor Moroto teria morrido de tristeza e eu ficaria entediado, já que os problemas do bridge (?) somente excitariam um recém nascido de 54. Estabeleci então, mentalmente, as

equações de equivalências e, jogando em potência 3 contra Moroto, em potência -3 contra o General e com potência -6 contra Vaillon, obtive um resultado contínuo. O dinheiro de Vaillon ia para o bolso de Moroto e uma pequena parte para o de Berthon; o dinheiro de Berthon ia para o bolso de Moroto; o dinheiro de Moroto vinha para o meu e eu não tinha que fazer mais senão redistribuí-lo.

Depois de onze horas consecutivas, o senhor Moroto, que tinha 26.516 pontos sobre Vaillon e 12.650 sobre Berthon, me devia 39.165. Não estava ganhando, então, mais que dez centavos. Estava furioso. Vaillon ganhava 60 centavos e Berthon somente 20. Vaillon confessou sorrindo, a Suc May, que teria preferido perder.

A ignorância dos terráqueos em matemática é prodigiosa, e neste aspecto nós somos, sem discussão, muito superiores. No entanto, eles possuem o dom da paixão por besteiras e de rir por nada.

Durante todo o tempo dessa interminável partida de bridge, o rosto do General não parou de dar mostras de uma alegria quase infantil; Vaillon fatigou meu *Boldo* com suas gírias em argot; o senhor Moroto jogava triunfalmente seus trunfos, e admoestando seus companheiros, esqueceu-se durante onze horas de fazer a propaganda dos artigos do prodigioso catálogo Moroto.

QUEDA LIVRE

As viagens siderais apresentam diferentes fases. Ao decolar em propulsão motriz e em aceleração gradual, o passageiro médio não se sente incomodado nem estranha. A força motriz empurra tudo: o aparelho, o homem, suas roupas, seus pulmões, seu coração, seu estômago. Fica envolvido em uma gravidade cada vez mais fraca, mas sensível. Pode manter-se de pé ou deitado e possui um centro de gravidade. Alguns aparelhos de muito luxo ou destinados a pessoas pouco apressadas fazem toda a viagem somente a propulsão.

Nas rotas importantes, o AG6 emprega a propulsão ao decolar, então se serve da boa e velha técnica do "voo por inércia", ou seja, deixa-se "lançar" pela atração dos planetas situados em sua rota. A economia de energia assim é considerável e o procedimento é elegante.

O General estudou na Escola Politécnica. Está muito orgulhoso disto, e por isto faz um sem fim de perguntas a Mercúrio 324 quando este último está com seu *Boldo*, o que infelizmente raramente acontece. Hoje Mercúrio 324 estava muito bem humorado, e explicou ao General as equações de Fréhal, graças às quais um novato pode, a rigor, conduzir por uns instantes um AG6. O General, muito interessado, tomava numerosas notas. Deve ter comprado um caderno novo a Moroto. Neste terreno, eu admirei a extrema cortesia de Mercúrio 324. Essa Escola Politécnica da qual o General e alguns dos seus companheiros fazem tanto caso, deve ser, a julgar pelos conhecimentos do primeiro, algo assim como uma imitação pobre dos nossos "Jardins de Infância". Se pelo menos o General não soubesse nada! Mas que seja! Sua cabeça está cheia de falsas equações e de dados surpreendentes e extraordinários, tanto sobre a velocidade como sobre o tempo. E além do mais é cabeça dura! Capaz de repetir por cinco vezes seguidas a mais espantosa idiotice. Afortunadamente - salvo quando estão agitados ou alienados pelo "mal do amor" - os homens de 54 são de uma paciência extrema.

Por outro lado, a paciência de Mercúrio 324 está aumentada por uma razão que o General, pobre psicólogo, provavelmente jamais se dará conta.

Suc May, como todas as *aeromoças*, tem horror aos números. Uma equação de velocidade a deixa transtornada. Desta forma, durante o tempo em que a cabeça obtusa do General luta com as variáveis do nosso mestre o "Tempo", Mercúrio 323 não tem mais que dois competidores ao invés de três. Eis aqui um dos aspectos da grande Fraternidade que une a todos os Navegadores Astronáuticos

O General compreendeu a teoria do voo por inércia. Agora ele sabe que utilizando a atração planetária e recuperando a energia solar um AG pode, em certos casos, voltar à sua base com um potencial de velocidade igual e às vezes superior ao que possuía ao decolar. Mas no que concerne à contração do "Tempo", à sua reversibili-

dade, não há modo de meter isto em sua cabeça. Responde sem cessar: "Sim, sim, compreendo!...", mas um momento depois sustenta obstinadamente que seu cronômetro e o cronógrafo de Moroto - a que os dois dão corda com sumo cuidado - marcam que estamos a 17 de março, quando nos calendários terrestres a data deve ser de 26 de maio.

Nos aproximamos de Mercúrio. O voo "combinado" e então em queda livre, me assusta muito em relação aos terráqueos. Estes não possuem coração substitutos e um acidente acontece rapidamente. A meu pedido, Mercúrio 325 aceitou contornar este planeta em "propulsão". Este planeta por si só pode resume vários climas estelares.

Vaillon ficou maravilhado com a visão do planeta. Suc May já o havia visitado.

- Sua face terrestre é glacial - explicava ela; - sua face solar, ardente; mas no limite entre as duas existe um faixa clara de reputação única. Inabitável para os humanos na quase totalidade de suas duas fases, Mercúrio é rodeado por uma faixa vegetal prodigiosamente abundante, mas exposta a terríveis tempestades. Os habitantes renunciaram a construir suas casas no solo. A vegetação é muito exuberante e as destruiria constantemente. Vivem em ninhos que seguem o crescimento das árvores.

- Isto é fantástico. - declarou Vaillon. - São homens-pássaros. Devem ser muito bons.

- Sobretudo muito vivos. A gravidade é pequena na superfície de Mercúrio, quase a metade da que existe em 54 e na Terra. Podem dar saltos equivalentes a doze vezes a sua altura sem nenhum esforço. São muito ocupados, já que seu ano é muito curto: 88 dias. A cada mudança de estação, eles fogem ante as tempestades.

Passado Mercúrio, Suc May anunciou aos passageiros que a marcha seria em "queda livre" combinada:

- Geralmente, nesta parte do percurso - disse-lhes - todos os passageiros são acometidos por uma fixação magnética. É necessário um grande treinamento para conseguir dirigir seu corpo durante um voo balístico. Faria vocês colidirem violentamente.

- Sairemos maltratados - exclamou o General.

- Não, muito pelo contrário. A partir de quinze *mega*-luz, apesar do funcionamento do aparelho *Wright*, as moléculas humanas têm tendência a se separar. Entrechocando-se, vocês se arriscariam não a se machucarem, e sim a se deformarem ou até mesmo, coisa já vista, a se misturarem.

- Com você? - suspirou Vaillon.

- Não, entre vocês. Um pedaço de fígado do senhor Vaillon poderia, por exemplo, achar-se aglutinado na face do senhor Moroto.

- Bonito assunto para se pleitear - opinou o senhor Barroyer, - dos mais curiosos, na verdade.

- O pâncreas do General, ou o seu, senhor advogado, poderia emigrar, totalmente ou em parte, para os joelhos do senhor Vaillon.

- Impossível de pleitear - afirmou o General.

- Enfim, sem irmos mais longe, os deslocamentos internos das moléculas poderiam reservar-lhes surpresas desagradáveis. Durante todo o tempo bastante breve que durará o voo inerte, o melhor é dormir. Recomendo-lhes encarecidamente que não tentem transportar ou utilizar objetos pesados. Tem um relógio, senhor Moroto?

- Não. Tenho um cronógrafo anual, 18 rubis, muito bem conservado, fabricação direta das nossas fábricas em Levancon, garantido abso....

- Dê-lhe corda e eu o amarrarei na cabine de bagagens. Tem também álcool de menta, não é mesmo?

- Artigo sensacional, em caixas de seis. Diretamente de nossas fábricas de...

- Bem, dê-me. Se vocês acordarem e tiverem fome ou sede, não tentem comer nem beber utilizando *qualquer instrumento*. Vocês terão perdido então, totalmente, o senso de equilíbrio e gesticulariam em vão ou então se enroscariam em vocês mesmos. É melhor que me chamem. A propósito, senhor Moroto, sua carteira?

- Carteira em couro extra, quatro divisões, garantia pessoal da Casa, artigo de grande luxo...

- ...e muito volumosa. Convém guardá-la cuidadosamente. Dê-ma.

- Mas é que ela contém mais de...

- Para mim não tem importância - disse Suc May; - nenhuma importância. O essencial é que não fique vagando por aqui.

O senhor Moroto estava tão pasmado que confiou-lhe sua carteira.

- Acima de tudo - suspirou - guarde-a bem.

- Não se preocupe - replicou a *aeromoça* secamente.

Tomadas todas as precauções, o piloto desviou um pouco a rota. O movimento "combinado" com propulsão rápida e queda livre para o sol logo nos levou a 16 *megas* da velocidade da luz. Em tais casos o melhor é dormir. A pessoa praticamente não envelhece mais que de uma maneira infinitesimal, mas as faculdades mentais - salvo para os pilotos muito treinados e tratados com "Filystair" - diminuem bastante, a fim de que não subsistam instintos primários.

Pedi pois a Suc May que me conectasse com o timbre do despertador que eu havia disposto para uma viagem de mil *megas*. Assim eu pude dormir tranquilamente.

Quando despertei, um espetáculo demonstrou-me que tendo sido encarregado de escoltar homens de um planeta pouco conhecido deveria tê-los vigiado.

Ao meu redor vi flutuar formas tão confusas que inicialmente pensei que estava sonhando, mas não tardei em me dar conta do que significava esse rebuliço. Na parte dianteira da nave, quase contra a cabine de comando, uma grande massa palpitante formava uma letra Y, letra do alfabeto dos homens da Terra. Esse Y, que passava por todas as posições possíveis, era agitada além disso por sobressaltos singulares. Era nada menos que o general Berthon em pessoa, em estado de dissociação parcial, muito mais volumoso que de costume, que, com as pernas arqueadas, na posição clássica do ginete, a cabeça voltada para a direita, cavalgava sobre uma montaria imaginária.

Outras formas, ainda mais estranhas e menos fáceis de serem identificadas, agitavam-se por todo o AG6. Não obstante, constatei que o doutor Mugnier, Vaillon, Barroyer e Suc May não haviam sido objeto de nenhum dano significativo e descansavam em paz; embora Vaillon tivesse se aproximado um pouco da *aeromoça*. Mesmo Malborough dormia. Deduzi então que as coisas espalhadas e que se agitavam em todas as direções não podiam ser nada mais que os restos do senhor Moroto.

Embora eu não sentisse predileção especial por esse negociante, mesmo assim estava aterrado, já que mesmo sem recorrer ao *Boldo* adivinhei facilmente o que tinha acontecido e quão enorme era nossa responsabilidade. De fato, Suc May havia, em minha presença - e sem que eu parasse para refletir nem um segundo nas prováveis consequências desse gesto - despojado o senhor Moroto da sua querida carteira. O que se seguiu depois era evidente. Apenas o infeliz tinha adormecido, quando uma terrível inquietação se apoderou dele. A princípio não deve ter experimentado mais que uma forte enxaqueca, mas à medida que sua coerência molecular diminuía vertiginosamente, as partes psíquicas do senhor Moroto foram em busca da sua pre-

ciosa carteira. Se pelo menos estivessem de acordo entre elas! O senhor Moroto teria simplesmente trocado de lugar, todo inteirinho, sem deformação nem dispersão, mas não foi este o caso. Primeiramente, a inquietação se havia apoderado do seu cérebro e depois de alguns centros nervosos. Era evidente que o cérebro, no afã da busca, havia se chocado com os ossos do crânio, de coerência molecular mais forte, e havia lutado denodadamente antes de descobrir uma saída. As mãos, sem dúvida avisadas desde o princípio, haviam escapado mais facilmente e sem tantas consequências. Por razões patológicas, que a falta de uma verdadeira cultura médica me impedem de decifrar, os pés, as costelas e vários metros do intestino haviam também se separado do que restava do tronco. Talvez esses pedaços do senhor Moroto já não estivessem recebendo ordens do cérebro, pois não cooperavam em nada na busca e captura da carteira, e erravam simplesmente sem objetivo algum. De fato, quando me dei conta da realidade primitiva escondida agora sob estranhas formas, constatei que as partes subalternas do senhor Moroto moviam-se com uma espécie de indolência, de ociosidade, enquanto que as partes altas e psicológicas manifestavam, através de movimentos rápidos e decididos, uma atividade definida.

Talvez também o fenômeno de desintegração parcial, do qual eu constatava os funestos efeitos, era ainda complicado por discordâncias moleculares. Fosse o que fosse, eu me sentia terrivelmente aflito. Desesperado, despertei Suc May.

Esta demonstrou mais sangue frio que eu.

- Um caso clássico - disse-me ela. - Se se tratasse de um homem de 54 e tivéssemos um bom médico a bordo, tudo poderia ser arranjado e bastante bem. Mas com esse terráqueo...

- Mas nós temos um médico! - respondi. - Já não me lembrava. Poderíamos despertá-lo, não acha?

- Naturalmente.

Consultei o piloto chefe

- Mal negócio - me disse. - Vocês deveriam vigiá-lo pra impedir que relaxasse dessa forma. Por pouco que o "Sanitas" julgue contagioso, já podemos preparar-nos para a desinfecção total. Quanto ao médico, vocês fariam bem em administrar-lhe um bom conhecimento de "Filystair" antes de despertá-lo. Isto vai ser extremamente delicado - prosseguiu.

- Por que?

- Porque o "Filystair" flutuará. A 16 *megas*-luz todos os líquidos flutuam, e estamos a 18 *megas* de velocidade. E também porque, uma vez em seu esôfago, o "Filystair" fará bolhas em qualquer parte, ao invés de amolecer e ser digerido. De qualquer forma haveria um sistema... um pouco arriscado... Sim! Olhe, você com a ajuda da *aeromoça* irá introduzi-lo na boca, então o estenderão em posição da marcha, ou seja, com a cabeça adiante, e eu procederei a frenagens de uma *rega*; isto fará com que o líquido se infiltre.

- Muito engenhoso - ressaltou Suc May. - E com Moroto, que fazemos? Você terminará desarticulando-o.

- Senhorita - cortou Mercúrio 326, - que o senhor Moroto seja ou não reconstituído, pouco importa. O que importa é que as coisas sejam feitas conforme a regra. E esta exige que todo enfermo seja tratado por um médico capaz de fazê-lo. Capacitemos pois ao médico!

Estes argumentos eram totalmente pertinentes, e sendo o piloto-chefe senhor absoluto a bordo, tivemos que fazer o que ele dizia. Foi um momento difícil. Primeiramente, fomos obrigados a correr atrás das bolhas de "Filystair", cuja "fluidez" é extrema, evitando ao mesmo tempo chocar-nos com os pedaços de Moroto, que conti-

nuavam espalhando-se em direções imprevistas. Então, quando conseguimos introduzir um pouco de "Filystair" na boca do doutor, o "chefe" procedeu, como estava previsto, a frenagens de um *rega*. Com efeito, cada vez mais o "Filystair", mais denso apesar do médico, filtrava-se um pouco em seu estômago; mas essas acrobacias nos abalou terrivelmente e mais ainda os elementos do senhor Moroto, abruptamente frustrados em suas andanças.

Devo fazer constar um merecido elogio aos extraordinários conhecimentos técnicos dos pilotos da "Navegação Universal".

O *rega* vale: *Mega/Rega* 4, ou seja, 1/50.625 de *Mega*.

A aplicação da fórmula de Witehebenfahr permite calcular que a frenagem aplicada foi pois de 3.426 *micro-wizli*, ou seja, em unidades terrestres estabilizadas, de 14,28 metros por segundo. A aplicação no senhor Moroto da equação de Tonus permite deduzir que, no estado em que se encontrava, uma diminuição de 3.434 *micro-wizli* tinha provocado o choque total, ou seja, sua irremediável destruição. Assim pois, Mercúrio 326 calculou mentalmente 8 *micro-wizli* de diferença. Eis pois o resultado! Por outro lado, os pilotos e os navegadores astronáuticos são de uma abnegação incondicional a respeito dos seus passageiros, apesar de frequentemente terem mau caráter

Na décima frenagem de um *rega*, Mercúrio 326 saiu da sua cabine e veio inspecionar o doutor:

- Velho safado! - disse. - Agora chegou também tua vez de ser manipulado! Quanto tempo passou despedaçando seus congêneres! Pena que ele mesmo não se veja! Ainda mais três ou quatro doses e estará brincando.

De fato, na décima quarta frenagem o doutor despertou. Sem dúvida, ele estranhou sua própria leveza, pois ficou meditativo e silencioso por uns instantes.

- Que aconteceu? - perguntou finalmente.

- Um doente.

- Quem é?

- O senhor Moroto.

- Onde ele está? Não o estou vendo.

- Por toda parte.

- Como assim por toda parte?

- Por toda parte, sim, e em parte alguma: espalhado.

- Hein?

- Exatamente. Dissociado. Isto que você está vendo aqui perto, que está batendo contra a portinhola é o seu intestino delgado... O que está vendo ao lado do ombro do senhor Barroyer é seu estômago.

- Isto já não é um homem! É um quebra-cabeças. Falemos seriamente. No máximo eu posso fazer sua autópsia.

- Perdão! Você pode refazê-lo. Já presenciei outras operações deste gênero - replicou Suc May.

- Perfeito - proferiu o doutor com grande solenidade. - Duas escolhas: o fracasso ou o acerto. Se eu fracasso, será confirmada plenamente o desaparecimento, a evaporação... de um cliente como poucos há. Sentirei muito, mas o que posso fazer? Nada. Eis aqui a triste paga da nossa carreira. Pelo contrário, se eu acerto, com a ajuda do seu testemunho, as portas da Academia de Medicina ser-me-ão abertas de par em par. E agora aos fatos. Vamos ao diagnóstico? vamos ao material? ao pessoal? à assepsia?

"Diagnóstico? Dissociação... Ah que bagunça... Torção do intestino e a parte inferior da vesícula biliar, fluxo duplo e mesmo triplo da branquia, miscelânea total da

subclávia, do subescapular e do mediastino, simbiose acentuada... Magnífico... um, dois, três, cinco fragmentos do metacarpiano... E pensar que eu queria trazer Patricia e vocês se opuseram! Uma operação desta índole sem data nem controle! Enfim! O acrílico aglutinado ao duodeno e ao cólon ascendente... não, ao cólon descendente... O que vejo ali no fundo, o que é?

- O general Berthon.

- Ah! Diagnóstico efetuado... em partes. Antes da operação precisamos refletir. Executando os pilotos, somos sete...

- Não, oito - retificou Vaillon que acabara de despertar. - Você esqueceu Malborough.

- Digamos oito, cinco, não... seis que estão completamente bem; dois não estão, por que?

- Causas mentais - disse. - Obsessão.

- Obsessão de que?

- O general Berthon, de montar a cavalo e fazer revista.

- Benigna - disse o doutor, - bastante benigna.

- No caso do seu amigo, a obsessão de encontrar sua carteira, ou melhor, o dinheiro que há nela. Me parece que o senhor Moroto tem uma pequena fraqueza crematística ⁽¹⁾.

- Ah! A julgar pelos resultados, eu diria inclusive uma grande fraqueza; não obstante, não penso em diagnosticar nada disto, já que o pobre homem é de uma perfeita pontualidade em seus pagamentos. Que poderia pedir-lhe mais?... Material? Nada! Se pelo menos houvesse uma mesa de operações! Pessoal: você, senhorita, e o senhor Vaillon. Que tal?... Em troca, eu me sinto muito leve e em grande forma.

- Levíssimo - retificou Suc May. - Estamos a uma velocidade de 18 *megas* e você pesa aproximadamente três *arcos*.

- Assepsia: nula.

- É completamente inútil. Todos os corpos são assépticos quando passam dos três *megas* de velocidade - disse Suc May, - entretanto, quando descermos a um *mega*, o senhor Moroto, se você tiver conseguido reconstruí-lo, nos infectará a todos.

- Tentemos! - disse o doutor, para quem a perspectiva de viajar com os restos re-materializados do seu paciente não parecia seduzir. - Tentemos!

Os primeiros esforços do doutor Mugnier foram infrutuosos. O doutor, levíssimo de fato, mas reconfortado pelo "Filystair", desenvolvia uma atividade extraordinária. Não se podia duvidar dos seus conhecimentos anatômicos. No estado em que se encontrava o senhor Moroto, era necessário que todas as ordens fossem significativas e eficazes, a fim de se evitar qualquer erro. Creio que poucos médicos em 54 teriam podido, nessa incrível algaravia, distinguir com tanta clareza, não somente o cúbito de um rádio, como também, com extrema rapidez, uma expansão hormonal de um sequele sanguínea, um caso linfático de outro... Com preclara inteligência e com gesto preciso e decisão rápida, o doutor esforçava-se em colocar novamente em seus lugares exatos todos os elementos disponíveis, cuja sutura imediata era favorecida por sua natureza extra rápida. Se esses elementos tivessem posto um mínimo de boa vontade, ou se pelo menos tivessem permanecido quietos, o admirável cirurgião teria podido, partindo do fragmento maior, reconstruir seu paciente sem tanta dificuldade. Infelizmente os elementos de Moroto não ficavam "quietos". Alguns se moviam muito, outros pouco. Nenhum deles estava imóvel; seus movimentos desconcertavam o

(1) **Crematística** é um conceito aristotélico que advém das ideias de *khreima* e *atos* - busca incessante da produção e do aqumbaramento das riquezas por prazer. Foi mencionado no livro *Ética a Nicômaco*. N.de Espinhudo

médico que, talvez um pouco decepcionado, repetia sem cessar: Isto é um verdadeiro trabalho de negros! Maldito Moroto!”

E de fato, um pedaço de fígado, apenas capturado e colocado em seu lugar, desliza indolentemente contra o General; um pedaço de intestino, enrolado convenientemente, se reunia, sem razão alguma, a um úmero; quanto aos elementos do cérebro e das mãos, a perversidade raiava a rebelião.

O doutor, não bastando-se por si só para seus fins, recorreu a nossa ajuda. Acostumado a dirigir seus assistentes como um general, quando operava em sua clínica, o doutor dava-nos ordens de uma forma brusca, no estilo de um quartel, proferindo palavras incompreensíveis que o *Boldo* repetia em galzwinthiniano sem traduzi-las, o que no afinal de contas, o fazia chiar terrivelmente: “Nhiic, nhic, nhic..., Vamos, senhor Karré, a um instante atrás eu tinha seus tubérculos e agora não os tenho mais. Maldito..., nhiic-nhiic-nhiic..., senhor Vaillon, já sei que você é poeta e, portanto, distraído, mas confundir a caixa coroide com o nervo glossofaríngeo!”

Nossa colaboração, dada nossa incompetência e a dificuldade da tarefa, não nos conduzia na verdade a nada mais que à desordem. Finalmente foi Vaillon quem nos tirou do apuro.

- Doutor - disse, - se eu me atrevesse, eu lhe daria um conselho.

- Atreva-se, meu amigo! Atreva-se! Melhor isto que correr um quarto de hora para pegar um metacarpiano.

O eminente doutor tinha em mente a contração do tempo. Sua perseguição para pegar o metacarpiano do senhor Moroto durou, pois, em tempo terrestre, quase duas horas.

- O senhor Moroto, que eu saiba, é definitivamente vítima da perda de sua carteira. E se a devolvêssemos? Se por exemplo pegássemos esse infernal metacarpiano e o puséssemos de forma que tocasse a carteira?

- Pode-se tentar - disse o doutor.

- É preciso que o façamos - apoiou Suc May; - esta ideia me parece digna de um campeão de *Koer*.

Desta forma, demonstrou-se palpavelmente que a intuição às vezes vale mais que a técnica ou, em todo caso, complementa-a admiravelmente. Reunidos então, os cinco metacarpianos foram dispostos contra a parede da carteira e aderiram-se a ela sem vacilações. O doutor, provido de uma base sólida, “reconstruiu” seu cliente com perfeita segurança.

Depois do caos reinou a harmonia. Só faltava deter os cinco metacarpianos esquerdos, os quais, por moto próprio, dirigiram-se para a carteira apertando-a firmemente. O doutor teve extremo cuidado na montagem das válvulas de Morgagni.

- É seu ponto fraco - disse-me. - Isto lhe custa mais dinheiro que o aluguel e seus gastos de representação.

Terminada esta exploração médica, retornar o General às suas formas e proporções primitivas foi uma brincadeira de crianças. O piloto-chefe, serviçal ao extremo, nos fez descer primeiramente a 12 e logo a 9 *megas* de velocidade.

Muito emocionado, o doutor nos confessou:

- Estou tão contente, que se pudesse derramaria lágrimas de alegria.

Às oito horas o General despertou:

- Que estranho! - disse-nos. - Parece que estou com torcicolo.

Discutimos por bastante tempo a fim de saber quando deveria ser despertado o senhor Moroto. À medida que o momento crítico se aproximava, o doutor parecia

cada vez mais nervoso. Malborough, que havia despertado durante o curso da operação de reconstrução e tendo miado várias vezes, preocupou o senhor Vaillon, para quem os miados do gato não tinham segredo.

Por fim o senhor Moroto despertou e, como era esperado, não recordava de nada. Não lhe ocultamos a triste odisseia pela qual havia passado. Convidamos o doutor para que descansasse, mas ele se opôs terminantemente.

Nessas grandes viagens o mais demorado é a saída e ainda mais a chegada. Depois de correr a uma velocidade de 18 *megas*, é preciso diminuir a marcha pouco a pouco, a fim de que a materialização dos passageiros seja muito lenta, para que não fiquem esmagados contra as paredes do aparelho e para que o AG possa aterrizar sem dificuldade. Os pilotos odeiam esta parte da travessia, Nossos passageiros, de volta à gravidade normal, apreciaram muito a forma como foi levada a cabo.

Visando evitar que o final da viagem se tornasse aborrecido, lancei a ideia de um torneio de xadrez. Os três "homólogos", movidos sem dúvida pela cortesia profissional, aceitaram tomar parte nele. Mercúrio 326 proclamou, com razão e não sem grosseria, que este jogo era fácil demais. O resultado foi então, do ponto de vista puramente matemático, o que se podia esperar, ou seja: quando os três homólogos jogavam juntos, tendo cada um deles uma cultura matemática *mega 6*, incompatível com toda distração ou erro, as brancas ganhavam automaticamente.

Quando os navegadores jogavam contra os terráqueos, estes sempre terminavam derrotados. Pelo contrário, quando os terráqueos jogavam entre eles, os resultados eram divertidíssimos. O General perdeu jogando contra o advogado Barroyer e contra o doutor, mas ganhava jogando contra o senhor Moroto; o senhor Moroto ganhou todas as partidas, menos contra o General; o senhor Barroyer, jogando contra o doutor Mugnier, perdeu uma partida e ganhou outra. Somente Vaillon perdeu regularmente todas as partidas que jogou.

Na verdade, e resumindo as coisas, os terrestres haviam introduzido a fantasia e o azar neste jogo que, pensando-se matematicamente, na realidade não comporta nenhum dos dois.

Mercúrio 323 propôs a Vaillon jogar com ele. Mercúrio seguia uma desagradável trajetória. O "mal do amor" o devorava. Vaillon resistia e alegava que não estava "à altura".

- Mas eu jogo como um ganso! - confessou.
- Eu lhe darei a rainha - disse-lhe Mercúrio, em tom displicente.
- Bem, tentemos - respondeu Vaillon.

Foi insuficiente, já que Mercúrio o bateu em 9 jogadas.

Mercúrio 323 tinha ojeriza ao poeta. Partida após partida, deu a Vaillon a rainha e uma torre, logo a rainha, as torres e um cavalo, sem que por isto deixasse inexoravelmente de dar-lhe cheque-mate em um instante. Não cometi a indiscrição de utilizar meu *micro-alma*, do que me alegro, pois o espetáculo teria sido muito desagradável. De forma que preferi ignorar. Da mesma forma que o "mal de amor", o ódio havia se apoderado do desditoso piloto. Ele não "jogava inocentemente o jogo de xadrez", muito pelo contrário, trabalhava - e com que ardor! - para humilhar o senhor Vaillon. E o poeta se prestava a isto de bom grado. Na oitava partida, Mercúrio 323 cedeu-lhe todas as peças e, não tendo nada mais que o rei e os peões, estava a ponto de ganhar uma vez mais... Por sorte chegou a hora do seu turno de pilotagem.

Quando voltou, uma nova partida havia começado entre Suc May e Vaillon. A posi-

ção dos jogadores era muito singular. Vaillon havia utilizado os reis pra narrar para a *aeromoça* a balada do rei de Thulé e a história do carriça da Galícia, mas havia esquecido de colocá-los novamente sobre o tabuleiro. Esta circunstância fazia os dois jogadores... invencíveis.

A vigília da nossa chegada foi marcada por um curioso incidente. Mercúrio 326 que segundo o costume havia travado os comandos, convidou nossos passageiros terrestres a conduzir o AG6. Esta é uma cerimônia tradicional costumeira em vários milhares de planetas e que frequentemente ocorre de ser acompanhada, quando há passageiros a bordo, de brincadeiras não precisamente de muito bom gosto. Nenhuma mente equacional levaria isto a sério. Quatro dos nossos terráqueos prestaram-se a isto com tanta dignidade que a princípio eu achei que eles *sabiam*. No entanto, tive que render-me à evidência! Sempre prudente, o senhor Moroto "consultou": Não lhe fariam pecuniariamente *responsável* pelas perdas de combustível, no caso de desviar-se da rota traçada? O doutor nos confessou que esta responsabilidade era muito "grande". Por acaso ele temia que uma falsa manobra desarticulasse algum ponto sensível ou mal reconstruído do senhor Moroto?

O advogado Barroyer manifestou uma modéstia inesperada. Apesar das exortações dos quatro pilotos, ele somente apalpou ligeiramente os aparelhos de bordo. Em troca, o General esteve magnífico. Provido de uma folha de papel repleta de equações extraordinárias, não pretendeu nada menos que "retificar a trajetória e ganhar assim trezentos ou quatrocentos mil quilômetros".

Pouco antes de chegarmos, o General me perguntou se seríamos esperados no aeroporto, se lhe "renderiam honras" e se haveria "claque". Meu *Boldo* admiravelmente conectado e disposto, foi mesmo assim submetido a duras provas. Tentou em vão - do mesmo modo que eu, - compreender o sentido da palavra "honras" e devo confessar que o que a palavra parece significar, nos é desconhecido. Não consegui convencer disto ao General, o qual me declarou com naturalidade:

- Perfeito! Perfeito, rapaz! Viajaremos incógnitos! *Mutis* -e apontou para a boca.

De todos, o senhor Moroto era o mais impaciente para chegar. Me fazia constantes perguntas e ficava pesaroso.

- Enfim, de qualquer maneira! Não existem Bancos..., não existem Bancos! Isto é uma brincadeira! Como me arranjaréi com o câmbio então?

A intervalos, se queixava da lentidão da marcha:

- Vamos ao fundo da questão - dizia. - Que faço com o dinheiro? Não posso comê-lo.

O senhor Barroyer havia tirado seus enormes volumes da cabine em que eram guardadas as bagagens e anotava neles febrilmente.

O doutor, sempre simpático, tentava escrever seu comunicado à Academia de Medicina sob este modesto título: "Contribuição ao estudo de um caso de desintegração psico-paranoica acentuada, e de reintegração, partindo do metacarpiano direito". Mas parecia tranquilo. Várias vezes o vi dar uma olhada para o senhor Moroto e para o gato.

Vaillon admirava 54 e seus anéis, agora muito bem visíveis. Também contemplava Suc May.

O senhor Moroto dizia impientemente: "Quando chegaremos?", e Vaillon com tristeza: "Logo teremos chegado".

CHEGADA A 54 - A GUARDA

Passar pela inspeção de "Sanitas" foi a primeira prova a que foram submetidos meus cinco terráqueos. Em 54 "Sanitas" é uma potência indiscutível. "Sanitas" tem todos os direitos, inclusive o de destruir imediatamente todos indivíduo ou animal portador de germes perigosos. Em geral, "Sanitas" faz pouco uso deste direito, mas toma sobre os indivíduos medidas de esterilização longas, complexas e indiscretas.

O médico de "Sanitas" sabedor de que tinha um colega a bordo, convidou o doutor Mugnier para que proporcionasse pontualmente um "informe de viagem".

Assim pois, o caso "Moroto" foi exposto desde o começo:

- Meu querido colega - declarou o doutor Mugnier, - você me põe em uma situação muito difícil. E o segredo profissional?

- A que você está se referindo?

- A regra, absoluta em Galzwinthia, segundo a qual um médico não pode nem deve, em caso algum, revelar as enfermidades dos seus clientes.

- Você está agora em A Guarda. Aqui, não somente o médico não está sujeito a essa regra, como também a medicina, que tem um caráter universal e social, não pode, para satisfazer ao seu cliente, por em perigo a comunidade.

O doutor Mugnier estava desesperado, mas ali estava o advogado Barroyer! Uma prévia consulta aos livros, logo nos demonstrou que a jurisprudência galzwinthiana continha distintos matizes a respeito do segredo profissional. Este era exigido formalmente em certos casos, mas era facultativo em outros. O doutor Mugnier teve pois de resignar-se a ler e até mesmo comentar, diante do perplexo senhor Moroto, sua "contribuição ao estudo de um caso de desintegração psico-paranoica acentuada e da reintegração, partindo do metacarpiano direito".

O doutor de "Sanitas", que estava provido de um excelente *Boldo* e de um *micro-alma* com avisador sanitário e social, escutava com crescente interesse, mas o senhor Moroto não cessava de interromper e murmurar: "Isto é extravagante, verdadeiramente extravagante!"

Duas ou três vezes o doutor se amparou no "Segredo profissional": por exemplo, quando chegou às "válvulas de Morgagni", foi discreto; discrição bem inútil, por certo. O *micro-alma* do doutor chiou de uma forma sinistra e no mesmo instante conectou-se com o célebre avisador: "Vamos, conte tudo! Tudo; a omissão é uma mentira, conte tudo, absolutamente tudo".

O doutor Mugnier teve pois que explicar o cuidado, o afeto, a deferência, até mesmo a gratidão, com que havia, neste caso em particular, tratado do senhor Moroto. A partir desse momento, o senhor Moroto deixou de murmurar e de interromper. O médico de "Sanitas" foi excepcionalmente cortês. Mais de uma vez o *micro-alma* teve reações secundárias bem características; o doutor Mugnier contornava a mentira por omissão, mas o médico de "Sanitas" não forçou mais o interrogatório. Quando o doutor Mugnier terminou seu informe, disse-lhe:

- Perfeito. O senhor Vaillon, senhor Berthon, senhor Barroyer: indenes. Senhor Mo-

roto: reconstruído e apenas avariado. Mas, e o gato?

- O gato - exclamou Vaillon, - fresco e sadio como uma rosa.
- Não me refiro a isto. Quero dizer que em 54 não existem gatos.
- Se houver carne, pássaros, ratos e leite, é o suficiente. Malborough não precisa de mais.

- Bem, sempre haverá alguma coisa para alimentá-lo. Mas, de que germes é ele portador?

- Da Fraternidade! - disse enfaticamente Vaillon - da Fantasia e da Independência!
- Neste caso, isto já não me concerne. Isto é incumbência do *Serviço Mega*.
- O que é isso de *Serviço Mega*? - perguntou Vaillon, sempre alerta quando a questão era o gato.

- *Mega* é um palavra-chave da nossa língua - explicou-lhe Suc May. - *Mega* é a luz sob todas suas formas, seja a intensidade, oscilação, velocidade, peso, luminosidade ou pensamento. O *Serviço Mega* está encarregado de filtrar as ideias que poderiam ser corrosivas.

- É a Segurança Militar - exclamou o general Berthon.
- É a Segurança Geral - proclamou Barroyer.
- É o Controle Econômico - opinou o senhor Moroto.
- Bobagens! Isto é tudo uma besteira - suspirou Vaillon.

"Sanitas" havia se mostrado clemente. S.M.(*Serviço Mega*) foi astuto. Seu representante, seguro, graças ao seu prodigioso material e aos seus inomináveis e benévolos colaboradores, de poder seguir os terráqueos em suas pequenas idas e vindas, não lhes fez pergunta alguma.

Depois das emoções da viagem, um pouco de descanso me pareceu o indicado para nossos cativos convidados. Assim pois, conduzi-os para o Refugio 17, onde são hospedados habitualmente os estrangeiros de passagem por A Guarda. Como todos os monumentos de A Guarda, o Refugio 17 é hexagonal.

Ao advogado Barroyer, ao doutor Mugnier, aos senhores Moroto, Vaillon e ao general Berthon, foram proporcionados, como de costume, habitáculos completamente iguais. Teria sido difícil proceder de outra forma, pois a verdade é que entre as 372 moradias de cada Refugio, com luminosidade interna, não existem duas que sejam diferentes, mas essa similaridade chocou os terráqueos. O General me perguntou de que servia ser general e pirotécnico se a pessoa era alojada "como um rato"; o senhor Moroto opinou que parecia "um depósito fechado a chave"; até o bonachão do Vaillon me confessou que "um pequeno sótão com um pedacinho de céu" teria sido mais do seu agrado.

Durante a travessia, como de costume, alimentamos os terráqueos com rações especiais sincronizadas ao regulador *Wright*, mas à chegada eu tive interesse em pô-los ao corrente dos métodos que nós empregamos, e graças aos quais o problema da nutrição popular está resolvido. Levei-os pois ao *Nutri* mais próximo, grande edifício composto por 615 salas distribuidoras. Devo fazer constar que este sistema, incomparavelmente superior ao uso bárbaro dos terráqueos, não pareceu entusiasamá-los. Em troca, o fato de que a alimentação fosse gratuita chocou o senhor Moroto.

- Isto - disse-nos ele, - é um atentado horrível ao princípio da livre empresa sem a qual nenhum progresso é possível. Vocês fazem uma concorrência desleal ao comércio.

Inclusive a forma das rações, cada uma das quais representa um bocado, constitui

aos seus olhos mais um atentado, tanto à estética como aos bons costumes, às conveniências e à civilização:

- Comer com as mãos - afirmaram, - é próprio dos povos atrasados. O emprego de toalhas - e mais particularmente dos serviços completos Moroto - garfos, colheres de sopa, xícaras de café, facas, etc, é o critério infalível de uma civilização avançada.

Tive que explicar ao doutor o princípio das 48 rações homogêneas equilibradas, contendo todo o necessário e nada mais. Com referência a isto, ele tomou muitas notas em seu caderno.

- Desta maneira - disse-me ele - praticamente todo mundo está de regime?

- Pode-se dizer que sim. As rações são estabelecidas e relacionadas com a idade, a estação e a natureza das ocupações. Assim pois, sendo eu pesquisador licenciado, com dois corações, quatro pulmões e dezoito anos de idade...

- Dezoito anos? - inquiriu o general.

- ...dezoito anos de 54, que são setenta e três anos terrestres, me foi atribuída a ração T6 com uma cura de ração 4 quando faço trabalho cerebral. Sou livre para mudar de ração se quiser, mas não há razão alguma para que o faça. No que concerne a vocês, sem dúvida o mais simples seria proceder experimentalmente como nós fizemos no início.

- Isto quer dizer? - perguntou o doutor.

- Começar pela ração 1, então passar para a ração 2, para a ração 3, etc, e todo dia ir ao serviço de Nutri-Análises que lhes indicará seu estado geral e o coeficiente de matérias não assimiladas. Em poucos dias, saberão a ração que lhes convém e então o problema da alimentação ficará resolvido, já que as 48 rações fundamentais são distribuídas em toda parte em sua composição normal.

- Com efeito, é muito simples! - disse o General - Muito Prático!

- Demasiado simples - opinou o doutor: - o estômago não se acostumará a uma tal monotonia.

- Se acostumará bastante bem - eu lhe disse, - eu não troquei de ração desde que entrei na "Navegação Universal".

O senhor Moroto decidiu mais uma vez "ir ao fundo da questão". Gostou de seis rações diferentes. Vaillon fez Malborough cheirar pelo menos trinta, que ele não apreciou muito, mas acabou por comer uma pequena quantidade de alimento 19 com ar desengano.

No dia seguinte, nossa saída foi na realidade dirigida pelo senhor Moroto. Queria ver tudo, saber tudo, conhecer tudo. Quando saímos de *Nutri* eu os acompanhei ao serviço de aromas. Há ali cerca de seis mil químicos, encarregados de compor, destilar e mesclar amostras de perfumes, que logo são elaborados em fábricas especiais e distribuídos por toda a superfície de 54. O doutor Mugnier estranhou muito a forma das células de trabalho.

- Mas - disse, - também são hexagonais! Isto é uma colmeia!

- Exatamente - respondi.

- Químicos - proferiu o senhor Moroto, - então canetas, lápis e cadernos. Caneta Ideal Moroto, cinco cores, troca de partes múltiplas, inoxidáveis, artigo garantido: 120 reox a unidade. Quem compra? Onde está o comprador?

- Eles utilizam pouco os lápis - disse-lhe, - venha e verá.

Efetivamente, os 6.000 químicos de perfumes de A Guarda dispõem para suas experiências de ditafones, *parlógrafos* e calculadoras muito aperfeiçoados, chamados

de "Flats".

- Vamos ao fundo da questão - disse Moroto, - posso interrogar a um desses químicos?

- Naturalmente.

O senhor Moroto pediu para explicar imediatamente o funcionamento do aparelho "Flat".

- Então você dita uma fórmula?

- Sim.

- E fica gravada?

- Claro

- E então?

- Me indica se a fórmula já existe.

- Isto é tudo?

- Não! Se é inédita, ele a desenvolve com 13 variações progressivas em *micro-wisli* e a transmite para a execução ao aparelho executor que a redestila em três cabos, sete meias e três...

- E depois?

- Recebo 169 amostras.

- Que faz com elas?

- Em geral eu as jogo fora.

- Joga fora? - perguntou o senhor Moroto estupefato. - Você joga fora 169 amostras?

- Sim.

- E lhe pagam para jogar fora as amostras?

- Não me pagam, senhor; aqui ninguém é pago. Às vezes uma das amostras me parece boa.

- E então?

- Então eu a transmito ao aparelho RV3, o qual executa 5.999 amostras e as transmite aos meus colegas.

- E eles, o que fazem?

- Em geral eles as jogam fora.

- Jogam fora? Mas, você está falando sério?

- Muito a sério. Aqui sempre falamos sério. Não obstante, se algum deles, por sua vez, encontra uma que lhe parece agradável, transmite-a para o serviço de fabricação. É raro, mas às vezes acontece...

- E o que é isso... esse crea-crea-crea... o que é? - perguntou o senhor Moroto.

- O *Boldo* acaba de me transmitir uma palavra que não compreendo.

- Quer dizer que havendo inventado uma nova fórmula, você tem interesses nela?

- Muito interessado.

- A que porcentagem? Um reox por frasco?

Desta vez o químico parou de falar no aparelho *Boldo* e dirigiu-se a mim.

- O que ele está querendo dizer?

- Não faça caso - disse-lhe, - ele imagina que você é pago pela sua pequena descoberta. É este o costume na Terra.

- Curioso costume - disse o químico.

- Senhor - prosseguiu o senhor Moroto, - eu também sou depositário único de um perfume extra: brilhantina de rícino superfina Moroto, em caixas com seis frascos, oito cores patenteadas, artigo garantido. Eu cederia a fórmula por um preço ridículo. Faça uma oferta.

O químico deixou escapar uma espécie de cacarejo.

- Este terráqueo é verdadeiramente fantástico - disse-me, - é um brincalhão ou o que?

- Não - respondi-lhe, - na Terra, chamam a isto de um comerciante.

Então visitamos outros químicos. A todos o senhor Moroto tentava, mas sem êxito, vender-lhes sua receita de brilhantina. O que fazia quatro acabara de receber, como de costume, 169 amostras.

- E agora - perguntava desolado o senhor Moroto, - você vai jogá-las fora?

- Naturalmente - disse o químico, - cheirei treze e são medíocres.

- Medíocres! - exclamou o senhor Moroto pegando em uma das amostras. - Medíocres? Mas elas são estupendas. Isto é uma loucura! Um crime! Valem pelo menos dois reox por peça, em Naounderé, e três em Ain Galaka!

- Senhor - disse-lhe o químico, - se você quiser levá-las...

- Ah! Magnífico! - respondeu o senhor Moroto.

E logo em seguida começou a encher os bolsos. Conseguiu sem esforço colocar doze em seu blusão e seis em suas calças.

- Não podemos desperdiçar nada! - proclamou. - É preciso ir ao fundo da questão. Doutor, faça o favor de guardar-me alguns frascos. Meu querido Barroyer, pelo que vejo seus bolsos são bastante grandes. 18 vezes cinco fazem 90. Ah, General! Se você tivesse trazido seu capote! 90 ou até 169; restam pois 79. Não podemos desperdiçar 79 frascos.

O químico afastou seu *Boldo*.

- *Udnof? Oologic?* - me perguntou.

- Não - eu lhe disse, - negociante em Koesn en Art.

O senhor Moroto deslisou alguns frascos para os bolsos do General e este fez um movimento de impaciência.

- O senhor está me tomando por seu ordenança? - perguntou-lhe, em tom azedo.

- Sou seu mais humilde servidor, meu General, mas me dei conta da sua compleição robusta. Você tem um tórax fantástico e pernas de alpinista. Por isto, talvez, abusei um pouquinho.

Finalmente fomos carregados como mulas. Vaillon tinha frascos em todos os lugares, inclusive em seu grande chapéu, mas não se queixava. Na volta, pôs um de lado pra Suc May.

- Ora vamos! - disse Moroto, - esses poetas são de um atrevimento... Eis que ele guardou agora um dos meus frascos!

No mesmo dia convidei meus terráqueos a visitar a Fábrica de Música.

- Uma fábrica de música? - perguntou Vaillon, - isso é espantoso! A música é toda fantasia, intuição, diversidade.

- Na Terra, sem dúvida - disse-lhe, - mas aqui a música é criada em coletividades hexagonais. É uma ciência.

O senhor Moroto pelo menos por um vez foi pouco loquaz. A música não o inspirava. O General opinou que com "vinte clarins e dez tambores" podia-se fazer "desfile um regimento" e isto era o "essencial". No entanto, quando chegamos à Fábrica de Música, os terráqueos ficaram sérios.

A fim de familiariza-los um pouco com nosso métodos, primeiramente eu os conduzi às células de elaboração das equações musicais simples. É uma dependência que contém no máximo mil *musicógrafos* encarregados de descobrir os "ritmos". Eles procedem como os químicos em relação aos perfumes e como todos aqueles que,

tendo que *agrupar elementos bastante simples*, selecionam metodicamente todas as combinações.

O senhor Vaillon foi o primeiro que manifestou interesse em conhecer um *musicógrafo* a fim de fazer-lhe várias perguntas:

- Em que pensa você quando está escrevendo música
- Nos números.
- Nos números em sentido simbólico, suponho?
- Não! Nos números como números.
- O que você quer dizer com os números como números? Que tem a ver isto com a música? A música é como a poesia: inspiração, efusão. Mas, senhor, pense em um pássaro, em um rio, em uma pastora, inspire-se! E ao diabo com os números! O que você pode tirar dos números?

- Estou na fase elementar. A música, aparentemente complexa, se reduz a elementos muito simples. Segundo os *musicógrafos* de A Guarda, existem somente 13. Eu combino matematicamente esses 13 elementos para criar um ritmo.

- Suponho que não os interpreta 13 vezes?
- Justamente. Uma vez encontrado o ritmo, o registrador *musicógrafo* dá 13 vezes os motivos combinados entre si.

- E o que você obtém?
- 169 provas elementares, homogêneas.
- Depois do que - interveio jovialmente o senhor Moroto, - você as joga fora!
- Não, senhor, não as joga fora! Eu as transmito.
- Para quem? - perguntou Vaillon.
- Para o identificador.
- Então é ele quem as joga fora - declarou peremptoriamente o senhor Moroto.
- Ele não joga nada fora. Para nós a música é sagrada. Nossa reserva musical, conservada por vários séculos, comporta microelementos, os quais, postos uns aos lados dos outros, dariam seis vezes a volta a 54. Ele as identifica - expliquei-lhe.

- Então você quer dizer então que dá um cartão de identidade para S.M.? - perguntou o advogado Barroyer.

- Colocam-lhes uma matrícula - interveio o general Berthon. - É uma boa ideia.
- Não - disse o *musicógrafo*, - os habitantes de 54 são muito sensíveis à música. Cada grupo musical homogêneo desperta em nós uma recordação, uma associação de ideias, uma emoção. O identificador está encarregado de identificar essa recordação, essa associação de ideias, essa emoção. Tal é o seu papel. Vocês poderão apreciá-lo nas células 13² e 13³. Em geral são pessoas amáveis e curiosas e gostam de receber visitantes.

Habitualmente eu levo uma vida das mais sedentárias. Em A Guarda há muitas coisas instrutivas e interessantes das quais só conheço a existência por "ouvir dizer". Se eu tivesse podido há muito tempo, por exemplo, visitar a Fábrica de Música, eu não o teria feito, precisamente porque me era tão fácil fazê-lo. Por isto minha missão de cicerone dos terráqueos foi muito agradável, despertando ao mesmo tempo a minha curiosidade.

Logo me dei conta do lado anacrônico, mas simpático, do primeiro identificador que visitamos.

Enquanto que aos engenheiros químicos e em geral todos os especialistas qualificados de 54 são atribuídos nomes equacionais, colocado segundo seu nível de cultura matemática, os identificadores musicais têm por costume darem-se seus próprios nomes. O nosso se chamava, em linguagem 54, Filis.

- Este é um nome simpático - declarou Vaillon, - por que você o escolheu?
- Trata-se de uma florzinha que cresce nas pradarias, como as que você pode ver ali adiante.
- Parece com o junquilha - disse Vaillon. - Há em você um poeta escondido. Somente um poeta poderia ter a deliciosa ideia de batizar-se como "Junquilha". Você me permite de que agora por diante o chame assim? Então pois, meu futuro colega, você recebe" grupos musicais homogêneos"?
- Uma média de uma *trecena*. Eu os escuto e geralmente em uma *trecena*, cerca de cento e vinte a cento e trinta são bárbaros, discordantes, sem nenhum significado nem valor.
- Devo aqui fazer constar que uma *trecena* equivale a 13 ao quadrado, ou seja, 169, unidade de base em 54, um pouco similar a uma centena (10x10) no sistema decimal.
- Mas sem dúvida vendáveis - sugeriu o senhor Moroto; - não há nada, absolutamente nada, que não tenha algum valor.
- Eu os classifico - prosseguiu Junquilha - na séria "metal".
- Digamos cacofonia, meu querido Junquilha - afirmou Vaillon.
- Uns trinta são um tanto evocadores. A estes dou-lhes um nome: cascata, cintilância, ganância, olhos azuis, mamãe e os anexos ao coeficiente 1.
- Sempre os números - murmurou Vaillon; - é uma lástima!
- Nossa fábrica - prosseguiu Junquilha - é precisamente a mais recente onde os números não são tudo, mas não podem deixar de se alguma coisa. Se vocês forem à Casa dos Números, verão coisas piores. Aqui fazemos uma síntese entre o gosto musical instintivo e a "Lei Equacional". Os grupos musicais que restam, depois da eliminação dos "metal" e do coeficiente 1, são anexados ao coeficiente 2. Se entre eles se encontra um cuja identificação seja evidente, dou-lhe o coeficiente 3, mas isto é raro. Nosso trabalho costuma ser um dos mais simples e também um dos mais agradáveis.
- Eu compreendo - disse Vaillon, - sobretudo para alguém que goste de música.
- E inclusive para o que não gosta. Foi constatado que, muito rapidamente, os identificadores ficavam mentalmente intoxicados à força de escutar muitos grupos musicais: o discernimento o o gosto não se afinam. Perdem-se. Foi tentado dar-lhes aulas, mas com resultados ineficazes. Para restabelecer-lhes o dom intuitivo que perderam, o melhor sistema que foi descoberto consiste em fazê-los vagabundear.
- E lhes pagam para não fazer nada? - perguntou o senhor Moroto em tom severo.
- Nos deram ordem. Somos obrigados a vagabundar 864 dias ao ano, no mínimo, e mais, se possível. Naturalmente, sem exercer nenhuma atividade. Basta, para estar em regra, deambular por qualquer parte sem permanecer mais que seis dias no mesmo lugar. É-nos recomendado encarecidamente voltar aos lugares onde temos sido muito felizes ou muito desgraçados. Isto cria novamente em nós fontes emotivas que tenham sido desgastadas pela idade ou pelo abuso excessivo de grupos musicais.
- Não terminam aborrecendo-se? - perguntou o senhor Moroto.
- Para nós a Lei é muito ampla. Durante os períodos de reconstrução emotiva e de vagabundagem profissional, permitem-nos divorciar-nos e voltarmos a casar em poucos minutos.
- Isto sim, é interessante - fez constar o advogado Barroyer.
- E por que? - perguntou o General.
- A fim de criarmos remorsos sentimentais. Por minha parte, nunca usei deste privilégio Em troca, vou frequentemente ao Serviços dos Defuntos para ver e escutar minha mãe.

- Sua mãe trabalha nesse serviço?
- Não! Ela morreu há cerca de 30 anos, mas os habitantes de 54 não morrem completamente. É conservada sua voz, sua projeção espacial, uma parte das roupas que levavam e o que eles gostavam mais. Mamãe, senhor Vaillon, não era poeta como você, mas gostava muito de alguns antigos costumes. Desprezava o *grafo-som* e possuía um velho abecedário de histórias.
- Você quer dizer um livro? - disse Vaillon.
- O que é um livro - perguntou Junquilha.
- São palavras escritas sobre folhas de papel - expliquei-lhe, - palavras que são escutadas com os olhos.
- Então - disse Junquilha - minha mãe possuía um livro, e podia lê-lo com os olhos fechados. Nenhuma das histórias encerradas nesse livro é hoje em dia plausível, nem ao menos compreensível, mas o carinho que eu lhes professo não mudou.
- Eis aqui nobres sentimentos - disse o General. - Deus, Família, Pátria, tudo reside nisto! Suponho que, como um bom filho que é, você não deixará de vez em quando de passar por seu quartel e saudar e apresentar seus respeitos ao seu velho Coronel?
- Não seriam por acaso contos de fadas? perguntou Vaillon.
- Poderia ensiná-los - disse Junquilha. - Posso - acrescentou amavelmente - fazê-los escutar um grupo musical de coeficiente 3. Seria inclusive interessante saber o que evoca nos ouvidos terrestres.
- Ah! Ah! - exclamou Moroto. - Indispensável! Cada um deve dar sua opinião em separado. Experiência muito útil e será preciso um caderno duplo Moroto, artigo extra, preço incompatível, com a circular Moroto sempre disposta a servir... a melhor circular porque é a mais bem feita, a primeira em todos os lugares, inclusive em 54!
- E em um acesso de inconcebível generosidade, o senhor Moroto entregou a cada um de nós uma circular e uma folha de caderno.

PRIMEIRO TESTE SOBRE OS TERRÁQUEOS

Como havíamos combinado, o senhor Junquilho nos fez escutar um GM3. Continha o número regulamentar de notas, ou seja, 169 e foi executado em forma primária, ou seja, 13 vezes somente por 13 instrumentos diferentes, porém sincronizados.

Embora eu saiba escrever - pois aprendi em minha infância, - perdi totalmente o costume de fazê-lo, mas por educação e prudência aceitei a folha e a circular oferecidos por Moroto. Esse homem é tão pesado que o melhor é, sem dúvida alguma, não contrariá-lo nunca. De forma que eu estava duplamente constrangido a fazer uso da folha acima citada. Primeiramente, tenho uma grande dificuldade para formar as letras do alfabeto de 54. O uso contínuo do *parlógrafo* quase me incapacitou em matéria de caligrafia, logo, a alta especialização a que nós os pesquisadores somos submetidos nos faz pouco permeáveis aos sinais musicais. Escutei sim, sons e notas agradáveis mas desprovidos de sentido para mim. Me parece que eu estava mais capacitado que qualquer dos terráqueos pra registrá-los, mas não para interpretá-los! Eu teria podido ditar a primeira audição ao *parlógrafo*, sem erros, já que os exercícios mnemotécnicos cotidianos da U.N. são infinitamente mais complexos que registrar uma equação musical tão simples. Um garotinho de 54 teria feito isto muito bem, mas quanto a dar uma identificação eu me sentia incapaz. Não atrevendo-me, portanto, a entregar a folha em branco, escrevi a palavra "incerteza", depois substitui-a por "ignorância", o que correspondia melhor à verdade.

Foi o senhor Moroto quem leu as diferentes fichas de identificação. Estas estavam escritas como se segue:

"Entrada dos galzwinthianos em Tocksalé"; "Controvérsia no Conselho de Estado"; "Balada das tibias"; "Duo dos narcisos à luz da lua", e "Sinfonia Moroto".

Junquilho estava entusiasmado.

- Suas identificações - disse - me parecem, a priori, muito diferentes, mas muito interessantes. Vocês são identificadores natos. De forma que eu gostaria muito que me fizessem um comentário dos seus vereditos.

- Esta marcha - declarou o General, - já que não há dúvida alguma que é uma marcha, é essencialmente marcial, militar e atraente. Quando meu velho colega de promoção, Thomas, cercou Tocksalé, mostrou qualidades estratégicas extraordinárias. Para tomar a cidade faltou um nada... um sopro! Um esquadrão bem disciplinado! Um golpe de clarim no momento justo! A música que acabo de escutar, entoada na hora H por 200 clarins e 200 tambores teria feito deste discutido acontecimento uma incontestável vitória, e teria evitado que o general Thomas e eu fôssemos capturados com 1.250.000 soldados nesta batalha. É por isto que esta música evoca para mim a entrada dos galzwinthianos em Tocksalé.

- Esta música - afirmou o senhor Barroyer - pode parecer aos ouvidos de uma artilharia como uma "marcha", mas - acrescentou - nesta marcha existem, com toda certeza, contramarchas, surdinas e réplicas com um crescendo final. Eu chamaria pois, mais exatamente, a esta marcha, uma "polca de dúvidas". Que polca de dúvidas mais

deliciosa que aquela dos sagazes e veneráveis conselheiros no Conselho de Estado discutindo, por exemplo, um texto difícil, sustentado por altas potências e combatido por outras?

- Senhor Junquilha - disse o doutor, - sem dúvida não é inútil botar o pé no chão de vez em quando. O que é uma nota? Um ruído! Pois bem, um ruído se parece antes de tudo com outros ruídos. Os ruídos que acabamos de escutar eram muito débeis para recordar-nos, nem por alto, o grande alvoroço de uma batalha, e muito fortes para representar as palavras cochichadas de veneráveis magistrados. Dentro desta música havia uma pequena frase: "Crac! Crac!... Crac!", que se repetia com frequência e que era perfeitamente identificável: "Crac! Crac!..." EXATAMENTE o ruído dos ossos que se chocam. "Crac! Crac!..." Tíbia contra fêmur! Frontal contra parietal! "Crac! Crac!...". No entanto, confesso que a frase simbólica não era permanente, desde então eu teria dito: "Ronda das tíbias" e não "Balada". Cem médicos opinariam como eu, e se quando a operação de M..., quero dizer, em minha última intervenção, se tivesse operado de maneira normal, dentro de uma pressão normal, sobre osso de estrutura material normal... nós... eu... vocês... com certeza este ruído os teria surpreendido!

- Senhores - interveio o senhor Moroto, - eu gostaria de ir ao fundo da questão. Tal é, por outro lado, meu constante costume e minha regra na vida. Ao General a música pareceu uma marcha triunfal. Efetivamente, havia alguma coisa disto: "Bruum! Brrum! Brrum!". Não obstante, e com todos meus respeitos, devo fazê-lo observar que a tomada de Tocksalé teria sido possível de ser assegurada de uma forma muito mais simples que a que ele preconiza: óculos de visão à distância prismáticos Moroto binoculares, os únicos que suprimem as distâncias... Calçados de cortiça Moroto, rapidíssimos, flexíveis, os únicos que flutuam acima d'água... A armadilha para caçar raposas Moroto, em aço extra, e garantida sob minha absoluta responsabilidade pessoal... A manta Moroto, completamente impermeável. Assim, mais cômodo, mais dinâmico, o exército de Galzwinthia teria tomado Tocksalé sem dificuldade alguma. O senhor Barroyer, em geral melhor inspirado, acreditou ver não sei que reminiscências do Conselho de Estado. Me pergunto que diabos de música pode inspirar esse areópago que, por outro lado, me negou vergonhosamente minha justa demanda em meu processo contra Boss e Toss. Existe aqui, permita-me meu querido Barroyer que lhe diga com toda franqueza, um fenômeno de deformação profissional, nem mais nem menos. Meu amigo - prosseguiu, dirigindo-se ao doutor, - eu tampouco compreendi muito sua história sobre as tíbias. Creio ter vagamente entrevisto uma alusão a tíbias brandas e tíbias duras, a tíbias silenciosas e tíbias sonoras. Palhaçadas de estudantes, doutor! Talvez você se recorde ainda dos seus tempos de juventude! O anfiteatro! A sala de guarda! Graças a Deus as tíbias estão em seu lugar... Não lhe parece, doutor? Que diz você disto?

- Eu... eu não digo nada. Sim, acho que...

- Em troca, existe algo de verdade em cada uma das suas três identificações. Marcha triunfal? De acordo! É a dos produtos Moroto. 47.339% de economia; a cifra de 1943 dobrada em 1944, a cifra de 1945 triplicada em 1950. 371.545 clientes em 67 países. Os cochichos do Conselho de Estado? Besteiras! O conselho dos Estabelecimentos Moroto: as mais altas decisões tomadas - prévia consulta, claro - por duas pessoas! Duas pessoas no total! Maurice Moroto, meu irmão, e eu "Crac! Crac!": o passo dos nossos clientes; senhores, Saltos Moroto de ferro forjado, o único duradouro! Sola Moroto de aço blindado, garantida. A melhor porque é a mais dura! A mais dura porque é a mais pura "Crac! Crac!": o ruído da água que cai sobre nossos guarda-chuvas em seda impermeabilizada, Guarda-chuvas Moroto de reputação

mundial” “Crac! Crack”: o ruído das nossas sombrinhas nas ruas das cidades mais “chics” e mais elegantes. Sombrinhas Moroto apagam o Sol! “Crac! Crac!”: o som das nossas coroas mortuárias caindo sobre os monumentos dos defuntos Coroas mortuárias Moroto, estupendas, pérolas finas, as únicas que podem ser utilizadas três vezes!

- Senhor Moroto - disse Junquilha, - você é um identificador extraordinário. E você, senhor Vaillon?

- Eu pensei nas flores, mas exatamente em narcisos falando à luz da Lua. Na realidade não sei porque. Por que os narcisos? E por que o clarão da Lua?

- Eu tampouco sei o porque - respondeu Junquilha, - mas identifiquei este grupo musical quase como você e meu título também se parece ao seu.

- Qual é?

- Margaridas à luz de Vênus.

VISITA À FÁBRICA “BOLDO”

Não sei que outros homens da Terra sejam os convidados-cativos da “Navegação Universal”. Tampouco sei se são tão diferentes entre si como os que tenho ao meu cargo; por isto o trabalho de síntese será difícil. O doutor está mais desgostoso que contente, mais surpreso que entusiasmado, ao ver até que ponto são raros os doentes em 54. Se houvesse doentes, sem dúvida ele se desvelaria para curá-los, mas nos falta ocasião. O advogado Barroyer aprecia nossa hospitalidade. Louva a sabedoria dos nossos costumes, mas a quase total ausência de homens da sua profissão em 54 o inquieta. O General é muito diferente de acordo com os dias e momentos; dir-se-ia que existem dois homens distintos nele, um dos quais é francamente desagradável. O senhor Moroto, afetado pela mania profissional, parece incurável. Somente o senhor Vaillon e seu gato parecem recrutas selecionados. O senhor Vaillon possui o dom mais procurado em 54: o do riso. Frequentemente ri às gargalhadas e nunca se queixa. Tudo lhe parece cômodo, agradável, abundante, supérfluo e bom.

O serviço de dados psicológicos, ao qual forneci alguns “testes”, tem tentado classificar meus terráqueos segundo a cronologia de 54.

O senhor Moroto pertence à era de esplendor dos sinais monetários. Tem, por conseguinte, sessenta séculos de 54. É pois um espécime muito antigo, muito raro, e Siroch, o embalsamador do Conservatório de Recordações Sociais, olha-o com constante e suspeitosa atenção. Eu, no lugar do senhor Moroto, não estaria muito tranquilo, pois a consciência profissional de Siroch é muito elástica.

Dentro das equivalências temporais de 54, o advogado Barroyer pode ser situado, ou totalmente na decadência da era monetária, ou na época em que se instauraram pouco a pouco os princípios de distribuição. Os “Kossecs” têm atuado dentro do seu gênero e têm sobrevivido muito tempo por razões de competência que faziam sua presença indispensável. Ainda existe um pequeno número deles em 54. Portanto, o senhor Barroyer não tem nenhum valor do ponto de vista da antiguidade e como espécime raro é pouco interessante.

A ciência médica do doutor Mugnier - em matéria de assistência corporal - acha-se atrasada em relação à nossa em quatro séculos de 54. Não obstante, ele se crê superior em relação às suas funções profissionais. E por isto tira muitas conclusões... Salvo alguns raros indivíduos, todos os homens de 54 sabem há alguns séculos que a utilidade, a dificuldade, a majestade inata de uma função são exteriores ao que as possui, e mesmo Grande Regulador ficaria surpreso se lhe rendessem homenagens fora da sua célula de arbitragem. O doutor Mugnier é, a este respeito, anacrônico.

O senhor Vaillon tem características de traços procedentes de diferentes idades ou de idades desconhecidas. Há em nossa forma de aceitar as regras da vida social uma parte de resignação melancólica, enquanto que Vaillon se regozija e se diverte inexplicavelmente com tudo. A alegria de viver é nele um resíduo dos tempos de ignorância ou a prova de uma compreensão mais moderna de uma assimilação superior das bondades materiais da nossa civilização distribuidora? Mesmo o carinho que sente

por seu gato não pôde ser interpretado corretamente pelos especialistas do nosso serviço de dados psicológicos. Segundo alguns, trata-se de um gosto hereditário comum a muitas anciãs da Terra, por certo não muito instruídas; segundo outros, este carinho seria a prova de uma espiritualidade muito alta desconhecida em 54. Entretanto, há algo nele estranho ao S.M. e a longo prazo poderia chegar a preocupá-lo. Os outros três terráqueos, mais ou menos imbuídos do complexo de superioridade profissional, estabelecem em sua mente uma classificação de seres baseada na importância do seu papel social e econômico. Se atendesse ao senhor Moroto, por exemplo, ele assediaria os habitantes mais ocupados de 54 com intempestivas demandas de audiência. Vaillon, em troca - sem causar-me o menor mal estar, - busca visivelmente, não a sociedade dos homens carregados de responsabilidades, e sim a daqueles que desempenham um papel mais simples. Deve-se deduzir então que ele tem polarização inversa?

Grande é a curiosidade dos terráqueos. Tive que conduzi-los a Boularick, onde se fabricam os aparelho *Boldo*. O pesquisador-chefe das Fábricas *Boldo*, Raghyrh, é um homem com uma grande cultura matemática, mas sem conhecimentos linguísticos particulares.

- Estes senhores - eu disse - são terráqueos e utilizam aparelhos *Boldo*. Eles gostariam de visitar a fábrica e especialmente os departamentos em que se fazem as placas de tradução do terrestre para o 54, e do 54 para terrestre.

- Não vejo inconveniente algum - respondeu-me Raghyrh. Tudo isto é bem simples. Um discriminador, um *parlógrafo*, um redutor... em resumo: mecânica muito simples.

Primeiramente eu fiz as apresentações necessárias e então Raghyrh conduziu-nos aos hexágonos de fabricação. Os primeiros eram simples oficinas onde o som era registrado. Cada palavra ou grupo de palavras usuais era registrado em sua consonância original e provida de sua tradução na língua de 54. O senhor Moroto constatou que a fim de obter um registro perfeito, contendo os mais finos matizes, as palavras pronunciadas por locutores especializados, e ampliadas antes de ser registradas, não eram admitidas em definitivo senão depois de numerosos ensaios. O princípio da prova sobre três *trecenas* era aplicado aqui como em todas as partes de 54. Para tranquilidade de consciência, já que acreditava saber de antemão qual seria a resposta, o senhor Moroto perguntou:

- Vocês jogam fora os registros imperfeitos?
- Não - disse Raghyrh, - nós os consolidamos.
- Ah! Está bem - proclamou o senhor Moroto.

Raghyrh teve a gentileza de acompanhar-nos ao hexágono 561, onde se interpretavam palavras terrestres. Um sujeito fraco e melancólico, provido de documentos do Compêndio, repetia infatigavelmente: "Eneágono"... "Eneágono"... Eneágono"... Ficamos surpresos, os terráqueos e eu, de ver até que ponto a mesma palavra pronunciada pela mesma pessoa diferia em alguma coisa, ou seja, tinha vários significados depois da sua amplificação.

O senhor Vaillon estava maravilhado ao descobrir tantos aspectos de uma mesma palavra. A conversa girou depois sobre alguns termos de argot que o *Boldo* não chegava a traduzir e Vaillon ofereceu seus préstimos pra a interpretação da palavra terrestre do *Boldo*. O vocabulário do poeta era considerável; assim então sua oferta foi aceita. O senhor Moroto tomava muitas notas em sua caderneta.

Raghyrh nos conduziu depois a uma das oficinas de conexão. Aqui cada placa de ressonância figurativa de uma palavra ou de uma locução está conectada a outra placa de ressonância figurativa da mesma palavra ou da mesma locução.

Houve vários e numerosos *quid pro quos*⁽¹⁾ entre Raghyrh e os terráqueos. Para um habitante de 54, esta oficina é uma das coisas mais simples que se pode imaginar. Todas as palavras de cada língua são conectadas sobre seus homólogos de 54; é evidente, pois duas operações muito simples permitem passar de qualquer idioma para outro, mas os terráqueos parecem cegos a este respeito. O espetáculo de milhares de conexões relacionando as palavras entre si deixou o advogado Barroyer em um dos mais cômicos estados de estupefação. Ele não parava de repetir:

- Tantas linhas" Tantas linhas" E se entendem perfeitamente!

O General, também perplexo a princípio pelo número tão elevado de conexões, batizou essa sala com o nome de "P. C. da ortografia" e, a partir de então achou-a menos extraordinária.

Depois nós visitamos a oficina de reprodução.

- O *Boldo portátil* - explicou-nos Raghyrh, - corretamente empregado por toda pessoa chamada a visitar os planetas vizinhos, é obtido por um procedimento de redução, imaginado a mais de três séculos, ou seja, 1.433 anos terrestres, pelo descobridor Trhaboldo. O elemento-língua *Boldo* tolera, segundo o caso, de 13.000 a 480.000 frases, locuções ou palavras. Cada palavra possui sua matriz gráfica, sua matriz fônica, suas interconexões e a conexão tele-psíquica que assegura o carreamento de tudo para o cérebro de seres vivos e capazes de pensar: isto representa aproximadamente, segundo o caso, mais o menos o volume de 1.300 a 42.000 habitantes de 54 agrupados uns por cima dos outros. O elemento-língua *Boldo*, e com mais razão o *Boldo-Total*, seriam portanto, dificilmente transportáveis sem a descoberta de Trhaboldo.

- Quem foi Trhaboldo? - perguntou o general.

- Um simples guardião de *ailodus*. A origem da sua descoberta é curiosa. Ainda muito jovem, Trhaboldo se divertia, como muitos garotinhos de 54, em resolver equações tri e quadri-potenciais. Uma distração inocente. Pois bem, um dia, não tendo Trhaboldo nenhuma equação à mão, entreteve-se em calcular algebricamente o voo dos *ailodus* e obter assim algumas equações inéditas a fim de ocupar suas horas livres. Foi então que Trhaboldo fez uma constatação, aparentemente muito simples, mas cujo desenvolvimento e exploração deveriam revolucionar todas as ciências. Observou, com efeito, que a velocidade dos *ailodus* não é proporcional ao seu tamanho. Os *ailodus*, grandes ou pequenos, voam constantemente em grupos e a uma velocidade constante. Trhaboldo pensou por um instante que os *ailodus* regulavam seu voo uns com os outros. Entreteve-se em contar as batidas das suas asas e cronometrar a cadência de voo dos isolados. A conclusão que tirou dessas múltiplas observações, aparentemente primárias e infantil, mas de incomensurável alcance, foi que a velocidade dos pássaros nunca é proporcional ao seu tamanho.

Trhaboldo, falando desta simples constatação, estabeleceu primeiramente a lei da velocidade da queda dos corpos e demonstrou que é igual ao produto do tempo pela aceleração. A mesma descoberta foi feita - assim nos ensina o "Compêndio Geral" - em diferentes datas, em mais de setenta planetas. Mas seu alcance tem sido mais ou menos considerável, dependendo do que o pesquisador-matemático tirasse desta lei elementar todas ou somente parte das consequências resultantes dela.

- Você quer dizer - perguntou o General - que a Lei de Newton é suscetível de outras aplicações além das descobertas na Terra?

- A "Condensação" do Compêndio Geral nos explica. Classifica os planetas segundo a fórmula equacional de compreensão da velocidade, da massa e do tempo. Perten-

(1) latim-termo utilizado para livro de registro de medicamentos farmacêuticos alternativos nas farmácias. Mais tarde usada popularmente como quiproquó, termo que se refere a confusão, discussão. N.de Espinhudo

cem à primeira categoria os planetas em que a fórmula $V=GT$ não foi descoberta. Nesses, geralmente, são desconhecidos os procedimentos mecânicos mais rudimentares. À segunda categoria, os planetas nos quais a fórmula $V=GT$ foi descoberta sem os axiomas de Trhaboldo. Estes axiomas são quatro, todos originados da fórmula $V=GT$:

Primeiro axioma: A velocidade de translação de um corpo não se deve nem à sua massa nem ao seu volume e sim à natureza do meio em que ele se move.

Segundo axioma: As propriedades de um corpo simples, de um corpo composto ou de corpos justapostos harmonizados não se devem à sua massa, e sim da própria natureza.

Terceiro axioma: A massa, o peso e a densidade são olhares do espírito, cômodas para o estudo das constantes matemáticas de primeiro grau, mas nefastos para a pesquisa de realidades matemáticas de segundo, terceiro e quarto graus.

- Um olhar no espírito da massa! - suspirou o General. - Você vai me fazer esquecer tudo o que aprendi? e Trhaboldo formulou isto?

- Sim - disse Raghyrh, - com a célebre equação: $M=M/2$. A princípio esta equação alarmou um pouco nossos matemáticos, mas claro, Trhaboldo foi chamado em consulta ao Serviço Central Equacional. A matemática convenientemente estudada não se presta a controvérsias. Finalmente, ele formulou seu quarto axioma, base atual de todas as ciências e de toda a vida social em nosso planeta: "As propriedades de um corpo simples, de um corpo composto ou de corpos mecanicamente justapostos e harmonizados são intrínsecas e, em condições ótimas, independentes do seu estado: superaglomerado, aglomerado, sólido, líquido, gasoso, dilatado, espiritualizado. Todas as propriedades essenciais são, em condições ótimas, comuns aos sete "estados". A partir de então, adotou um método de trabalho que, aplicado em casos fundamentalmente diferentes, deu resultados excelentes. Cada conjunto mecânico de massa M , uma vez estudado, ficava estabelecido em treze *trezenas* de exemplares...

- E quantos jogava fora? - interrompeu o senhor Moroto, logo se animando.

- Nenhum. Eram transmitidos a 169 especialistas encarregados de realizar um grupo $M/2$, tendo todas as propriedades do conjunto M .

- E conseguiam? - perguntou o General.

- Facilmente. A descoberta de uma Lei matemática - disse Raghyrh - requer dons muito extraordinários, mas as aplicações práticas são somente questão de paciência. O quarto axioma de Trhaboldo abriu todas as portas, e particularmente a do "processo dos sete", que consiste em que, tendo um grupo obtido primeiramente em superaglomerado, se recompõe - com todas suas faculdades - em aglomerado, sólido, líquido, gasoso, dilatado ou espiritualizado. No *Boldo*, o aparelho original é um aglomerado, as matrizes fonéticas do aparelho que está em seus bolsos estão dilatadas, a conexão psico-telepática, o órgão mais sensível e mais delicado, está espiritualizado. Mas esta conexão nos dá dor de cabeça.

O COMPÊNDIO

Nossa entrada no Compêndio foi marcada por bastantes e notáveis incidentes. Como de costume, passamos pelo Serviço Tonduel. Para cada um dos terráqueos foi feita a pergunta ritual: "O que você deseja conhecer?"

O senhor Barroyer respondeu: "A história da Terra"; o doutor Mugnier: "Os arquivos médicos"; o general Berthon: "O museu de Guerra"; o senhor Vaillon: "Os arquivos lunares"; e o senhor Moroto: "Tudo, e a fundo". Esta resposta deixou o senhor Olbler atônito, e me criticou amargamente por eu ter trazido um homem louco ao Compêndio.

- Ele não está louco - eu disse.

O senhor Moroto, que graças ao *Boldo* havia compreendido absolutamente tudo, exclamou:

- Eu não visito um Museu pela metade! Tenho por costume ir ao fundo da questão, senhor.

- Você tem igualmente o costume de viver *trezenas* de *trezenas* de anos luz? - perguntou maliciosamente Olbler.

- A que vem esta pergunta, senhor?

- Porque tal é o tempo - entende-se, claro, em anos de 54 - que você precisará não somente para despojar, ver, compreender e ouvir tudo que aqui existe, como também tão somente para dar uma simples volta.

- Neste caso dê-me o "Catálogo". Não há dúvida de que toda boa casa tem seu catálogo.

- Sinto muito, não temos o catálogo atual; a reprodução escrita é considerada aqui um procedimento arcaico, mas o *parlógrafo* de orientação poderá indicar-lhe os quinhentos e quarenta e seis diferente planetas nos quais possuímos os arquivos e o vinte e seis principais procedimentos empregados para a conservação e transmissão destes.

Fomos pois ao Serviço de Orientação, onde um encarregado pôs em marcha um *Boldo-parlógrafo*, não maior que a mão de uma criança. O senhor Moroto, disposto a tomar várias notas em seu eterno bloco, tentava, mas em vão, acompanhar a velocidade do aparelho. Não obstante, o encarregado nos informou que, superposta à classificação por "planetas" e por "modo de expressão", existia uma classificação por "materiais" e para os "pesquisadores não profissionais", uma classificação por espécimes. Estes dados só fizeram aumentar a perplexidade do senhor Moroto, cansado pelo duplo desejo de encontrar "saídas" e "fornecedores".

Finalmente o senhor Moroto optou pelos *parlógrafos* de Pegasse, nos quais a era dos sinais das políticas monetárias não estava fechada. O advogado Barroyer, achando que estava examinando os arquivos da Terra 2, recolheu os arquivos orais da Terra 1, sua homóloga; o doutor Mugnier escutou os cursos de anatomia relativos não somente a homens de 54, como também dos seres vivos e capazes de pensar de maneira bem diferente; o senhor Vaillon leu os poemas e o General, com andar ale-

gre e conquistador, foi ao serviço equacional, para onde eu o acompanhei.

O serviço equacional possui uma fama considerável. Se os homens de 54 estão, como eu acredito, avançados em relação aos dos outros planetas, devem isto a este serviço. Essencialmente compõe-se de sub-serviços que vão do primário ao transcendental e, então, ao absoluto. O primário é quase que exclusivamente histórico. Ordinariamente encerra, resumindo, um estado de todas as unidades primitivamente inventadas, para medir as densidades, as intensidades, as frequências, as amplitudes, as similitudes, as refrações, a velocidade e o tempo. Guardam-se ali cerca de seis milhões de obras ditas de "aproximação". Cada uma dessas obras contém, além disso, procedimentos já descartados, que já tiveram sua utilidade e disparates memoráveis, particularmente sobre as noções de intensidade, de velocidade e de tempo. Esses disparates não são comuns a todos os planetas. Por exemplo, os seres elásticos de Umbriel têm noções puramente fantásticas sobre o peso e postos de vista exatos sobre o tempo. Os homens de Markab, assim como os da Terra 1 e da Terra 12, ainda não fizeram os cálculos necessários para descobrir os estados superaglomerado e dilatado da matéria, mas, em troca, realizaram as equações que dão o conhecimento parcial do estado "espiritualizado". Os dois erros mais correntes são os relativos às "frequências" e ao "Tempo".

Por um lado a fim de conservar todos os traços do processo de criação matemática, mas, por outro, para evitar a propagação de notícias errôneas, à margem dos resumos existem anotações retificadoras bastante amplas. O General esteve muito interessado, a princípio, por este serviço, no qual diversas partes lhe eram acessíveis, mas, imbuído do seu egocentrismo, não deixou de perguntar "onde estavam os classificados da Escola de Pirotecnia". Vários deles foram encontrados. O corretor os havia sobrecarregado de justas e severas apreciações. Esta circunstância, em vez de incitar o General a retificar alguns dos seus conhecimentos equivocados, pelo contrário, excitou sua cólera. Tratou o corretor de "embrulhão" de "achar sete pés no gato". O encarregado abriu-nos depois as portas do sub-serviço de "Precursores". Com perfeita cortesia trouxe ao General um resumo das obras de Marcel Proust. Este terráqueo, que ao que parece jamais chegou a fazer uma soma exata, escreveu, em troca, coisas muito justas sobre a dilatação e a contração do tempo, mas o General, decididamente contrariado, colocou este homem de genial entre os "escritores sem importância". Existe no sub-serviço de "Precursores" uma tríplice figuração de Galáxias devida a Folshonn o Meticuloso. Este homem, cuja ciência matemática, embora rudimentar, era bastante superior à dos terráqueos, criou há uma dúzia de séculos uma máquina que dá três representações simultâneas do movimento dos planetas: uma visual, outra dilatada e outra auditiva. A representação equacional dos movimentos é infinitamente mais precisa, já que o principal interesse do aparelho de Folshonn reside no fato de que empurrou os matemáticos para as primeiras equações, permitindo assim uma verdadeira compreensão do tempo. Desta vez o General ficou maravilhado.

- Assim então, desta forma - disse-me - um cego poderia compreender o movimento dos planetas?

- Exatamente, teria uma ideia bastante razoável.

- É extraordinário! - disse-me.

Eu não quis contradizê-lo. Levei-o por um momento aos serviços de Transcendentais. Este serviço precede ao da Iniciação, onde se acham resumidas as virtudes dos números e estudadas suas relações com nosso destino. Os três encarregados, designados ali para dar as correspondentes explicações, tendo conversado um pouco com o General, desistiram de fazê-lo compreender fosse o que fosse. O último, com muita

prática, desviou-nos por um caminho e nos conduziu para a saída.

Durante os dias seguintes interroguei os terráqueos sobre suas andanças pelo Compêndio. O senhor Moroto estava entusiasmado com um achado. Havia descoberto uma antiga obra de Pegasse intitulada "Castigo para os insolventes", e proclamava este resumo-impresso como "uma ideia saudável e genial". O advogado Barroyer havia sido o mais afortunado de todos. Havia-se tornado amigo do encarregado e havia trocado um exemplar do seu código terrestre resumido por um lote de fono-documentos da Terra 1, do ano de 2.393. O doutor Mugnier transbordava de entusiasmo. Um encarrego havia-lhe remetido, não somente os tratados de anatomia relativos aos homens de 54, como também aqueles referentes aos seres metálicos de Ophiucus, aos ovíparos de Régulus, aos braquicéfalos pensantes de Órion, aos assimétricos de Antinoüs, aos multi-pensantes da Serpente, aos hexagonais de 37... Com tudo isto, o doutor havia perdido a vontade de comer e beber: "Eu precisaria de mil anos para aprender tudo isto", dizia.

Vaillon, depois de ter lido alguns poemas terrestres muito antigos, passou a fazer parte do sub-serviço de Umbriel.

O GRAN REGULADOR

A maioria dos homens da Terra está sujeita a paixões mesquinhas e violentas ao mesmo tempo. Mesquinhas pela estreita visão a que submetem sua existência, e violenta pelo afã, pela ansiedade e o rigor que utilizam para conseguir seus objetivos. Estranham muito a ordem e a paz que reinam em 54 e os mais desconfiados, em particular o senhor Moroto e o senhor Barroyer, suspeitam que estou-lhes escondendo o lado desagradável e feio da nossa vida. Supõem, não sei porque, que existem rivalidades entre os serviços, e que são lutadas terríveis batalhas para a obtenção de lugares importantes. Um e outro me perguntam diariamente quem “manda” quem “corta o bacalhau”, e quem “arbitra”. Mesmo o *Boldo*, apesar da sua excelente qualidade, nem sempre permite que nos entendamos.

O senhor Moroto me perguntou trinta e nove vezes “quem fixa os preços”, e trinta e nove vezes eu lhe respondi que não há porque fixá-los, sem conseguir satisfazê-lo. Desde então ele não para de me fazer perguntas, as quais acabo por não saber se são ridículas, idiotas ou extravagantes!

Por exemplo, hoje ele me perguntou que aconteceria se um homem de 54 transportasse para sua moradia todas as rações 26 de um Nutri-distribuidor.

- Vamos ao fundo da questão - ele me disse. - Abordemos todas as hipóteses. O homem está inquieto. O Nutri não está vigiado; o homem toma suas precauções e acumula.

- As rações seriam substituídas. Os Nutri-distribuidores são totalmente abastecidos três vezes ao dia.

- E se ele começa de novo.

- Voltarão a fazer o mesmo.

O senhor Barroyer se assusta ainda mais pelos conflitos coletivos. Várias vezes ele me perguntou se eram frequentes as “greves” na “Navegação Universal”, e se os expedidores e os transportadores de mercadorias se davam bem! Mesmo o senhor Vailon me perguntou se “nos dava muito o que fazer ajustar entre si todas essas endiabradas técnicas”. O melhor era, pois, fazer com que vissem em carne e osso ao que constitui o cume do nosso edifício social: O Grande Regulador.

Tradicionalmente, o Grande Regulador vive em A Guarda, no lado da alvorada dos raio netunianos, um habitáculo cuja sala de audiências possui nove lados. Esta sala de forma particular é, segundo parece, a única coisa singular dentro do comportamento, da vida e dos costumes do Grande Regulador. Seu secretariado, pouco considerável, não está submetido a nenhuma formação especial. Ele mesmo o escolhe ao seu gosto.

O Grande Regulador é muito acessível. Segundo a tradição, é um homem cortês, cheio de boa vontade e senso prático, alijado de todas as técnicas e de cultura mediana. Quando o visitamos, ele ignorava, creio eu, até a existência da Terra. Ele soube da profissão dos nosso cinco visitantes e teve para cada um deles palavras afáveis. Felicitou o General pelo seu bom aspecto, ao doutor ele disse que se sentiria

muito honrado e satisfeito se pudesse, em caso de alguma doença, ser atendido por um médico terrestre tão eminente. Dirigindo-se ao advogado Barroyer, disse-lhe quão interessante lhe parecia o estudo das leis; mas não tendo provavelmente apreciado absolutamente o discurso que o senhor Moroto lhe havia feito, referente aos benefícios que cabiam esperar do "Alto Comércio Interplanetário", elogiou-o com muita habilidade o "ir ao fundo da questão", pelo que o senhor Moroto se pavoneou.

- Senhor - disse por fim a Vaillon, - os rigores do nosso clima e nosso extremo temor de contágios microbianos fazem com que os animais sejam uma exceção em 54. Ao ver este animalzinho sinto isto ainda mais que de costume. Minha defunta avó, Xivantina Maté, possuía um *Gatéta*. Era um animalzinho um pouco parecido com este, mas, como todos os animais em 54, tocado pela matemática, embora desprovido de possibilidades de expressão de linguagem. A ele eu devo minha primeira representação gráfica da tabela multiplicadora de 13. Ele a formava com Kossecs, uma espécie de pequenos insetos aos quais odiava. Tinha acessos de cólera quando não conseguia aprender uma tabela e, neste caso, raivoso contra o que sem dúvida era, aos seus olhos, a representação gráfica da sua incapacidade, comia-a para não vê-la mais. Isto aconteceu várias vezes com a tabela do 7, sem consequências. Eu o vi devorar quarenta e nove Kossecs de uma vez sem adoecer. Infelizmente, um dia houve uma confusão entre o 17 por 19, e o 18 por 18. Neste dia ele calculava com velées, insetos bastante fracos, mas coriáceos; estava tão encolerizado que comeu dezenove. O pobre animal morreu de indigestão.

- Senhor Vaillon - prosseguiu o Grande Regulador, - espero e desejo que não aconteça uma desgraça parecida a este simpático animal. Seria uma lástima!

Houve então um silêncio bastante longo. Em 54, a incessante aplicação dos progressos científicos não tira valor algum das tradições. O Grande Regulador, seja qual seja a importância dos conflitos que tenha que arbitrar, verte sobre aqueles que recorrem ao seu bom critério, tesouros de honradez suavizante. Mas isto não significa que tenha o direito de fazer perder tempo a um personagem tão importante. O Grande Regulador esperava, pois, o enunciado de qualquer desacordo. Esquadrinhava nossos rostos, estimulando-nos. Talvez até, tão grande era sua experiência das coisas, que tentava adivinhar que conflito poderia separar-nos. Logo suas orelhas tremeram ligeiramente, o que para os homens de 54 é um sintoma benigno, mas evidentemente de comedida impaciência. Eu já lhe tinha falado do general Berthon - cujas excentricidades de um tempo para cá começavam a ficar excessivas, - e talvez tenha pensado que era dele que os outros terráqueos tinham queixas.

- Não vejo o General - disse-me ele, de forma interrogativa.

- Com efeito, ele não está - constatou o senhor Barroyer.

Depois disto houve um novo silêncio mais pesado que o anterior. As orelhas do Grande Regulador se imobilizaram, mas as aletas do seu nariz tremeram violentamente. Este segundo sinal de impaciência, provavelmente desconhecido dos terráqueos, não pareceu emocioná-los, mas me deixou perplexo. Perturbar o Grande Regulador era para nós um grave delito! Ele me dirigiu um olhar desafiador, quase uma censura.

- Isto é tudo que esses senhores têm para me dizer? - perguntou.

Acostumado desde a infância pelo respeito que todos os homens de 54 têm pelo Grande Regulador, eu havia esquecido de avisar aos terráqueos que ninguém interroga diretamente o Grande Regulador, e não tive tempo de responder.

- Senhor Grande Regulador - perguntou o senhor Moroto com prodigiosa inconveniência, - desejaria ir ao fundo da questão, - de que meios de coerção você dispõe para obrigar as partes demandantes a respeitar seus veredictos?

Neste instante eu teria querido desaparecer. O Grande Regulador com certeza ficou pasmado e indignado. Talvez até por um momento pensou em enraivecê-se contra essa falta de tato, mas conseguiu dominar-se:

- Isto depende - disse. - Você tem algum problema a submeter-me?
- Não no momento! - respondeu o senhor Moroto, - mas talvez no futuro.
- Não posso julgar de antemão ao futuro. Não arbitro nada mais que os conflitos coletivos e me atenho à regra da *trezena*.

- Gostaríamos de conhecer esta regra - disse o advogado Barroyer cortesmente
- Não há nada que eu não fizesse para ser-lhes agradável - respondeu o Grande Regulador. (Seu tom indicava porém talvez um pouco de ironia, mas a forma velada da pergunta do senhor Barroyer deve ter-lhe parecido mais aceitável que a forma direta empregada pelo senhor Moroto.) - Em todo caso, nada do que me é possível. A lei da *trezenas* remonta a uma época em que os descontentes e os perturbadores abundavam em 54. O instinto de posse egoísta se apoderava de certos habitantes, e o meu Mui Ilustre Predecessor Mahttinh o Sábio, era importunado incessantemente por alguns néscios atrabiliários. Em particular, um chamado Glupp havia ido aborre-cê-lo mais de treze *trezenas* de vezes. Frequentemente ele brigava com sua mulher e os dois apelavam então ao Grande Regulador para que visse as marcas dos murros que um havia propiciado ao outro; no inverno, acusava seus vizinhos de se apossarem dos raios netunianos; a cada momento perturbava com demandas de análise ao Grande Laboratório e insinuava que os alimentos dos Nutri-distribuidores não eram homogêneos! Suas recriminações incomodavam enormemente Mahttinh o Sábio. A equação de multiplicação de atos, sendo tão evidente sob as formas apenas diferentes, aplicada em centenas de planetas, foi aplicada ao caso. Mahttinh o Sábio deu-se conta de que se todos os homens de 54 procedessem como Glupp, seria necessário um Grande Regulador para cada seis habitáculos, o que era absurdo. Por outro lado se pode pensar que, em consequência de desgraçados azares da vida, um homem pode alguma vez encontrar outro para disputar com ele, mas não se pode admitir que esse homem encontre frequentemente pessoas desejosas de atentar contra os seus direitos. Milhões de habitantes de 54 vivem uma longa existência sem ter sido sujeitos a desacordos com ninguém. Então Mahttinh o Sábio avisou solenemente a Glupp que ele se queixasse novamente pela trigésima vez, lhe mandaria fazer parte dos perturbadores.

- Suponho - disse Vaillon, - que não se faria repetir duas vezes.
- Voltou doze vezes por tolices, pois era um recriminador nato, mas decidiu manter-se quieto. Não obstante, após um período bastante longo, cometeu a imprudência ficar de olho na funerária da senhora Glupp. Esta se queixou. A lei devia seguir seu curso! Glupp, declarado perturbador, foi remetido a M.S. e enviado a 1.118. A estadia ali é bastante desagradável. Desde então aplicamos a lei da *Trecena*.

- Suponho - perguntou Moroto, - que esta lei se aplica somente aos delitos, mas não a desacordos comerciais...

- A todos os desacordos - corrigiu o Grande Regulador. - A todos, sem nenhum tipo de exceção!

O CONSERVATÓRIO DA MOEDA

Suc May pediu sua transferência! Conseguiu ser admitida em um TO46. De todos os aparelhos em uso em A Guarda, é o menor, o mais lento, o mais incômodo. Sua velocidade máxima é de seiscentos *regas*. Portanto é raramente utilizado para viagens astrais. Às vezes é utilizado para transportar, não seres e sim coisas e, à espera de problemáticos viajantes, a *aeromoça* não tem nada que fazer.

Assim foi que Suc May se tornou quase sedentária. A cada dois ou três dias está em A Guarda, acompanhada agora de Vaillon, depois do General e às vezes dos dois. O velho General me preocupa. Finalmente tenho a chave para suas "mudanças" de humor. "O Amor, o Vinho e o Tabaco" sendo, pelo que me disse, "indispensáveis à boa moral da tropa", foi explorar o serviço de perfumes, onde o receberam de braços abertos. Durante vários dias viram-no ali bisbilhotando de célula em célula. Os identificadores terão imaginado, creio eu, que estava à procura e captura de algum perfume particularmente delicado destinado a Suc May ou à generala Berthon, da qual ultimamente fala muito raramente. Por fim encontrou o que procurava. Uma "cabeça de destilação" de *bioxianetol* e um resíduo de *Alcool-Coca*! E com isto compôs, não um perfume... e sim uma bebida!

O senhor Moroto, o advogado Barroyer e mesmo o doutor Mugnier parecem apreciar este líquido nauseabundo, mas fazem uso moderado dele. O senhor Moroto e o senhor Barroyer bebem-nos antes das refeições. O doutor Mugnier às vezes fica cinco ou seis dias sem prová-lo, sob o pretexto de que é o Presidente da "Liga Anti-Alcoólica", depois do que engole uma quantidade surpreendente. O General bebe regularmente cinco copos pela manhã e cinco copos à noite, depois do que gesticula e se agita com maus modos.

O senhor Moroto pretende "patentear" este líquido com o nome de "Aromas de *Ormorotina*".

Quando bebem esta mistura de *bioxianetol* de *Alcool-Coca*, os terráqueos tendem a ser refratários ao *micro-alma*. Após três copos, o *micro-alma* descarrilha. Em vez de ideias lúcidas e pensamentos claros, apresenta um magma pouco compreensível. O doutor, por exemplo, sonha que abre o ventre de todos os transeuntes, o General que dispara um canhão, o advogado Barroyer que substitui o Grande Regulador, o senhor Moroto que fabrica tamanha quantidade de "circulares-cadernos" que o céu fica nublado. Após o quarto ou quinto copo, tudo dá voltas, e o *micro-alma* não serve para nada.

Hoje eu recebi a visita de Suc May. Pelo menos desta vez estava sozinha e pudemos conversar tranquilamente.

- Suc May - disse-lhe, - você está encantadora; se continuar assim será a causa de muitas desgraças. Por qual deles você se decidiu? Eu, em seu lugar, optaria pelo General.

- Ele me lembra meu bisavô - respondeu-me ela. - Eu o acho um pouco pegajoso para meu gosto. Agora meteu na cabeça aprender a conduzir os TO46 e já não se

separa de nós.

- E que diz o piloto?

- O piloto está desconcertado. Tudo depende das garrafas. Quando o General não prova seu líquido mantém-se muito prudente e quieto. Não se atreva a fazer variações. O piloto acha que se ele prosseguir assim, em três ou quatro anos poderia passar no exame número 1.

- E quando ele toma um trago?

- Então faz torrentes de equações. Se realmente conduzisse o aparelho, igualmente poderia derrubar todo o carregamento, atravessar de lado a lado a Casa dos Números ou acharr-se em qualquer lugar em queda livre.

- E você, Suc May?

- Eu o acho pesadíssimo. Ele colheu umas ervas que envolve cuidadosamente em papel de seda e acende; então chupa e joga fumaça pelo nariz. O TO46 fede e fica empestado. Quanto termina de beber, de esgotar a paciência do piloto e de expelir fumaça, então me enche de cumprimentos.

- Suponho que você é sensíveis a estes?

- Não - disse ela, - o General me aborrece. Conta sempre as mesmas histórias.

- Ah, sim! Tocksalé?

- Tocksalé! Perfeitamente. E a batalha de Philopolis! E a lista dos seus uniformes! E, além disso, atrevido!

- Suponho que Vaillon não o leva demasiado a sério?

- Vaillon? Nem sequer se dá conta!

- Ah! - eu lhe disse. - De todos os terráqueos é ele que eu prefiro. E você?

- É uma criança - respondeu-me, - uma eterna criança.

- Ele me preocupa um pouco - disse-lhe. - Tem um lado estranho. Eu suspeito que ele odeia as técnicas.

- Ele não as odeia! É muito bom para odiar alguém ou alguma coisa. Simplesmente as ignora. Está acima delas.

- Como - disse eu, pra provocar um pouco Suc May, - ele pode estar acima das técnicas? Como ignorar os perpétuos "sempre adiante" de que foi feita a história de 54? Como e porque paralisar o Progresso? O doutor Mugnier, o advogado Barroyer e até esse frenético senhor Moroto são instrumentos mais ou menos conscientes. A "circular-caderno", o olho mágico, o calçado flutuante e todos os outros camelos com que o senhor Moroto inundou 67 países, são instrumentos de conforto e bem estar!

- Você acredita realmente - interrompeu Suc May, - que a "circular-caderno" pode comparar-se a um poema?

- Sem a "circular-caderno", o general Berthon não teria podido escrever esta estúpida equação, segundo a qual a distância seria o produto da velocidade pelo tempo, já que é preciso que continue escrevendo equações descabeladas para algum dia chegar a conceber alguma mais ou menos correta.

- Bah! - cortou Suc May. - O General é um imbecil, e até você mesmo...

- Eu mesmo, o que?

- Você não vai me dizer que é feliz? Você me entedia! E todos os homens de 54 se entediam... Então para que tantas técnicas? Para que servem?

- De pouco coisa, á verdade - disse eu debilmente.

- Para nada, meu querido amigo, uma vez que não conseguem fazer-nos felizes. Mas, eis que sem elas, sim pode-se ser feliz!

O tempo que se seguiu depois foi, segundo as ordens recebidas, agrupado em períodos de treze dias. Durante uma *trezena* eu servi de guias aos terráqueos. Eu os fiz conhecer, um após outro, os aspectos mais significativos da nossa vida, dos nossos costumes e também das nossas "técnicas"; depois, durante uma *trecena*, deixei-os perambular à sua vontade e comportarem-se livremente, seguindo sem coações seus instintos terráqueos.

Instados pelo senhor Moroto, tivemos que fretar o TO46 a fim de podermos ir a Voronat, onde se encontra o Depósito central de Moedas. Este monumento, horrivelmente poeirento é tão antigo que suas salas não são hexagonais, têm aspectos completamente desusados. Moedas de todos os tipos, procedentes de todos os planetas são ali armazenadas. Algumas datam de 800.000 anos luz. Não há um guardião propriamente dito, e sim um antigo e venerável Ordenador encarregado do cuidado das moedas e de acompanhar os visitantes. Quando ali chegamos, o general Berthon havia, segundo suas próprias palavras, "clareado a voz" com "seis pernodersatz bem medidos". Em tais momentos eu renuncio a compreendê-lo. Rebelar-se contra o *Boldo*, articula frases incoerentes e, quanto ao seu modo de andar, desenha extraordinárias curvas e trajetórias relativistas. Isto constitui para mim um problema insolúvel. O advogado Barroyer, o doutor Mugnier e o senhor Moroto, tendo bebido somente dois copos do líquido fabricado pelo General, ainda eram sensíveis ao *micro-alma*.

O TO46 aterrizou a pouca distância do Depósito de Moedas e logo a seguir notei uma pressa inusitada dos terráqueos. O advogado Barroyer, um pouco barrigudo e com as pernas curtas, suave, mas caminhava a passo acelerado; o doutor Mugnier, ao qual sua incontestável ciência *médica* deveria ter mantido acima de semelhantes puerilidades, havia-se unido alegremente à comitiva; o General, lançado em uma complicada trajetória, cantava alto uma música vulgar mas atraente.

De todos, o senhor Moroto era o mais alegre. Nunca o tinha visto com tanta vivacidade! Somente Vaillon, o gato e Suc May caminhavam com passo indolente formando a retaguarda.

A porta estava aberta e entramos na primeira sala de exposição, onde se encontram as moedas de Umbriel, sem que o venerável senhor Luc se desse conta da nossa presença. A fim de evitar a deterioração das moedas pelo vento *Ural*, estas são colocadas em vitrines de vidro. Já na primeira sala se encontravam milhares, de diversas formas, textura e antiguidade. No entanto, nenhuma delas era de bronze, cobre, prata, ouro ou papel, como as moedas terrestres, visto que o corpo mais pesado conhecido em Umbriel é o *tymbon*, e pesa duas vezes menos que a atmosfera terrestre e um pouco menos que a atmosfera de 54.

- Senhor - perguntou-me severamente o senhor Moroto, - estas são moedas ou botões de cuecas?

- São excelentes moedas - respondi-lhe - de um planeta bastante agradável, muito habitado e também misterioso, mas não são utilizadas há muito tempo.

- Por acaso estamos em um templo de moedas falsas? - prosseguiu o senhor Moroto. - Ou no cemitério das moedas fora de uso? Vamos ao fundo da questão! Será que aqui não haveria alguns velhos dólares antigos e boas libras esterlinas, ou pelo menos algumas rupias, mas constantes e soantes?

- Creio que sim - respondi, - mas talvez fosse conveniente, em vez de vagar ao acaso, interrogar o senhor Luc.

De fato, tivemos alguma dificuldade em encontrar o senhor Luc. O senhor Luc, conservador de coleções muito antigas, tem dor nos calos. A ciência de 54, capaz de extraordinários experimentos, às vezes é incapaz quando se refere a doenças menores. O senhor Luc, fiel a um antigo costume, toma seu banho cotidiano de pés, desti-

nado a abrandar, adormecer e minorar a dor da parte sensível. Esta inocente ocupação foi erroneamente interpretada. O senhor Vaillon, que acabara de se reunir ao grupo, deduziu que o senhor Luc era um "delicioso homem bom". O doutor previu uma operação em breve. O general Berthon, inexplicavelmente violento, protestou solenemente:

- Perde-se a disciplina - afirmou muito alto, - se continuam tolerando tão intoleráveis infrações. Um funcionário civil não deve receber personalidades militares de tão alto escalão com um pé de molho e um sapato na mão.

O senhor Luc é, segundo parece - e apesar do pense o General, - não somente a consciência profissional personificada, como também um homem de uma grande cultura histórica. Teve interesse em "começar do início" e nos conduziu primeiramente à sala número 1:

- Estas moedas de Umbriel são tão leves que, como vocês veem, aderem ao teto das vitrines protetoras. Se eu abrisse o vidro, elas voariam.

- Essa é boa! - vociferou o General. - Moedas voadoras! Bem, já vimos de todas as cores...!

- Será que o General crê que sou surdo? - disse-me o Conservador. - Isto não seria de estranhar na minha idade, mas tal não é o caso; talvez fosse conveniente desenganá-lo.

Este protesto cortês teve, não sei porque, o dom de fazer os terráqueos rirem.

- Senhor Conservador - perguntou de imediato Vaillon, - por que essas moedas são tão leves?

- Porque os habitantes de Umbriel, nos tempos distantes em que as fabricaram, eram em termos médios trezentas vezes menos densos que nós. Um *tetradracma* teria sido para eles uma pesada carga. No entanto, nas épocas de ventos fortes certas moedas de Umbriel foram utilizadas como lastro. Isto foi a origem de uma controvérsia gramatical que desperdiçou muito gás vital.

- Conte-nos isto! - pediu Vaillon. - Conte-nos isto!

Os habitantes eram tão leves, tão leves, que a navegação aérea, que para muitos povos é um objetivo final, foi em Umbriel uma ciência muito antiga. Os homens e as mulheres de Umbriel sabiam voar antes de saber contar ou escrever. Quando falo de ciência, a palavra ultrapassa meu pensamento. Digamos melhor, um costume. Os homens de Umbriel voavam como o peixe nada, ou seja, sem nenhum esforço. As mulheres, sempre um pouco mais leves, eram até às vezes transportadas bastante longe pela brisa.

- São umas vivas! - exclamou imediatamente o General. - Álibis para maridos tolos!

- Pare de grunhir, velho animal - disse-lhe Suc May - Não se ouve mais ninguém, só você.

- Aconteceu pois - prosseguiu o senhor Luc - que os homens de Umbriel começaram a navegar no infinito em um período que se perde na noite dos tempos. Suas necessidades eram reduzidas. Todo seu sistema digestivo se compunha de uma película muito fina, muito leve, que assimilava em qualquer lugar pequenas quantidades de oxigênio, alguns raios cósmicos, mas somente a atmosfera translúcida e leve de Umbriel lhes era verdadeiramente favorável.

- Acredita que alguns deles tenham ido à Terra? - perguntou Vaillon.

- Sem dúvida alguma. E a Terra tem sido durante muito tempo sua escola... Gostavam de ver como os homens viviam.

- E os homens os conheciam? - perguntou Vaillon.

- Um pouco, mas mal. Ignorando que vinham de Umbriel, chamavam-nos musas,

sílfides, parcas, fadas, elfos, sereias, potâmidas ⁽¹⁾, duendes, gnomos, bruxas. Atribuíram-lhes, por muito tempo, poderes extraordinários.

- E eles tinham realmente? - perguntou Vaillon.

- Na realidade, tiveram, pelo menos sobre a Terra. Quase não tendo necessidades, não experimentaram o desejo de acumular conhecimentos mediante a escrita. Sua voz na pesada atmosfera terrestre era tão fraca que se passavam vários séculos sem que nenhum homem tivesse ouvido bastante sensível para ouvi-la. Os habitantes de Umbriel vivem infinitamente mais que os da Terra. Acontece deles ficarem adormecidos no éter durante três ou quatro dias luz; tanto que eles são, a respeito dos terráqueos, em certos pontos de vista, uns monstros de ignorância e em outros, cento e setenta e nove vezes mais sábios.

- Suponho - interrompeu o senhor Moroto - que entretanto eles sabem para que serve um caderno?

- Não - disse o senhor Luc, - ignoram o que é, mas em troca eles sabem, por tradição e alguns deles por experiência própria, que o ciclo mental terrestre é ao redor de 18 anos luz.

- Isto quer dizer? - perguntou o doutor.

- Isto quer dizer que durante 18 anos luz dos homens da Terra 1 ou 2 acumulam em tropel conhecimentos admiráveis, estúpidos, exatos, falsos, geniais, absurdos, úteis, catastróficos, ou até sem objetivo algum, mas que seu próprio caráter...

- Até agora - interrompeu Suc May, - até agora!

- ...é o de desencadear algarismos sem sabê-los relacionar. Acabem sempre destruindo tudo, mas então...

- Então? - perguntou Vaillon

- Então - disse o senhor Luc - são admiráveis. Voltaram a inventar o fogo oito ou nove vezes. E isto é o atraente nos homens de Umbriel.

- Estupendo! - exclamou o senhor Moroto. - Acendedor Moroto, dois pavios, vinte e quatro pedras de reposição, totalmente automático...

- Feche o bico, Moroto - disse o General. - Não estamos agora na Intendência

- Por outro lado - prosseguiu o senhor Luc, - os habitantes de Umbriel admiram e apreciam muito os terráqueos.

- Por que? - perguntou Suc May.

- Em virtude da única LEI justa que se acha em quase todas as galáxias: a atração dos opostos. Os homens de Umbriel possuem, cada um deles, uma prodigiosa memória pessoal, mas que não se adiciona a nenhuma outra. Os homens da Terra têm memórias minúsculas, mas que se acoplam umas às outras com a mediação dos livros. Os homens de Umbriel podem viver uma existência inteira com o alimento que o homem de Cro-magnon devora ao despertar. Os homens de Umbriel são tão leves, dispõem de tanto espaço, e têm um caráter tão doce, tão aprazível, que sempre ignoraram e sem dúvida continuaram ignorando sempre a violência e o assassinato. Os homens da Terra são tão pesados, que necessitam acumular a ciência recolhida durante todo um ciclo mental para poder desapegar-se um pouco da sua terra natal, e de caráter tão rude que, apenas retornando à Noite de Los Angeles, fabricam massas e se esmagam os crânios tranquilamente.

- Os homens de Umbriel deviam desprezar os homens - disse Vaillon.

- Ao contrário, eles os admiram - afirmou o senhor Luc. - Eles os admiram, ou melhor dizendo, os apreciam e frequentemente tentam imitá-los. No tempo que os homens chamam de Pré-história, milhares de umbrielanas deslizaram na Terra ou em seus

(1) mitologia grega, as **Potâmidas** (do grego *potamos*, que significa rio) são as náiades associadas aos rios, frequentemente filhas dos deuses-rios. N.do Espinhudo

homólogos. Ver um terráqueo devorando uma cabeça de auroque ou uma pata de diplódoco, é para eles um espetáculo fantástico e do qual nunca se cansam. Esta admiração às vezes tem lhes prejudicado bastante. Apesar de que os amores entre as umbrielanas e os umbrielanos são doces, suaves, isentos de zelo e de tristeza, não é raro que uma umbrielana se apaixone loucamente por algum horrível mentecapto...

- Eh! Eh! - protestou o General. - Isto demonstra que têm bom gosto...

- ...mas pouco critério - disse o senhor Luc. - O Compêndio Geral nos disse que uma umbrielana, afetada pelo "Mal do Amor" está de guarda há 718 anos terrestres em Ning-Hia, perto da tumba de Gengis Khan.

Estas palavras sobressaltaram Vaillon:

- É curioso - disse, - mas eu já sabia. Isto consta em uma lenda chinesa!

- Diabos! - disse o General. - Duvido que a generala fizesse outro tanto por mim!

- Normalmente os homens de Umbriel riem das "mecânicas", tantos das nossas como das terrestres, mas de volta ao seu país sentem melancolia e procuram imitar os humanos. Algumas umbrielanas tentaram tecer seus vestidos. Fizeram alguns diáfanos e de muito efeito, mas sempre eram pesados demais para elas. Por fim acabaram por adotar um traje mais simbólico que real, já que somente é visível ao ultramicroscópio. Várias vezes, visto a importância que os homens da Terra dão ao dinheiro, os umbrielanos criaram moedas. Gravemente as trocaram entre eles e alguns lhes atribuíam um poder mágico.

Sacha Kapman, um célebre sábio de Umbriel que sabia contar até 37, apaixonado por uma terráquea, concebeu o projeto de levar-lhe seis *sterces* de Umbriel. Ele havia observado que os presentinhos mantinha a amizade. A viagem foi longa e cansativa. Os seis *sterces* eram tão pesados que, arrastado pelo seu peso, Sacha Kapman achou-se prisioneiro da gravidade de planetas, no que não havia perdido nada. Teve que abandonar sucessivamente cinco *sterces*, um em Phebus, outro em Plutão e três que se perderam no infinito. À chegada, pensava em deslizar o último *sterce* embaixo da almofada da sua amiga, mas a vida das terráqueas era curta, e havia um século que ela havia morrido. Ao seu regresso a Umbriel, Sacha estava doente desse terrível "Mal de Amor" que devora todos os planetas, mas que é excepcional em Umbriel. Mostrava-se exigente, ranzinza, briguento e, coisa rara, crítico. Acusava o senhor Larrout, o fabricante, de haver falsificado e acrescentado peso às moedas, até o ponto em que exigiu um exame das mesmas. Os números incomodam tanto aos umbrielanos que nem um só deles jamais tinha sido capaz de contar até treze vezes treze. Mas esta demanda de Sacha Kapman surpreendeu muito. Pouco depois procurou dois amigos para mandá-los como testemunhas ao desgraçado Larrout. Todos os habitantes de Umbriel o julgaram louco de amor e vários deles acabaram acreditando que era perigoso e pediram sua expulsão. Isto quase ocasionou uma polêmica. Sacha reclamou um "referendum" entre todos os habitantes de Umbriel. A ideia de ter de "contar" lhes pareceu tão divertida, que em sua língua a palavra "referendar" conservou desde então o sentido de "dizer tolices descabeladas". Mas as moedas têm sua má impressão e a partir desse momento já não são mais fabricadas.

Esta história divertiu muito a Vaillon e até ao General. Em troca, Moroto ficou muito frio. Então visitamos quinze salas. Todas elas eram imensas, porém monótonas. Na realidade, o princípio da moeda, antes que caísse em desuso, conduziu em todas partes mais ou menos aos mesmos resultados. Utiliza-se um corpo raro o qual é cor-

tado em pedaços geralmente redondos ou hexagonais, e sobre os quais se desenha alguma coisa que represente o princípio de comando ou identifique a autoridade responsável pela cunhagem.

Através de alguns de seus físicos, uns farsantes, os terráqueos acreditam conhecer bem a natureza dos corpos químicos existentes em todas as galáxias. Este conceito científico, no mínimo prematuro, fazia com que o senhor Moroto ficasse nervoso, de mal humor e mais antipático que nunca. Pelo visto, aos seus olhos a ideia de moeda se identificava com ouro, prata, brilhantes e cheques. Apalpou desdenhosamente as simpáticas moedas *azuladas* de Cassiopeia, achando que eram cunhadas em "aço de Thieres", sob o olhar desaprovador do senhor Luc, acostumado a receber um grande número de hóspedes eruditos. As "quadrangulares" de Regulus, peças raríssimas e admiráveis sob sua pátina de 1.000 séculos o deixaram completamente indiferente. "São de chumbo", disse. Essa expressão idiota fez o senhor Luc saltar bruscamente, tanto que por um instante achei que alguém havia pisado em seu calo. Por sorte não foi assim. As moedas do Corvo deram lugar a uma discussão. Representam duas meias luas. Este detalhe excitou a hilaridade do general e a do doutor, por certo mais inesperada. Como Berthon tinha a garrafa no bolso e de vez em quando tomava um trago, me guardei de fazer-lhe alguma pergunta, mas em troca eu pedi, embora em vão, ao sábio médico, que explicasse o que viam de cômico neste símbolo bem conhecido do dia e da noite.

Quando chegamos à sala número 11 pareceu apumar-se. Apesar de receber poucos visitantes, este homem tão sábio como cortês está orgulhoso, não dos seus conhecimentos que são infinitos, mas do valor histórico das coleções que classifica, confronta e conserva.

Estão aqui - disse-nos - moedas das mais curiosas. Os habitantes de Antinoüs, chamados Narizes longos, adoram os perfumes e ainda mais as flores. À força de cuidados, de paciência, de engenhosidade, chegaram desde os meados da sua história a cultivar, apesar da extrema rudeza do clima, cinco flores: a *Lathyrus odoratus* (chamada também de ervilha de cheiro), a *Curritulae* vermelha, a *Wateman* azul, a *Calciolaria* rugosa e a *Roby-Robin* dourada. O que esses cultivos custaram em esforços, em heroísmo e em sangue é incrível. O escarlate da *Roby-Robin* foi arrancado de crateras ainda fumegantes. Aclimatada pouco a pouco, ainda necessita de cuidados extremos. Os encarregados do cultivo da *Robyn-Robin* trabalham a temperaturas tão elevadas - particularmente na fecundação artificial - e sua tensão espiritual é tão forte que a porcentagem de mortalidade entre eles é a mais elevada de toda Antinoüs. A *Lathyrus odoratus* foi descoberta nos glaciares. É de uma brancura imaculada. Várias gerações de especialistas jardineiros empenharam-se em cruzá-la com a *Wateman* azul, o que teria dado resultados sensacionais. Mas infelizmente não conseguiram. As esquisitas flores puseram toda sua boa vontade, mas sua união sempre foi estéril.

Em Antinoüs, as flores constituíam uma exceção, uma raridade muito procurada, de forma que faltava somente dar um passo para fazer delas sinais monetários. Este passo foi finalmente franqueado...

- Graças ao qual - interrompeu o senhor Moroto, visivelmente impaciente - estamos aqui em um ervanário. Logo estaremos comendo dinheiro. Vamos, senhores, vamos.

Neste momento o senhor Vaillon havia precisamente parado diante de uma admirável *Wateman*, maravilhosamente conservada entre duas folhas de linho.

- Finalmente - disse, - eis aqui uma moeda compreensível. Olhe para estas cores, *Suc May*. Parecem refletir céus infinitos. Seu aroma, sem dúvida atenuado pelo tem-

po, é um pouco parecido com o das violetas do meu país. Quisera, Suc May, se fosse rico, poder oferecer-lhe...

- Ei! Ei! - interrompeu o senhor Moroto. - Basta de efusões! Vamos depressa! Depressa!

Neste instante, pareceu subir fogo no nariz do doce e pacífico Vaillon:

- Senhor Moroto - exclamou, olhando-o com um olhar mau, - eu tenho um empenho especial em não ser grosseiro diante de uma senhorita, diante dos nossos amigos e diante deste excelente senhor Luc, que está gastando, por certo bem inutilmente no que concerne a você, tesouros de erudição. Não entanto eu quero dizer-lhe, expressando-me com a máxima cortesia, que você está começando a me tirar do sério!

- Como? - perguntou o senhor Moroto com estupefação. - Parece que você está me insultando. E além de tudo em público! Diante de testemunhas!

- Senhor Moroto, eu tenho muita calma - prosseguiu o senhor Vaillon, e era evidente que já não tinha. - Tenho maneiras a toda prova, senhor, uma cortesia de aço, senhor. E com toda esta cortesia quero que saiba que você me irrita, que estraga minha viagem e que fede a intriga a vinte léguas de distância.

- Seus insultos não poderiam atingir os Estabelecimentos Moroto; nós estamos acima de tudo isto. São de baixo estofo! Um escritorzinho de sótão!

- Um escritorzinho de sótão vale tanto como um comerciante sem escrúpulos!

- Um poetafome! Bah!

- Um poeta morto de fome íntegro, senhor, vale mais que uma construção falsa!

Os dois desafiavam-se com o olhar, e achei que finalmente viriam os golpes. Até o gato, com o pelo eriçado, parecia haver dobrado de volume e se preparava para saltar sobre o senhor Moroto. O General, o advogado Barroyer e o doutor Mugnier falavam todos ao mesmo tempo.

Vi que o senhor Moroto procurava algo em seu bolso e por um momento achei que tiraria uma arma, mas ele tirou uma caderneta de notas.

- Senhor Vaillon - disse em tom muito grave, - não tenho por costume brigar com qualquer um. Isto eu deixo para os patifes, mas estou anotando seus insultos, senhor, suas calúnias... A justiça se ocupará disto. Código resumido Darbe, Nance e Barroyer, edição Moroto. O mais leve...! O mais completo!

- Senhor - disse Vaillon da maneira mais simples possível, - anote também que você é um tolo, com quatro letras, e não falemos mais do assunto.

Sua raiva já havia passado. Concentrou-se com delícia na contemplação da *Lathyrus odoratus*, branca, imaculada, a qual erguia sua corola por entre as folhas de linho, perfumando toda a sala com os últimos vestígios do seu aroma divino.

Depois disto tudo ainda visitamos várias salas, mas o ambiente já não era mais o mesmo, havia se estragado. Malborough, ainda não muito certo de que Moroto e Vaillon tivessem feito as pazes, continuava com o pelo eriçado, mas não tanto como antes. Observava Moroto com o olho esquerdo, enquanto que Moroto observava o gato com o direito. Esta mutua vigilância, fácil para o gato mas difícil para o negociante, deixou este último nervoso e quase caiu ao entrar na sala de Eridani; o senhor Barroyer e o doutor, a princípio bastante desanimados, agora cobraram "um pouco de ânimo" tomando um bom trago, junto com o General, antes de entrar na sala de Andrômeda. O senhor Luc parecia perturbado. A extrema suscetibilidade dos terráqueos com certeza foi a causa da sua atual reserva. Sem dúvida jamais sabere-

mos porque as moedas de Hércules são tão finas, as de Pégaso trançadas, as de Órion de filigrana e as de Markab tão pesadas que é preciso reforçar as vitrines onde estão guardadas.

Por fim chegamos à sala 28 onde estão as moedas terrestres do último ciclo mental. Um indivíduo, aparentemente desocupado, estava na sala. Até uma criança teria se dado conta de que se tratava de um agente do Serviço-*Mega*. No ato, os terráqueos pareceram transfigurados, diferentes. As moedas da sala 28 são recentes e classificadas dentro da ordem cronológica. Vaillon foi contemplar no fundo da sala as moedas gregas e começou a balbuciar sozinho e horivelmente nesta língua. O senhor Barroyer só tinha olhos para as moedas latinas. O senhor Moroto, de pé diante de uma vitrine cheia de peças de ouro modernas e de cédulas de todas as nacionalidades, lançava aqui e ali olhares febris. O General, tendo bebido outro trago do seu inestimável líquido, passeava lentamente diante de certas vitrines, dando de vez em quando uma olhada para alguma peça com a efígie de um Imperador, um Rei ou um General. S.M. me pareceu pouco satisfeito desta disgressão dos terráqueos, pois desta maneira era mais difícil vigiá-los. O senhor Luc, a quem doíam terrivelmente os calos, aproveitou pra se sentar.

De todas visitas esta foi a mais longa. Louco de admiração, o senhor Moroto fez algumas visitas aos escudos de ouro de São Luis, as peças de ouro de João o Bom, de Cresus, de Simão Macabeu, mas incessantemente voltava a contemplar a vitrine grande. Em uma das vezes ele pegou pelo meu braço e me disse, completamente arrebatado:

- Ah, senhor Karré! Quanto ouro!... Quanto ouro...!

Sua emoção era tão grande que dava gosto vê-lo e achei que ia recitar-me de memória algum pedaço do seu famoso catálogo. Não! Nem ao menos pensava nele!

- Tão somente por este dia valia a pena fazer a viagem. Obrigado! Obrigado!

Poucos depois, Vaillon, tendo terminado com as etruscas, veio dar uma olhada nas outras moedas. O gato o seguia e já não estava com o pelo erigido, mas mesmo assim desconfiado. O poeta e Moroto se cruzaram.

- Senhor Vaillon - disse este último, guiado por um nobre impulso, - em um dia como este o rancor é impossível.

E de repente apertou-lhe a mão.

O EVOCADOR

O senhor Moroto é um perguntador infatigável e também um trabalhador intrépido. Vaillon, ao contrário, sonha mais que age. É um homem pacífico, tímido, cujo coração está transbordante de ternas preocupações. Sem dúvida alguma, de todos os terráqueos é o que menos se assemelha a nós.

Passei bastante tempo falando com Morakim, que controla as "sondagens de seres" na "Navegação Universal"; Morakin opina que o senhor Moroto, o General, o senhor Barroyer e o doutor Mugnier não interessam.

- Eles se parecem com nossos antepassados da era dos sinais monetários, só que um pouco mais discordantes e egocêntricos. O "manuseador de produtos", como o senhor Moroto, é uma espécie comum que se multiplicou por toda parte antes da era distribuidora. Corresponde bastante bem, dentro da ordem humana, ao estado aglomerado da matéria. O advogado Barroyer pode ser que tenha em certos momentos preocupações mais elevadas, mas seu "ergotismo" só o conduz à posse de bens materiais. Corresponde ao estado sólido da matéria. O General pertence à época, ainda mais antiga, em que nossos antepassados disputavam fisicamente os produtos. É um anacronismo vivo. O doutor não tem mais que uns doze séculos de atraso, mas não se sobressai acima dos trabalhos que conduzem à conservação da matéria viva. É um homem útil, mas nada mais. Somente Vaillon parece ter olhares particulares sobre o aspecto espiritualizado das coisas. O que você acha, Teddy?

- Eu creio que em de certo modo ele superou a era dos sinais monetários, a da distribuição e até mesmo a dos valores equacionais. Na Terra 2 ele vivia à margem das questões de alimentação e indumentária e aqui vejo como nascem após ele ondas efetivas não equacionais.

- De que tipo? - me perguntou Morakim.

- De diferentes tipos, às vezes indefiníveis, mas nunca valiosos: ondas de riso, de enternecimento, de regeneração, de esquecimento, de relaxamento. Eu o apresentei a uma anciã, durante o circuito produtivo, e me disse que queria "ser sua mãe"; O "Grande Regulador" me pediu que o enviasse "com frequência" porque o achava "sedante".

Neste instante, Morakim pareceu ser iluminado por uma súbita ideia. Vi formarem-se em seu rosto rugas simultâneas da angústia e da curiosidade super-equacionais. Permanecemos durante bastante tempo silenciosos e inquietos. Os pesquisadores aptos a realizar sem perigo trabalhos equacionais que aos homens da Terra parecem sobrenaturais, estão sujeitos ao terrível "Delírio do Pensamento", quando entram no domínio do absoluto espiritualizado.

- Você acha - perguntou-me Morakin - que Vaillon será capaz de abordar o "Grande Problema"???

Fiquei indeciso por muito tempo. Abordar, seja com quem seja, o "Grande Problema" é tomar uma responsabilidade avassaladora correr um grave risco. Por fim me decidi, relutantemente e de forma indireta.

- Vaillon - eu lhe disse, - há uma coisa que estranho muito nos terráqueos, e talvez você pudesse explicar-me.

- O que é? - perguntou-me Vaillon.

- Parece ser que eles lutam terríveis e inúteis batalhas. Será, por acaso, que não têm medo do "não ser"?

- Ao contrário, lhes dá muito medo.

- Pois então?

- Eles se esforçam em esquecê-lo, ignorá-lo ou negá-lo.

- E conseguem?

- Através de maneiras bastante diferentes. O general Berthon e o senhor Barroyer, por exemplo, pertencem a uma classe espiritual muito extensa. Acreditam que o Universo inteiro é a sede de uma batalha perpétua entre um general infinitamente bom e um dos seus tenentes terrivelmente mau. Cada um deles dispõe de inumeráveis armas, em luta há milhares de séculos, mas que no final o general bom triunfará e dará novamente vida a todas as almas que merecem. Assim, para eles, a "Morte" é somente provisória.

- E o senhor Moroto?

- O senhor Moroto pertence a uma classe similar. Difere apenas sobre o general bom, a quem concede, além disto, mais severidade. O doutor não acredita na perenidade da matéria. Para ele a Morte não existe.

- Como? - eu disse - Ele se crê imortal?

- Não. Segundo sua opinião, que aliás é a de muitos terráqueos, o homem não deve ser considerado como indivíduo, e sim coletivamente, enquanto espécie; antes de nascer o homem vivia em seus ascendentes e viverá, depois de morto, em sua descendência. E você? - perguntou-me Vaillon.

- Nós temos abordado o "Grande Problema" segundo os métodos equacionais, mas estamos muito longe de tê-lo resolvido. Nós o subdividimos. Procuramos conservar de cada ser o conservável: sua voz, seu "evocador", alguma coisa do ambiente no qual vivia, mas falta a parte mais sutil.

- Escute, Teddy, temo entristecê-lo mas... posso perguntar-lhe se... sua mãe...

- Minha mãe está no "não ser" - respondi, - mas seu "evocador" ainda existe em Dihrt...

- Isto é admirável! - disse-me Vaillon. E logo seus olhos encheram-se de lágrimas.

- O que você tem? - perguntei-lhe.

- Nada, nada... não faça caso... somente penso que para mim minha mãe não é assim e que...

Fez um gesto vago e desolado. Senti como se uma onda desconhecida, sem precedentes, se estendesse por todo meu ser.

- Vaillon - eu lhe disse, - você quer vir comigo a Dihrt?

Esta proposta era completamente irracional, já que minha mãe não era a de Vaillon. Entretanto ele aceitou de bom grado.

Me parece que nossa visita a Dihrt será uma das melhores recordações que guardarei da minha missão sobre os terráqueos. Durante o caminho Vaillon me fez notar que os terráqueos, comumente tão duros e egoístas, sentem um grande amor por sua mãe.

O General chama a sua de "minha santa mãe". O senhor Moroto fala da "viúva Moroto", pensa nela frequentemente e sente muito não poder escrever-lhe. Na Terra,

ele lhe dava presentes frequentemente, o que prova seu grande amor filial.

Quando chegamos a Dihrt, nos dirigimos logo para a casa da minha juventude. Está um pouco afastada da cidade e é hexagonal. Segundo os costumes de Dihrt, está aberta a todo mundo, mas não encontramos ninguém ali. No entanto, recentemente alguém deve tê-la habitado e ao sair limpou-a profundamente, pois encontrei-a perfeitamente asseada.

Em seguida eu pus em funcionamento o *evocador* e a forma visual da minha mãe, vestida como de costume, ocupou-se imediatamente dos afazeres domésticos. Isto era para mim, cada vez que vou a Dihrt, um espetáculo pungente e doloroso, mas incompreensivelmente me pareceu que a contemplação da minha mãe indo e vindo, fazendo seus gestos costumeiros e dizendo as palavras habituais, submergia Vaillon em uma tristeza pior que a minha, adormecida pelo tempo. Várias vezes minha mãe roçou em Vaillon e vi como este empalidecia. Por fim, a forma visual sentou-se em sua velha poltrona e ficou imóvel. Vaillon aproximou-se dela e Malborough, que havia acudido à chamado do seu amo, pôs-se a ronronar aos pés da anciã. Nesta ocasião, Moroto ou qualquer dos outros terráqueos teria me feito um sem fim de perguntas sobre os meios utilizados para conservar alguma coisas daqueles que já não estão. Vaillon não me fez nenhuma. Nem eu mesmo me atrevi a perguntar-lhe se podem evocar a alma dos mortos como nós sabemos reconstruir seu aspecto e sua voz, mas sem dúvida alguma vi nascer no rosto de Vaillon um doce sorriso. Inclinou-se para ela, e em um impulso de humana ternura, lentamente beijou-lhe a mão. Novamente seus olhos encheram-se de lágrimas. Então levantou-se.

- Teddy - disse-me ele emocionadíssimo. - Teddy, sua mãe não está morta. Ela vive em você, Teddy. Malborough jamais teria se aproximado de um cadáver de verdade.

VISITA A FRAPPONTEL

As preocupações dos terráqueos são diferentes.

Vaillon fala frequentemente da Umbrielana que está de guarda na tumba de Gengis Khan em Ning-Hia. Esta fidelidade póstuma e sem esperança o comove. Nisto ele descobriu um "incomparável objeto de poema". Berthon tem uma ideia fixa que não estou muito certo que seja inofensiva. Não se convence que em 54 não exista nenhum exército. Ao contrário, ele acredita que existe um mas que não lhe deixam ver! Acredita também que 54 está cheio de "armas secretas" e as procura por todas as partes. O senhor Moroto com a mania dos negócios está muito pesaroso. Necessita de balanços, contratos e sobretudo de armazéns Finalmente, cansado de tanta guerra, eu acabei oferecendo-lhe um!

- Está bom para começar... - disse ele, - mas decididamente insuficiente.

A ideia de oferecer-lhe este armazém me pareceu excelente no começo, pois a partir de então ele me deixou em paz. Cessou de importunar-me com suas perpétuas queixas para dedicar-se a uma furiosa busca de brindes ou de objetos de escória recuperáveis.

Equipado com um deslizador Mobilis, conseguido após me deixar mareado de tanto pedir, ele pareceu multiplicar-se. Uma manhã ao amanhecer encontrei seu Mobilis tão super carregado de resíduos de perfume, que os deslizadores não podiam se mover. Dois mecânicos, estranhando uma avaria tão rara, contemplavam a máquina perplexos, enquanto Moroto os incitava a que ajudassem "pelo bem da coletividade".

Em menos de oito dias viu-se armazenar pouco a pouco, fios de *Ariette*, redestilações de *bioxianetol*, lençóis de linho. películas de *grafósonos*, suportes, excrementos de *ailodus*, que não sei porque ele confundiu com a matéria plástica utilizada em 54 para a fabricação de diversos objetos. Entretanto devo ser justo e dizer que o senhor Moroto trabalha com um ardor infatigável. Graças ao meu *telescópio auditivo*, me inteirei de um detalhe que por si só indica a consciência profissional de Moroto. Acorado desde o amanhecer, não parava nem um minuto entre mendigar, armazenar, classificar produtos de todos os tipos, e à noite ainda tinha tempo e ânimo para levantar um inventário e tê-lo atualizado.

Tranquilizado por este lado, pensei nos meus outros terráqueos mais simpáticos e menos queixosos. Perguntei a Vaillon, ao advogado Barroyer e ao doutor Mugnier de que eles gostariam. Os três, ao mesmo tempo, exclamaram que já estavam fartos de cápsulas alimentícias, vapores nutritivos e outros ingredientes usados em 54.

- Louvo muito - proclamou o doutor Mugnier - sua perfeita homogeneidade, me dou conta das suas qualidades antitóxicas, estudo com proveito sua composição por certo tão equilibrada e não duvidaria em recomendar seu uso frequente por meus enfermos. Entretanto, na qualidade de Presidente da Associação dos Médicos Gastrônomos, eu gostaria muito de apreciar alguns pratos mais simples. Ouvi muito falar dos *ailodus* e às vezes os tenho visto voar e me pareceram bastante apetitosos.

- Sou da mesma opinião do doutor - disse Barroyer. - As leis de 54, relativas à Higi-

ene Alimentar, são de uma previsão e sabedoria extraordinárias. Estabelecem regras muito boas, mas me parece que deveriam sofrer alguma exceção. Uma boa perna de cordeiro assada, um estofado de novilho, por exemplo, não seriam nada desprezíveis.

- Eu tenho cantado o *ailodus* - confessou-me Vaillon - em versos de doze sílabas, mas meu pobre Malborough gostaria mais dos *ailodus* em uma caçarola. O pobrezinho está tão magrinho!

- Aqui - confessei-lhes - há muito tempo está em voga a alimentação por meio da química. Perder tempo em preparar pratos passaria por uma ocupação frívola e até anti-higiênica.

- Uma lástima - opinou Barroyer.

- Que pena! - exclamou Vaillon.

- Verdadeiramente lamentável! - concluiu o doutor.

- Entretanto - acrescentei, - existem regiões atrasadas onde vivem, não os perturbadores e sim populações rotineiras.

E foi assim que conduzi Vaillon, Barroyer e Mugnier à cidade de Frappontel, uma das mais atrasadas do todo nosso planeta. Tinha medo que ficassem decepcionados com essa cidade, que poderíamos chamar de primitiva, onde se ignoram os princípios mais elementares de higiene e onde as ciências modernas são inexplicavelmente depreciadas.

Os homens da Terra têm, quanto à nossa vida de homens de 54, reações incompreensíveis. O advogado Barroyer, que eu acreditava ser interessado sobretudo pelos discursos do "Pró" e do "Contra", ao ver essa cidadezinha sórdida, manifestou um entusiasmo extraordinário: "Isto se parece - me disse - com Raon aux Boix. É simplesmente uma delícia". O sábio doutor Mugnier, que logicamente deveria estar interessado pelas regras da higiene, regozijou-se ao ver os excrementos de animais repugnantes deixados em completo abandono pelas ruas. "Parece um curral como os do nosso país - disse; - isto nos reconforta". Vaillon sorria para todas essas antiguidades, o que eu não estranhava tanto. Somente Malborough me pareceu pouco sociável frente aos nossos congêneres. Eriçou terrivelmente seu pelo ao ver um *octomembrus*, cujos oito apêndices prensáveis e ambulatórios com certeza não lhe inspiravam um mínimo de confiança.

Esta cidade de Frappontel se compões de umas trinta casas, das quais a metade está desabitada. Existe um Nutri-distribuidor, do qual os *octomembrus*, os *ailodus* e os *craqueles* aprenderam a fazer uso, e do qual são modestos e intermitentes clientes. O *octomembrus* correntemente come as pontas das folhas das árvores e despreza portanto as 48 rações alimentícias normais. No entanto, quando chegam os frios e não podem comer seu alimento habitual, engole alguns pedaços de ração 26, cuja perfume e cor alaranjada lhe recordam seus vegetais preferidos. Os *ailodus* utilizam como cimento para suas moradias, tanto a ração 19 como a 31. Os *craqueles*, cuja preguiça é bem notória, fartam-se da ração que encontram mais próxima do buraco pelo qual tenham entrado. Os habitantes de Frappontel se alimentam contrariamente a todas as regras da higiene, mas o cheiro tão conhecido do alimento 4 impera por todas as partes. Eles o utilizam para lubrificar seus buracos e portas e polir os utensílios de jardinagem.

Sobre sua falta de higiene e pouco respeito pelas leis, contam-se muitas histórias. Falam uma língua na qual se misturam muitos termos esquecidos que já não se

usam e para eles não existe diferença alguma entre um cidadão de A Guarda e um terráqueo.

A primeira pessoa que encontramos era uma mulher, velha, arquejante, enrugada, a qual eu me dei conta que nunca havia passado por uma revisão anatômica. Quando chegamos ela só teve olhos para Vaillon e seu gato. Nos dispensou uma das mais simpáticas acolhidas e a seguir nos conduziu para sua habitação. A pobre mulher era de uma afabilidade extrema e de uma inocência extraordinária. O espetáculo que oferecem as moradias quadrangulares, onde vivem em comum animais comestíveis e pessoas, é um caso patente de delito de lesa-higiene. Estremeci ao pensar o que teria acontecido à velha se Mugnier, em vez de ser presidente de uma associação terrestre de Médicos Gastrônomos, fosse simplesmente agregado ao serviço de higiene de 54. A anciã acumulava delito sobre delito e infrações. Levou-nos diretamente a um grande recipiente velho e mal coberto, sem tampa de esterilização, no qual havia um *octomembrus* muito gordo, submerso em um molho fresco. Dali exalava um odor fétido que os homens da terra cheiraram com verdadeira fruição.

- Que maravilha! - exclamou Vaillon. - Isto é carne autêntica.

Estranhei muito esse gosto tão vulgar em um poeta.

A velha nos mostrou depois outro utensílio no qual havia ovos de *ailodus* não esterilizados e banhados em uma espécie de barro pestilento. Estes ovos provocaram nos terráqueos um novo acesso de entusiasmo.

O dia todo, escoltados pela velha senhora Xanos, exploraram Frappontel de cabo o rabo, descobrindo a cada passo algum corpo culinário, segundo eles, esquisito, suculento ou delicioso. A depravação do seu olfato é tão grande que transcende inclusive seu porte. Após fazerem uma coleta de corpos cujo estado de conservação ia do microbiano à franca putrefação, passando por todos os graus e etapas de podridão, puseram "mãos à obra." Ou seja, perderam todo comedimento e logo, desalinados, suarentos e contentes, começaram, com uma seriedade inimaginável, a confeccionar o que eles chamam de "guisados". A velha arregaçou seu traje e ajudou-os. Com certeza os tinha em alta estima, mas sua amabilidade não chegava a mim. A uma pergunta que fez o doutor - e que eu não entendi em absoluto, - este último respondeu, com efeito, que "o magrelo" de qualquer forma era um tipo simpático". Este "de qualquer forma" me ofendeu.

Neste dia eu assisti uma cena que dava lástima. Os três terráqueos cozinham diretamente no fogo um enorme pedaço de *octomembrus* e o comeram despreocupadamente. A velha também comeu uma porção bastante grande. Tentei, mas em vão, demonstrar ao senhor Barroyer que com este exemplo ele não fazia mais que incentivar enormes delitos, e ao doutor, que atentava notoriamente contra as regras da higiene. A prudência e a consciência profissional haviam-lhes abandonado por completo. Por um momento eu achei que a ingestão desses alimentos havia-lhe provocado sintomas de desequilíbrio parecidos aos ocasionados pela *Ormorotina*, pois eles até lamentavam a ausência do senhor Moroto!

Mas Vaillon me tranquilizou:

- É por causa dos seus garfos - ele me disse. - Em um banquete como este eles nos teriam sido muito úteis.

Então comeram uma grande quantidade de ovos de *ailodus*, preparados não sei de quantas maneiras. Nunca em minha vida eu tinha visto alguém tragar rações tão desequilibradas. Tentei um último esforço com o sábio doutor.

- Você sabe - eu lhe disse - que cada um desses ovos contém dezoito rações diárias de *Ducifol* e que a medicina proíbe..

Ele me deu umas palmadinhas no ventre com uma vulgaridade na verdade muito

pouco corrente.

- Vamos, vamos - me disse, - meu querido Teddy, você realmente acredita na medicina?

Pouco depois, cada um deles procurou um lugar fora dos raios de Netuno.

- Agora um cochilinho será muito bem vindo - declarou Vaillon.

E logo os três dormiram ao ar livre. Eu aproveitei para auscultá-los com o *micro-alma*. Pensava encontrá-los agitados por horríveis pesadelos por causa da difícil digestão, ou atormentados pelos remorsos; mas seu sonho era sereno, pacífico e reconfortante!

REALIDADE OU ILUSÃO?

O proveito que os terráqueos tiraram da sua visita ao Compêndio foi muito diverso. Suas reações, tal como nós temos analisado, darão a pauta essencial para julgar se é conveniente conservá-los, expedi-los novamente ou destruí-los. Morakim teve a este respeito uma longa conversa com Hullaw, do serviço de iniciativa dos Números. Hullaw pertence ao arcano mais secreto - e, sem dúvida, o único que é secreto - de 54. Depositário de harmonias numerais milenares, é um dos mais venerados e vigiados de todos os homens de 54. Sua quase total impermeabilidade ao *micro-alma* é verificada a cada treze dias. Assegura o enlace entre os dez guias-árbitros mais importantes, o Grande Regulador e o despacho central do Compêndio. Na realidade, Hullaw, da mesma forma que o grande historiador Iwyhr Razafé, o grande pesquisador do domínio espiritualizado Huhl e o hermético Jhill, pertence à categoria super-eminente de homens de "Síntese". Habitualmente não se preocupa absolutamente com detalhes ou de questões individuais, mas parece que um dos terráqueos chamou sua atenção. Por isto, Hullaw me pediu que fosse com ele e Vaillon ver Iwyhr Razafé para tratar das "sínteses". Felizmente uma velha educação igualitária varreu da minha consciência os preconceitos funcionais e quase todo vestígio de vaidade, sem o que somente a ideia de discutir de igual para igual com Iwyhr Razafé, considerado como um dos mais ilustres cérebros de 54 me teria tornado presunçoso e ridículo.

A residência de Iwyhr Razafé está situada em Briesz, uma cidadezinha silenciosa e quase abandonada. A casa se compõe essencialmente de um estreito quarto de descanso, uma sala de documentação bastante grande, uma célula de recepção e uma de meditação.

Quando chegamos, Hullaw já estava lá. Enquanto estivemos reunidos, eu me dei conta de uma coisa muito importante. Os homens da Terra 2, como nós, julgam em grande parte o valor intelectual dos seus congêneres pela proporção do desenvolvimento de seus diferentes órgãos e o valor moral por seu olhar. A maioria dos perturbadores, total ou parcialmente, têm um olhar oblíquo, uma face estreita e mesmo assimétrica. Pois bem, constatei a seguir, entre Iwyhr e Vaillon, uma semelhança quase completa, mas pouco compreensível, no olhar. Iwyhr, da mesma forma que Vaillon, tem os olhos um pouco velados, sorridentes, lúcidos e bons. Eu suponho que sua cultura, da qual não faz alarde algum, é imensa. Primeiramente ele nos conduziu à sala de recepção, onde, por um refinamento extremo de cortesia, dispôs dois assentos da mesma forma que os terráqueos usam. Ofereceu um a Vaillon e Malborough e se refastelou no outro com visível satisfação. Então Iwyhr levantou-se e deliberadamente acariciou o gato em baixo do queixo, precisamente da maneira que esse animalzinho gosta.

Logo a seguir o animalzinho se pôs a ronronar, sinal de evidente bem estar. Não creio que nada mais teria agradado tanto a Vaillon.

- Senhor Vaillon - disse por fim Iwyhr, - Hullaw e eu desejamos conhecê-lo melhor e utilizar suas ideias para o bem de 54 e da Terra de onde você procede.

- Minhas ideias! - disse Vaillon, - cada um dos cérebros Boldo pode fazer em um centésimo de segundo o que eu não realizaria em toda minha vida.

- Não sou da mesma opinião - replicou Iwyhr - Os homens da Terra 1 haviam descoberto há bastante tempo cérebros eletrônicos bastantes aperfeiçoados. Esta descoberta foi precedida de mais de nove anos por uma catástrofe que os atrasou em 18.000 anos.

- Perdão - perguntou Vaillon, - mas a que você chama Terra 1?

- Existem - disse Iwyhr - duas Galáxias totalmente semelhantes, contendo cada uma delas 1.103 planetas sensivelmente homólogos. Segundo a lei de rotação dos grandes números, a história de cada um desses planetas e do seu homólogo são idênticas. Com muita pouca diferença de detalhes, os acontecimentos que estão acontecendo presentemente na Terra 2, de onde você precede, são os que se produziram na Terra 1 há 426 anos de 54; e amplamente são igualmente os que aconteceram na Terra 2 há 18.000 anos terrestres, posto que o ciclo de construção-desconstrução é, tanto na Terra 1 como na Terra 2, de 18.000 anos.

- Então - perguntou Vaillon - se vocês conhecem bem a história da Terra 1 podem prever o que acontecerá na Terra 2?

- Poderíamos saber se os arquivos da Terra 1 estivessem em ordem e completos. Mas infelizmente não é assim. Os homens da Terra 1 são incapazes de dominar as forças que desencadeiam e, através de algumas missões enviadas ali para pesquisas, não pudemos achar mais que documentos soltos, alguns dos quais foram presenteados ao seu companheiro de viagem, o advogado Barroyer; isto para nós suscita um problema considerável.

- Qual?

- Os planetas homólogos, por exemplo, a Terra 1 e a Terra 2, têm vivido até o presente momento existências iguais, mas distintas, segundo um ciclo uniforme e diferente do ciclo de 54, uma vez que nós fazemos parte de outra Galáxia. Nossa intervenção em uma das duas Terras normalmente deve romper a semelhança de destino, pois se as duas Terras são homólogas em suas respectivas Galáxias, não são homólogas no que se refere a 54. Até mesmo indiretamente, nossa intervenção pode acarrear imensas repercussões. O senhor Barroyer, por exemplo, levará para a Terra 2 documentos prefigurativos do destino normal deste planeta dentro do ciclo de 18.000 anos, mas como será recebido? Como reagirão os homens da Terra 2, postos assim de guarda, sem dúvida pela primeira vez em sua história? E fazendo isto, nós lhes ajudaremos a romper o ciclo destrutivo ou, pelo contrário, nos arriscamos a precipitá-lo? Qual sua opinião, Vaillon?

- A Terra - disse Vaillon - está cheia de astrólogos que pretendem ler nos astros e de impostores de todo tipo, o que faz com que os homens sejam céticos. As verdades seguem seu curso com dificuldade. Os documentos apresentados pelo senhor Barroyer passarão, seguramente, por apócrifos ou por forjados pela imaginação. Felizmente.

- Por que felizmente? - perguntou Iwyhr.

- Porque a faculdade de sonhar é a mais apreciada das faculdades humanas. Os mais pobres frequentemente possuem na imaginação o que nunca possuirão na realidade. Para a Terra, conhecer de antemão seu destino, seria sem dúvida uma desgraça.

- Então - perguntou Hullaw, - você não crê na utilidade dos trabalhos daqueles que buscam penetrar os segredos do futuro?

- Creio em sua utilidade - respondeu Vaillon - se os que buscam afanosamente o progresso material não se deixam influenciar pela vertigem dos números, pela veloci-

dade ou pelo furor do poder. No transcurso de sua história, os homens da Terra 2 têm frequentemente tentado pôr freio às suas próprias loucuras, mas foram poucos os que conseguiram.

Então conversaram detidamente sobre os progressos indefinidos que se podem esperar do estudo dos números. Vaillon, normalmente tão pouco seguro de suas próprias afirmações, susteve valentemente que o verdadeiro progresso estava em "nós mesmos", no devido respeito à "lei moral" e no "amor ao próximo".

Frente a essas afirmações, o rosto de Hullaw manifestava uma atenção extrema, quase excessiva, vizinha dos primeiros sintomas do "Delírio do pensamento";

- Senhor Vaillon - disse ele, - isto é de longe o a coisa mais importante que ouvimos de um homem da Terra 2, desde que tentamos compreendê-los e aclimatá-los, no entanto isto não está de acordo.

- De acordo com que? - perguntou Vaillon.

- Com os valores equacionais. Pouco a pouco nós temos conseguido harmonizar mais ou menos os valores numéricos da combinação do pensamento e das leis. O amor ao próximo, assim como a Lei Moral, não aparecem de modo algum nas séries numéricas verificadas que determinam o movimento dos planetas e dos seres; ao contrário, a necessidade de conservar certos seres e de destruir outros é deduzida de todos nossos cálculos.

- Então - disse Vaillon com uma assombrosa tranquilidade - é que seus cálculos não contam com o essencial. Escutem dentro de vocês mesmos e ouvirão uma vozinha muito pequena que nem mesmo Trhaboldo teria podido "equacionar". Esta vozinha os guiará melhor que a mais prodigiosa erudição unida à mais alta cultura matemática.

- É muito possível! - opinou Iwyhr.

O VEREDITO DO SERVIÇO-MEGA

Já era de se esperar. Fui convocado pelo Serviço-Mega, que é encarregado de decidir a sorte dos terráqueos. Durante o caminho eu tive que reconhecer uma das fraquezas da nossa cultura em 54. Nossos conhecimentos científicos são prodigiosos, mas há um aspecto espiritual das coisas que não é do domínio da ciência. Se é, ainda não foi estudado. Encarregado de uma missão, o que eu tivesse que fazer teria cumprido objetivamente e sem paixão. Mas não é o caso! Apesar dos seus defeitos e da extraordinária ignorância, não sei porque gostei desses homens da Terra.

Durante o caminho, não somente não me sentia tranquilo e livre de preocupações como conviria, como me preocupava muito pela sorte reservada aos terráqueos e combinava de antemão as respostas que teria de dar, se porventura as excentricidades de um ou de outro tivessem se tornado muito indesejáveis.

Fui recebido por Steffang Hurch, cuja severidade já conheço.

Em 54, os homens do S.M. são os menos apreciados, o mais temidos e os mais depreciados. Segundo o que se diz um pouco em todos os lugares, o S.M., cuja utilidade não se pode desafiar, jamais conseguiu uma total e serena benevolência, critério da mais alta civilização, e até se sussurra que alguns dos seus agentes não estão completamente isentos do preconceito funcional.

Entrei pois, um pouco taciturno, na célula onde trabalha Steffang Hurch, ajudado por dois acólitos. Recebeu-me com uma amabilidade que eu não pude discernir de imediato se era fingida ou verdadeira, irônica ou sincera.

- Eis aqui Teddy Karré - disse ele, - o pai dos terráqueos...

E em seguida se pôs a esmiuçar minhas informações.

- O general - disse - é mais tolo que perigoso, mas sua inutilidade é bem notória. Não obstante, a longo prazo, essa mania que tem de beber perfumes poderia difundir-se. Você terá que conduzi-lo novamente para a Terra.

- De acordo - eu disse.

- O advogado Barroyer até agora não nos serviu de nada. Os livros que ele trouxe e que presenteou ao "Compêndio, não têm valor atual algum, mas na realidade podem-se conservar. A mania que ele tem de descobrir em todos o "sim" e o "não" não pode ser incentivada. Há muito poucas esperanças que tenha a menor influência sobre os homens de 54.

- Nenhuma - eu disse.

- Entretanto, o que não é útil, a longo prazo torna-se nocivo. De forma que ele igualmente será devolvido. O caso do senhor Moroto é diferente.

- Você quer que ele fique? - perguntei perplexo.

- Não, eu não, Siroch.

- O embalsamador?

- Sim! Siroch me fez comunicações muito urgentes. Não tem nenhum espécime autêntico de homem pertencente à plena fase de beatificação dos sinais monetários. Considera o senhor Moroto como um exemplar da grande época. Você conhece Siro-

ch?

- Um pouco - eu disse.
- Ele está transbordante de consciência profissional. Moroto caiu plenamente no seu psico-simpático
- Sinto muito - respondi. - Quando pensa em embalsamá-lo?
- Segundo sua opinião, quanto mais cedo melhor. O senhor Moroto não para, move-se muito, e pode sobrevir um acidente.
- Não estou de acordo - exclamei.
- E por que?
- Porque o senhor Moroto veio porque eu lhe pedi, depois de iludi-lo com promessas, mas não com a de embalsamá-lo.

Steffang Hurch me olhou de uma forma quase descortês. Observei um sorriso de amargura ou desdém em sua boca muito fina.

- Você está muito unido a ele - disse, em tom impertinente.
- Unido a Moroto! - eu disse. - De maneira alguma! Dos cinco terráqueos, ele é sem dúvida o único que eu gostaria que mandassem para Umbriel.
- Então - ele me disse - deixe que Siroch faça o que quiser. Isto proporcionará a Moroto uma longa viagem e o imortalizará com muito pouco gasto.
- Não posso assinar isto - respondi.
- Uma lástima - exclamou. - Siroch ficará doente pelo desgosto, mas naturalmente, será preciso que Moroto seja devolvido.
- Totalmente de acordo - eu disse. - E... os outros?
- O doutor Mugnier será provisoriamente afetado ao serviço histórico de anatomia. Sua ciência tem necessidade de ser seriamente filtrada, mas dentro de um ou dois anos estará em condições de ser útil em alguma coisa.

- E Vaillon?

Steffang Hurch deu umas pancadinhas na mesa e novamente perscrutou meu rosto de uma forma bastante desagradável.

- Você - o que pensa dele?
- Eu o tenho por muito inofensivo - respondi; - é o mais inofensivo dos cinco. Apesar da sua idade, ainda é uma criança e sempre continuará sendo.
- Não sou da mesma opinião - disse, e me lançou um olhar interrogativo, quase ansioso.
- O senhor Vaillon - prosseguiu - é um ser duplo e difícil de se decifrado; é um homem doce e sensível, mas portador de germes cuja nocividade pode ser catastrófica.
- Por acaso ele predicou a insubordinação?
- Em absoluto. Ele não predica nada nem faz esforço algum para convencer ninguém de nada. Nem sequer critica nossas fórmulas matemáticas de civilização.
- Então o que você quer mais? - exclamei.
- Ele as ignora completamente e mesmo estando junto a homens educados nas disciplinas sociais matemáticas, vive em um mundo de sonho.
- Imaginário - disse eu.
- Imaginário, se assim você quiser - protestou Steffang; - o mundo não é feito somente de matéria super-aglomerada, você sabe disto tão bem como eu. O mundo do senhor Vaillon é invisível, mas não irreal e... - meditou um momento, a fim de poder expressar melhor sua ideia. Seus traços faciais estavam tensos. Sua voz parou por um instante de ser fria e metálica. - Não deixa nosso homens de 54 indiferentes, pelo contrário - prosseguiu, - ele os atrai.

- E então - disse eu, com uma aspereza que a mim mesmo foi estranha, - que mal há nisto? Nós aceitamos todas as contingências sociais úteis, mas não rechaçamos

nenhuma fonte de progresso. Sem dúvida alguma o senhor Vaillon nos ajudará a pesquisarmos a nós mesmos.

- O senhor Vaillon - cortou Steffang Hurch, - particularmente, é um homem muito agradável, mas é portador de bacilos sociais individualistas.

- Como Moroto? - perguntei ironicamente.

- Não. Os bacilos do senhor Moroto pertencem a um individualismo possessivo e ambulante, que desencadeou-se antigamente em 54, mas contra o qual estamos imunizados. A nenhum habitante de 54 ocorrerá a estranha ideia de armazenar velhos frascos de perfume ou alimentos dos Nutri-distribuidores. Os bacilos do senhor Moroto são antiquados e anacrônicos, mas a tendência a sonhar, a esquecer as necessidades profissionais, a viver "lá fora", pode desencadear deslumbrantes progressos, justamente porque o passado nós nunca nos encontramos.

- Então você pensa em enviar Vaillon para a Terra também? - perguntei.

- Não - ele me disse.

Formou-se entre nós um pesado silêncio, durante o qual eu temi o pior. Tentei, com a máxima atenção, ler em seu rosto, mas os rostos dos especialistas do S.M. são impenetráveis.

- Vejamos - eu disse, - Siroch não...

- Não, Siroch o conhece. Estiveram juntos conversando e Siroch não teve para ele nenhum olhar profissional.

- E você - eu disse - não tem a intenção de...

- De que? - respondeu-me, com um ar de súbita brutalidade.

- De enviá-lo para... muito distante.

- Seria difícil, ele tem adeptos de qualidade.

- Adeptos de qualidade? - disse eu, fingindo estupefação.

- Sim, Bouthrra se interessa pessoalmente por ele: o "Grande Regulador" nos pediu que veleamos para que nada lhe falte. É divertido.

- Por que é divertido?

- Porque ele não precisa de nada. Bouthrra nos suplicou igualmente que de vez em quando o mandemos, "por sua própria vontade". Ele o acha "sedativo". Iwyhr Razafé o escuta com mais atenção que aos mais incontestáveis sábios de 54.

- Que notícia curiosa - exclamei. - Você vigia Iwyhr. Ele ficaria contente em saber disto.

- É para seu bem - corrigiu Steffang, - para protegê-lo... Hullaw - prosseguiu - protege Vaillon. Acabará por abrir-lhe os maiores segredos.

- Mas isto - disse eu com bastante malícia - você sempre ignorará...

Steffang deu um sorriso bastante feio; a capacidade do *micro-alma* de Hullaw e de alguns outros é uma afronta à sua agressiva consciência profissional.

- Porque para Vaillon - continuei - os arcanos não valem três pepinos, e além disto ele se esquecerá na mesma hora...

Apesar deste consolo, eu o deixei bastante pasmado.

Tive de anunciar delicadamente aos terráqueos o veredito do Serviço-Mega. Nesta ocasião me dei conta mais uma vez de que, apesar de nossas semelhanças psicológicas, somos diferentes.

O senhor Moroto causa tumulto mas está encantado. Sua única preocupação é saber que tido de aparelho astronáutico será empregado e "que tonelagem de peso tem direito no regresso". Se tivermos que levar tudo o que está abarrotado em seu

armazém, seria necessário uma frota. Tempestuoso, sempre ativo, sobre o que vive, marinha sempre o senhor Barroyer.

- Você é meu Conselheiro, sim ou não? Se for, encontre um texto ou alguma maneira. O comércio é livre e eu não quero que se percam estas mercadorias.!

Frequenta o serviço da "Navegação Universal" com uma tenacidade fantástica. Antes de ontem me pediu que o deixasse visitar minha célula de trabalho e, uma vez lá introduzido, foi importunar 168 colegas meus a fim de que lhe dessem a direção "do despacho de frete terrestre". Por pouco não acaba em tragédia. Meu colega Aktir foi encarregado, como eu, de uma sondagem de introspecção terrestre. Pelo visto ele trouxe um físico, um químico, um professor, um operário e um colega do senhor Moroto chamado Erlichhausen. Não teve, como eu, a sorte de observar Koesn en Art, e sim um país vizinho. Os espécimes que trouxe, mais pesados que os meus, são ao que parece, ainda mais aficionados aos sinais monetários, infectados pelo mal da superioridade funcional e terrivelmente recriminadores. Aktir teria cedido todos com muito bom gosto a Siroch, mas este não viu neles nenhum caráter original. Havendo-se encontrado, Moroto e Erlichhausen, na célula de Katir, acusaram-se um ao outro de "desleal competição" e então disputaram em várias línguas terrestres, uma das quais é totalmente desconhecida do *Boldo*. Gritava muito forte e Aktir temia que acabassem brigando, o que por sorte não aconteceu. Desde então o senhor Moroto vive em um estado de raiva impossível de descrever e ao mesmo tempo inexplicavelmente.

Já o senhor Barroyer me parece que está muito satisfeito de voltar a Paris. Propõe-se a dar numerosas conferências e obter uma "cátedra de Legislação Interplanetária Comparada".

O General prepara todo tipo de projetos dentro da sua cabeça obtusa. Depois de beber uma dose excessiva de *Ormorotina*, escaparam-lhe algumas palavras que me fazem pensar que ele sonha em ocupar A Guarda à cabeça das tropas galzwintianas. No estado primitivo em que se encontram as ciências matemáticas terrestres, esta ideia é mais barroca que perigosa, mas foi melhor que o S.M. não tivesse tido notícia dos ardores bélicos de Berthon.

O doutor Mugnier está aquartelado. A ideia de estudar as ciências médicas com os especialistas de 54 o encanta. Sua consciência profissional, sem ser tão desperta e intratável como a de Siroch, é sólida. Não obstante, ligeiramente afetado pelo mal da superioridade funcional, sente não poder ler diante dos seus colegas terrestres sua "Contribuição ao estudo de um caso de desintegração paranóica acentuada, e da reintegração partindo do metacarpiano direito".

Notifiquei a Vaillon da bajulação da qual ele é objeto. Apesar do desprezo que sentimos pelos homens afetados do preconceito de "Superioridade funcional", é uma extrema honra ter a amizade de Grande Regulador. Vaillon faz recair todo o mérito em seu gato, o senhor Malborough.

- Em que - ele me disse - poderia eu ser útil ao senhor Bouthrra? Sou ignorante como uma mula. Meu gato lhe lembra o *Gatéral* da sua defunta avó e o faz reviver um pouco as alegrias da infância.

E agora eis-nos aqui com os preparativos em andamento. Cansado das recriminações do senhor Moroto, consegui que voltássemos em um TR16. Este aparelho é oito vezes maior que um AG6, mas, em troca, é onze vezes mais lento. Utilizado a princípio para transportar somente mercadorias, não tem mais que dois pilotos. Penso que assim o senhor Moroto ficará satisfeito e poderá levar material para perfumar-se e alimentar-se durante vários séculos.

- Isto - ele me disse - é somente o início, um simples começo. O comércio interna-

cional não pode ser empreendido com um único aparelho; e mais, Erlichhausen conseguiu três! Você já sabe que eu gosto de ir ao fundo da...

Estranhando muito, interroguei Aktir. "Três TR16! - ele me respondeu. - De onde ele tirou esta mentira? Erlichhausen foi classificado entre os perturbadores perigosos e vão mandá-lo cuidar dos *ailodus*". Acho que se a partida de Moroto não estivesse tão próxima, desta vez eu teria me irritado de verdade. Desde então ele vem armazenando "mercadorias" no TR16.

O piloto-chefe é um velho duro e pouco sociável, capaz de ir de 54 a Cassiopeia sem pronunciar seis palavras. É um dos camponeses de *Koer* da U.N., tão relutante em conversar, que guarda regularmente seu *Boldo* no fundo da cabine. O segundo piloto, recentemente promovido, é Mercúrio 323. Curiosa coincidência! Espero que ele esteja curado do "Mal do Amor"!

Recebi instruções relativas à viagem dos terráqueos. Eles estão autorizados a levar o que quiserem, dentro do limite de carga tolerado em um TR16. Devo acompanhá-los e assegurar-me pessoalmente da sua feliz chegada à Terra. Eis aqui pois, uma longa viagem em perspectiva.

O senhor Moroto me disse que está encantado com a minha presença, mas sente muito a ausência do "seu médico". O advogado Barroyer deseja sobretudo levar "lembranças", mas seus gostos são bem mais raros. Não quis um exemplar de 507 dados equacionais principais que explicam o essencial da nossa civilização; em troca, provido de um lineógrafo antigo, digno dos Estabelecimentos Moroto, não para de colecionar mapas enegrecidos onde estão reproduzidos, bastante mal, diversos aspectos de A Guarda. O general Berthon, pouco seguro sobre sua memória, escreve mais que de costume. Apesar do alvoroço do senhor Moroto, que considera o TR16 como sua propriedade pessoal, existem armazenados a bordo numerosos frascos de *Ormorotina*.

Antarés 103, piloto-chefe, placidamente deixa que carreguem o TR16. As distâncias que já percorreu representam cerca de quatro anos luz, de forma que consegue, no que concerne aos seus passageiros, este estado de indiferença quase total, característica dos velhos astronautas.

O TR zarpa esta tarde, 216º dia do 7801º ano de 54. Vaillon e o doutor Mugnier vieram "desejar boa viagem" aos seus três compatriotas. Estavam emocionados. Os homens da Terra são assim. Enquanto em coletividades, são de uma crueldade chocante. Seus sistema de distribuição, baseado em um egoísmo insensato, termina fatalmente esmagando os mais fracos. E não obstante, individualmente, são mais sensíveis que nós e transbordantes de ternura.

O senhor Vaillon - cujo gatinho, em Koesn en Art, tinha que escamotear pernas de cordeiro ou o que fosse na cozinha do senhor Moroto, para alimentar-se - estava pesaroso pela partida desse entesourador impenitente.

O senhor Moroto, que em Koesn en Art não lhe teria dado, no mais forte inverno, um par de chinelos Moroto, que ele vende por *trecenas* de *trecenas*, sente pena em "deixar seu velho amigo Vaillon".

O doutor Mugnier que não podia, creio eu, renunciar, mesmo distante, a fazer seu "comunicado", solenemente entregou ao General uma enorme declaração fechada por um selo tríplice, com o endereço do "Senhor Professor Badout-Monot, Presidente da Academia de Medicina". Não há dúvidas de que a "desintegração paranoica" achasse ali dentro em um bom lugar!

O General despediu-se de Suc May com toda a solenidade. Estava emocionado e disse-lhe que "voltaria em boa e numerosa companhia". Eu suponho que ele acaricia o sonho insensato de conquistar 54 com um exército de terráqueos. Suc May, que não suspeita de tão lúgubres desígnios, desejou-lhe "boa viagem e um breve regresso". Além dos seus habituais apontamentos, o General levou poucas lembranças.

Pouco antes da saída, o senhor Moroto, ajudados pelos terráqueos, chegou com uma empacotadora gigante "Estuhr". Eu achava que Antares 103 se negaria, por prudência, a embarcar esse monstro, ou pelo menos exigiria que antes fosse desmontado. Nada disto. Seja porque está decidido ao mutismo, seja por indiferença, o piloto-chefe parece absolutamente desinteressado de que será constituído o carregamento.

PARA A TERRA

Lentamente, o TR16 acelera sua velocidade. Já abandonamos duzentos e sessenta e nove milésimos do nosso peso. A atmosfera a bordo é muito diferente da que existia na viagem de ida. Os cinco terráqueos estavam então sobre-excitados pela curiosidade, e alguns pelas primícias do "Mal de Amor". A presença da *aeromoça* fazia surgir entre eles a inveja e a animosidade. Agora eles se esforçam, sem muito êxito, em preencher a sobra de tempo.

O General e o senhor Moroto se interessam pelo calendário terrestre. O senhor Moroto divide o ano em duas estações: uma em que vende sobretudo máscaras e cadernos e a outra em que lança no mercado suas novas criações. Deseja saber se chegará durante a primeira estação ou para a abertura da segunda. O General espera o 24 de dezembro, data em que, segundo nos declarou, decidiu "celebrar dignamente". Seu falatório sobre o calendário fariam vergonha ao mais tolo de todos os palhaços de 54. Um e outro vêm colecionando as horas, os dias, as semanas e os meses terrestres, partindo de antigos cronômetros, mas sem levar em conta a contração e a dilatação do tempo que se produziu ou se produzirá durante a viagem. O General acha que estamos a 16 de março e Moroto acha que é 13 de abril.

- Meu querido General - proclamava Moroto, - o amor ignora o tempo. Com certeza você esqueceu várias vezes, durante as suas peregrinações em 54, a dar corda em seu cronômetro que, ademais não sendo um cronômetro Moroto, está sujeito a graves erros. Estamos em 13 de abril.

- Senhor Moroto - protestava o General, - eu não passei três anos na Escola de Pirotecnia sem saber, pelo menos, fazer algumas somas! Estamos a 16 de março e não a 13 de abril. E eu provarei.

Esta discussão ameaçava eternizar-se, quando o senhor Barroyer tomou a palavra.

- Senhores - disse, - o calendário fará o desempate à nossa chegada. Ninguém menos que eu poderia por em dúvida a alta precisão, a perfeita fidelidade dos cronômetros Moroto. A grande exatidão que reina no espírito do senhor Moroto não é menos inegável. Isto assente, também não posso deixar de render a mais sincera e solene homenagem aos profundos conhecimentos matemáticos do General. De forma que convém, em consequência, conciliar seus pontos de vista.

- Como conciliá-los? - perguntou o General.

- Dizendo, por exemplo, que estamos a 29 de março. Cada um de vocês deixará em suspenso quinze dias.

- Eu não concederei mais que seis dias! proclamou o senhor Moroto. - Nem um a mais. O prestígio dos Estabelecimentos Moroto está em jogo.

- Digamos 22 de março - disse o General, - já estou cedendo oito...

Discutiram desesperadamente. O senhor Moroto, mais obstinado, conseguiu que o General cedesse mais dois dias, graças ao que estamos oficialmente a 31 de março.

Segundo o calendário terrestre, tal como estabelecido após muitas negociações entre o General e o senhor Moroto, estamos hoje a 16 de abril. O enorme peso do frete que levamos vem impedindo, creio eu, Antarés 103 de utilizar a quela livre. Ainda pesamos cento e cinquenta e dois milésimos do nosso peso e para dizer a verdade, eu raramente tinha me entediado tanto.

Durante os longos momentos de pilotagem automática, Antarés 103 e Mercúrio 323 jogam *Koer*. Quando um deles foi dormir ou retificar a trajetória, as regras de cortesia me obrigam a substituí-lo. A este respeito fiz uma constatação estranha mas indubitável. O contato com os homens da Terra me fizeram perder uma parte dos meus dotes matemáticos. Claro que não caí até o grau de quase total ignorância em que estão eles, mas não tenho este manejo harmônico, exato, quase instintivo, dos valores equacionais que é característica dos homens de 54 e especialmente dos pesquisadores. Sem dúvida estou infectado de ondas de curiosidade e de cansaço. O *Koer* me fatiga e me entedia.

Moroto e Berthon estão cada dia mais desagradáveis. Moroto estabelece, faz, refaz, o que ele chama de "o balanço da sua estadia em 54". Põe no "ativo" o preço de venda do que leva a bordo do TR16 e no "passivo" a "diminuição de benefício". Não obstante, modifica sem cessar - segundo seu humor ou de ondas desconhecidas - todos os preços de venda. Tão logo põe o Nutri-alimento a treze reox a ração, e logo a dez e às vezes a vinte. Pouco antes de sair, ele foi visitado pelo senhor Luc e este último, cuja fraqueza iguala sua bondade, lhe deu alguns sinais monetários dos quais a Casa das Moedas possui vários exemplares. Estas peças (trata-se de peças) são uma fonte de perpétuo tormento para o senhor Moroto. Frequentemente ele fala sozinho e em voz alta, sem sequer se dar conta disto, e várias vezes eu o ouvi murmurar: "Eu devia tê-las assegurado"...

Durante esta viagem de regresso o General sofreu uma metamorfose. Em 54 ele estava exaltado, vociferador e familiar, sobretudo sob o efeito do *bioxianetol*. Aqui ele se controla de forma manifesta. Em horário fixado bebe um copo da sua bebida favorita. Cheira-a e a saboreia, mas nunca bebe trago após trago como fazia em 54. Então torna-se quase impermeável ao *micro-alma* e ao *Boldo*. No entanto, a observação, mesmo sem ajuda de nenhum instrumento, demonstra que à medida que nos aproximamos da Terra, os instintos fundamentais tirânicos e perturbadores superam os outros. Fala pouco sobre 54, mas com um secreto desprezo. A ideia de desfilar em A Guarda à cabeça de uma "expedição" tornou-se uma obsessão e começo a compreender as prevenções de Steffang Hurch a respeito dos homens da Terra.

Do *Koer* ao bridge e do bridge ao *Koer*! Este regresso foi o mais aborrecido. Antarés 103 nunca fala, nem sequer para nos indicar a posição em que nos achamos. Sei pelos *Wright* que alcançamos a velocidade de marcha normal e que já não a deixaremos mais. Estamos a cento e quarenta e um milésimos do nosso peso de 54, muito pesados para podermos nos entregar às delícias do "sono da leveza", já que a bordo de um AG6 encurta de maneira fantástica o tempo de viagem..., também muito pesados para podermos nos dedicar com êxito a pesquisas equacionais um pouco avançadas. Minhas conversas com os terráqueos são insípidas. O senhor Barroyer não sonha mais que com os fono-documentos obtidos do Compêndio e na acolhida que lhe será dispensada na Terra.

- Compreenda, Teddy, eu tenho muitos inimigos. Será preciso explicar-lhes que a

Terra tem... como vocês dizem?

- ...Homólogos.

- ...não me acreditarão nunca. E este "ano de 2943" os chocará! Se pelo menos eu tivesse saído da Escola de Pirotecnia! Meus concidadãos não entendem nada de matemática, mas estão persuadidos de que as pessoas que saem dessa Escola sabem tudo.

O senhor Moroto tem tentado várias vezes, embora em vão, tratar com Antarés 103 sobre os "fretes de regresso". Provido das suas "lembranças" do "Conservatório das Moedas", da sua "empacotadora gigante", de desperdícios da fábrica de perfumes e de vários "Nutri-distribuidores", seu desejo seria carregar a TR10, na viagem de volta, com um prodigioso resíduo de produtos Moroto, dirigidos ao doutor Mugnier, que circunstancialmente é seu "agente geral". Mas Antarés 103, cujo *Boldo* está quase constantemente na cabine, não compreende nada do que diz o senhor Moroto e assim evita ter que responder.

Dormimos muito, muito e só interrompemos esses longos sonos para nos alimentarmos. Segundo o curioso calendário confeccionado pelo General e segundo suas aproximações, estamos hoje a 24 de dezembro. Estão irreconhecíveis. Eu apenas havia despertado quando o General, abandonando sua anormal sobriedade e sob a influência de alguns goles de *bioxianetol*, me anunciava seus projetos de festejos:

- Ah! Ah! Teddy! Por fim você despertou... Esse velho Teddy! Nosso último Natal a bordo. Nós o celebraremos com toda a pompa. Um Natal super-duper!

Entregou-me o que chamava "Minuta de Gala". Somente o *fotocarnet Boldo* pode traduzir palavras escritas mas não articuladas... Assim então não entendi nada da "Minuta de Gala" até que o advogado Barroyer leu e comentou em voz alta:

- Pasteizinhos de *ailodus*. Um aperitivo! Esquisito.

"*Ailodus* confeitados com Nutri 26. Deliciosos!

"*Octomembrus* ao natural grelhados.

"Ovos de *ailodus* à moda

"*Ailodus* flambados com *Ormorotina*.

"Tudo isto nós arranjamos enquanto você dormia - prosseguiu - de qualquer maneira nós os teríamos despertado para celebrar a Noite Feliz conosco.

E com efeito, a atmosfera estava empestada de carne assada, mas não me atrevi a protestar, já que os terráqueos estavam muito contentes. O General, o advogado Barroyer e o senhor Moroto, falando os três ao mesmo tempo, me explicaram o significado desta festa. Berthon, concluindo, me pede para "usar de toda minha autoridade com os pilotos", a fim de que estes aceitem ser "seus convidados". Fiquei perplexo e não era para menos. A maioria dos homens de 54 não comem carne há vários séculos e o odor pestilento dos *ailodus*, *octomembrus* e ovos de *ailodus* enchia o TYR16 de perfumes, para dizer a verdade, nada apetitosos,

Argumentei como Antarés 103 era selvagem, mas finalmente tive que abdicar.

Antarés 103 e Mercúrio 323 achavam-se na cabine de pilotagem quando fui notificar-lhes o desejo dos terráqueos. Antarés escutou pacientemente as confusas explicações que lhe dei do significado do Natal.

- Já sei do que se trata - disse por fim. - O Natal existe no homólogo da Terra; ouvi

falar disto por um colega. Entretanto o calendários dos terráqueos é falso, chegaremos à Terra no princípio do verão.

- Isto não importa - disse Mercúrio 323. - Deixemos que eles celebrem se é disto que gostam, será mais fácil que ensinar ao general Berthon a calcular o verdadeiro tempo

- Então, vocês aceitam?

- Meu querido Karré - disse Mercúrio, - apenas para comer um pouquinho.

NATAL EM 14 DE JULHO

O espírito de exatidão predomina em nós, homens de 54, sobre todos os outros sentimentos. E sobretudo nos pilotos da "Navegação Universal". A ideia de que se possam confundir as datas de um ano, pareceram a Antarés, ao mesmo tempo, cômica e de certo modo inaceitável. Fez-me umas dez perguntas referentes à nossa viagem de ida, e as correspondências entre anos terrestres e anos de 54. Depois do que foi para ele um brinquedo calcular o verdadeiro tempo:

- Meu querido Karré - me disse por fim, - nos calendários da Terra 2, de onde procedem nossos passageiros, consta neste momento a data de 14 de julho de 1948; na Terra 1, segundo minhas equivalências, estão no ano de 1603 da Quarta Renovação.

Uma espécie de alegria crispou seu rosto. Com efeito, a rapidez com que havia efetuado o cálculo o havia animado.

- Disse você - prosseguiu - que entre eles há uma espécie de engenheiro?
- Melhor: um General.
- O general Berthon - confirmou Mercúrio 323.
- Então celebraremos com ele seu pseudo 24 de dezembro. No momento não temos que fazer nenhuma retificação de rota.

Por que Antarés aceitou este convite depois de haver declinado de tantos outros? Provavelmente porque o enorme erro de cálculo dos terráqueos o havia divertido. Fazer com que um homem de 54 rir é uma coisa muito difícil. Os terráqueos o haviam conseguido sem querer! E agora, quando penso nisto, me vejo obrigado a constatar que a Lei dos Números, mesmo sendo estudada apoiando-se em todos os gênios matemáticos que ilustraram 54, às vezes fracassa, pelo que Vaillon, em nossas conversas familiares, chama de "Fatalidade".

- General - eu lhe disse, - os dois pilotos e eu ficaremos encantados em celebrar com vocês esta data que lhes é tão querida.

E assim se decidiu nosso destino.

O advogado Barroyer, o senhor Moroto e o General estiveram, durante mais de uma hora, extraordinariamente alegres e atarefados. Terminados os últimos preparativos, o General veio cerimoniosamente pedir-nos, outra vez, para que fôssemos seus "hóspedes ilustres".

Assim que chegamos à frente dos estranhos guisados preparados com tanto cuidado, tivemos a primeira surpresa. O senhor Moroto, com desacostumada generosidade, nos trouxe um dos seus célebres "serviços de mesa" (assim ele os qualificava) e nos fez um discurso da circunstância.

- Natal - disse-nos ele - é o maior dia do ano, e neste dia este é seu momento mais solene. Convém pois celebrá-lo dignamente, não segundo seus usos e costumes, e sim segundo os usos terrestres, ou seja, com garfos Moroto, colheres Moroto,

facas Moroto, um balde Moroto...

Antarés 103, Mercúrio 323 e eu aceitamos com prazer esses presentes. No entanto não sabíamos como utilizar essas ferramentas. Isto provocou a hilaridade dos terráqueos e, conseqüentemente, a nossa. Isto é uma dessas coisas tão simples, mas que os mais altos conhecimentos matemáticos não podem compreender. Os homens de 54 perderam quase totalmente a faculdade de rir; sem dúvida já não entendemos certo lado cômico das coisas acessíveis tão somente a seres de natureza ainda infantil. Mas para nós, o riso permanece comunicativo. Ver rir nos faz rir por contágio, e na realidade sem saber de que.

Nossa ignorância era explicável. A dos terráqueos, em casos semelhantes, não é inferior à nossa, mas nos faz rir. O General, muito loquaz, interpelou Antarés 103:

- Meu querido Comandante - disse, e assim o chamava, - logo nos separaremos e, no que me toca, para meu pesar. Tenho prazer neste dia de brindar por sua saúde, pela do nosso amigo Teddy Karré, pela do seu brilhante segundo, e por aquela que nos é tão cara a todos, dos ausentes e das ausentes.

Depois do que o General encheu até a borda vários copos de *Ormorotina*, que nos ofereceu cortês e naturalmente. Assim nos encontramos os seis, com um copo na mão:

- Por Antarés 103! - proclamou o General com voz forte. - O Príncipe dos Navegadores!...

Os três terráqueos pegaram seus copos e beberam quase todo seu conteúdo.

Mercúrio 323, Antarés 103 e eu não nos atrevíamos a fazer o mesmo.

O General bebeu de um só trago e encheu novamente seu copo:

- Por Bouthrra! - exclamou. - E por Suc May, a mais adorável das criaturas.

Desta vez, movido por um impulso do qual o "Mal de Amor" era talvez o responsável, Mercúrio 323 levantou lentamente a mão e bebeu um forte trago de *Ormorotina*. Este gesto desencadeou o entusiasmo do General.

- Bravo! - disse - Bravo!

Nem mesmo agora eu saberia explicar porque também eu, levado pelo exemplo, provei esse líquido infernal. O sabor me pareceu áspero, mas de certo modo sedante!

Antarés foi sem dúvida o de nós três o que titubeou mais. Quando deixei meu copo semi-vazio, vi Antarés levantar o seu, cheirar por um momento o líquido e bebê-lo pouco a pouco. Enquanto ele bebia, observei a gravidade do seu olhar. Sem dúvida estava intrigado, a algum tempo, pelas propriedades do *bioxianetol*.

Esta cena esteve cheia de peripécias. A *Ormorotina* provocou nos terráqueos e em nós efeitos muito diferentes. O General fazia inumeráveis brindes a pessoas vivas, mortas, a cidades e até a entidades. Bebeu várias vezes, particularmente à saúde de Suc May, à minha, à do "excelente senhor Luc", mas também à "da artilharia", à "A Guarda", à das "tradicionais virtudes do exército galzwinthiniano" e finalmente, brindando com Mercúrio 323, à dos "nossos amores". Mercúrio 323 fez, de uma forma pouco elegante e indiscreta, um deslavado elogio a Suc May. Antarés 103 - tão lento em decidir-se - bebeu muito. Pouco falava, mas seu olhar se tornou fixo de uma maneira anormal. Suponho agora que entre a mania equacional e o poder do esquecimento devido à *Ormorotina*, tentava analisar matematicamente suas próprias reações. Ao ver suas feições tensas e seu rosto contraído, teria-se dito que estava jogando uma partida de *Koer* muito difícil, mas ignorava que sua vida e a nossa eram a

aposta. O senhor Moroto estava diferente. A dose massiva de *Ormorotina* que havia bebido dava-lhe uma loquacidade muito particular. Naturalmente, ele não se esquecia de fazer algum elogio aos diversos produtos Moroto, mas entremeado de confidências sobre os subterfúgios que podem ajudar a prosperidade de honoráveis negociantes. Estas confidências, feitas a bordo de um TR16, onde achava-se rodeado de amigos, não representavam inconveniente algum, no entanto, a princípio inquietaram o advogado Barroyer que, rindo e gargalhando, repetia: "Vamos, senhor Moroto! Vamos!"; mas logo parou de chamá-lo de "senhor" e chamou-o de Moroto, à seca. Pouco depois, havendo sem dúvida a *Ormorotina* adormecido no advogado Barroyer todo vestígio de consciência profissional, parou de levar em consideração as indiscretas confidências do seu cliente, e por sua vez contou-nos um montão de fofocas, pequenos escândalos e leves indelicadezas de várias pessoas. Só fez uma exceção e foi para o senhor Batonnier pelo qual tinha, não sei porque, um imenso respeito.

Frequentemente eu tinha visto o General em um estado deplorável causado pelo excesso de *bioxianetol*, e eu pessoalmente não bebi muito. A faculdade de rir, perdida para os homens de 54 sob o peso da cultura matemática, parecia renascer em mim; eu já não era o mesmo Teddy Karré, pesquisador profissional, e sim um dos meus distantes antepassados, ignorante e jovial.

Os pratos sucediam-se uns aos outros e os tragos também, e assim a atmosfera mudou. À alegria, pelo que me toca, foi substituída por um torpor melancólico, uma espécie de "não ser" parcial. O advogado Barroyer começou a entremear em suas frases palavras latinas e gregas. Os três terrestres perderam todo o comedimento. Cada um deles escutava cada vez mais impacientemente as palavras dos outros e logo os sons simultâneos das suas três vozes produziram uma algaravia muito pouco inteligível para o *Boldo*. Eu caí em um estado de semi-prostração. Os terráqueos passaram por fases incompreensíveis de sonolência e excessiva familiaridade. O senhor Barroyer descreveu com todos os detalhes, ao senhor Moroto, a operação que lhe foi praticada durante nossa viagem de ida; o operado, a princípio, não o ouvia, mas acabou prestando-lhe um pouco de atenção e declarou em vários intervalos, não sei porque, que isto era uma "indignidade". O General apropriou-se da concha e, batendo em uma jarra de *Ormorotina*, declarou que estava "tomando o comando".

Minhas últimas lembranças um pouco claras deste Natal de 14 de julho são as seguintes: Três terráqueos cantando a toda voz, depois Antarés 103, estendido de costas em todo seu comprimento e o General, em um estado de equilíbrio instável, administrando-lhe, ou tentando, novos tragos. Uma espantosa fumaça de *octomembrus* e de *ailodus* perturbava meu olfato; Mercúrio 323 proclamava Suc May "a mais disposta das aeromoças". Foi aí então, acho, que caí adormecido.

CONSEQUÊNCIAS DA FESTA

Meu sono foi longo e em um princípio profundo. Meu despertar, difícil. Lutei contra uma estagnação quase total de todas minhas faculdades mentais. Um ser misto, tendo-se amparado de certo modo em minha inteligência, vivia dentro de mim uma existência efêmera e absurda. A princípio tentei contar e consegui com muita dificuldade. Minha memória havia-se esfumado em grande parte por causa da *Ormorotina*, da qual eu só havia bebido cinco ou seis *corthyr*, enquanto que Berthon, Antarés 103 e Mercúrio 323 haviam consumido quatro ou cinco *trecenas*. Estava aturdido, horrorizado e um pouco envergonhado. Durante as últimas horas do meu sono havia escutado com certeza palavras inquietantes ou pressentido acontecimentos desagradáveis, pois despertei não somente estagnado, pouco disposto e com a mente espessa, como também intranquilo... Pouco a pouco vi o advogado Barroyer e o senhor Moroto, completamente despertos, mas angustiados; vi então, estendido no solo, um corpo que eu reconheci como Mercúrio 323. Seu rosto estava coberto com um pedaço de tecido branco.

- Ele está dormindo? - perguntei.

- Assim o espero - respondeu-me Barroyer, com voz fraca e ansiosa. - Espero, mas não estamos seguros disto.

Arrastei-me com bastante dificuldade até o segundo piloto e levantei o tecido que lhe cobria o rosto. Suas feições, imóveis, eram espantosas. Sua fronte e seu rosto estavam inchados e tinham várias e volumosas formas, sintoma muito conhecido do "Delírio do Pensamento", a mais corrente das enfermidades que afeta os homens de 54.

- Por que lhe puseram este véu branco? - perguntei.

- Na Terra - disse Barroyer - é costume cobrir o rosto dos moribundos.

Sem dúvida ele não estava mentindo, pois seu rosto refletia um sincero pesar.

- Sim - disse, - está morto!

Procurei Antarés com a vista e nesse momento me dei conta da ausência dele e do General.

- Onde está Antarés? - perguntei.

- Na cabine de pilotagem, com o General.

- E ele sabe que...?

O senhor Moroto levantou os braços em desespero e o advogado Barroyer deu um sorriso dubio.

- Que está acontecendo? - perguntei. - Por que não me despertaram logo? Por que Antarés não atendeu ao segundo piloto?

- Ele também está doente - me disse Barroyer.

Eu também sentia a cabeça pesada e comecei a descobrir o trágico da nossa situação. Consegui ficar mais ou menos de pé. Os dois terráqueos se aproximaram de mim e, embora pouco ao corrente das mudanças que o medo e a tristeza produzem nos rostos dos terrestres o medo e a tristeza, me dei conta do transtorno em suas

feições.

- O que está acontecendo? - repeti.
- Venha - disse-me Barroyer.

Os dois me suspenderam, pondo meus braços sobre seus ombros e depressa me conduziram à cabine de pilotagem. Estava tão fraco que não conseguiria abri-la e foi o senhor Moroto quem, sem fazer ruído, entreabriu a porta. Dei uma olhada e descobri algo terrível. Antarés estava mais deitado que sentado no lugar do segundo piloto. Em uma crise aguda de "Delírio do Pensamento" sua enorme cabeça pendia e, com uma mão, desenhava maquinalmente e incansavelmente, no vazio, a forma de um círculo com um garfo Moroto. O General, muito dignamente, havia ocupado seu lugar, e pilotava gravemente o TR16. Recebeu-nos com modo frio e distante, embora cortês.

- Assumi o comando - disse-me, com voz serena e pausada. - Farei o que puder.

Passaram-se vários dias a bordo do TR16. Totalmente "desequilibrado" pela *Ormorotina*, verdadeiro veneno para nós os homens de 54, passando da dose de uma dezena de *corthyr*, Antarés 103 está mais ignorante e mais incapaz que uma criança. Somente permaneceu em sua memória o germe equacional do círculo. O que resta de inteligência matemática, uma ínfima parte, se agarra desesperadamente a este símbolo primário. Ele o desenha com a mão, mas esqueceu nossos nomes e as coisas mais elementares da sua profissão.

Logicamente nós estamos perdidos, pois, salvo uma improvável cura de Antarés, que probabilidades nos restam?

Duvido que a ciência náutica do General lhe permita encontrar novamente a Terra 2 e, se conseguir, como saberá aterrizar este TR16 tão sobrecarregado: Antarés 103 e Mercúrio 323, ainda vivos e armados de toda sua ciência, não teriam conseguido sem dificuldade. Que fará ele?

Ele sabe disto muito bem. Mas, perto da morte, seus companheiros e ele revestiram-se de uma dignidade particular que o *micro-alma* revela. O senhor Moroto e o advogado Barroyer sabem tão bem como o General que nossas probabilidades de não sermos mortos à chegada são ínfimas, mas não deixam que se lhes escapem lamentações inúteis. Simplesmente - e somente para infundir coragem - fazem alusões mais frequentes aos seus antigos "estados de serviço militar";

A *Ormorotina* foi - por tácito acordo - descartada das nossas refeições e das nossas conversas. Estes homens ignorantes, fracos, vaidosos, agitados, ao aproximar-se nosso inevitável esmagamento, demonstram uma serenidade admirável. Ignoro de onde a tiraram. Eu mesmo não queria, aos meus olhos nem aos seus, parecer desesperado ou covarde nesses últimos dias da nossa existência.

Que tua vontade lidere, Mestre do Espaço, do Tempo e dos Seres, Regulador Supremo dos Números e das Coisas.

Por que digo isto? Quando o *parlógrafo* se calou, Pierre e eu tínhamos os olhos arrasados em lágrimas. Que o aerólito fosse na realidade um ataúde, não havia dúvida. Nenhum mistério subsistia. Mais apto que eu nas decisões categóricas, Pierre foi imediatamente a Clermont buscar um potente maçarico oxídrico. No dia seguinte ao amanhecer, começamos sem temor nem remorsos a cortar a parte aberta do despojo estelar. Trabalhávamos instigados por um sentimento primitivo, arraigado no coração dos homens há milênios.

Moroto, Berthon, Barroyer, nosso irmãos esmagados no aerólito, provocavam em nós um sofrimento indescritível. Seus cadáveres murados, atuavam sobre o que há em nós de menos obsoleto.

Este trabalho de cortar o aerólito foi esgotador e horrível. Apresentava situações ridículas. Tanto o material queimava rapidamente, como às vezes parecia rir-se do maçarico e logo, imediatamente e sem causa aparente, uma fenda entreabria-se, girava sobre si mesma e um enorme bloco saía da massa. O caráter ilógico, absurdo, infantil, dos nossos atos, durante essas horas febris, aparece-me agora claramente. Embora pareça mentira, não somente não pensamos, nem por um instante, no perigo evidente que corríamos, e sim que os homens de 54 estavam absolutamente ausentes da nossa mente.

O aerólito que havíamos ocultado, mimado, interrogado, logo converteu-se em um objeto de repulsa e horror!

Até então, tinha sido para nós um brinquedo admirável. Agora havia-se transformado em um monstro a quem atacávamos com uma fúria louca.

Finalmente uma cavidade foi alargada, sem dúvida o habitáculo, e abriu-se. O que vimos sobrepassava o horror em tudo que podíamos imaginar. Uma espécie de Columbário, caótico, inumano...

Creio poder afirmar que, na queda final, os passageiros do TR16 tinham abusado do *Filystair* ou manobrado em sentido contrário os aparelhos de conexão molecular, pois algo que não era um sólido, nem um líquido, nem um gás... - Oh que coisa mais horrível e alucinante! - algo que estava MORTO e que entretanto se movia, escapou. Pierre e eu estamos certos disto. Notamos esta separação de uma maneira não visual, mas com certeza.

O que era realmente? Com certeza os cadáveres, mas em estados moleculares desconhecidos na Terra. Refletindo bem: poderíamos presumir, com alguma certeza, que o desgraçado Moroto, outra vez desintegrado, era essa coisa asquerosa e barroca?

Já não aguentávamos mais!

Verdadeiros mortos, verdadeiros cadáveres, queimados, esmagados, desmembrados, não teriam esgotado tanto nosso nervos como esses seres híbridos.

Embora pareça estúpido, suponho que nós dois desmaiamos.

Quando voltei a mim, vi Pierre com o ancinho na mão. Parecia passar em revista objetos extravagantes: uma moeda de ouro de João o Bom, frascos, mas em forma de células de colmeia, garfos torcidos, mas autênticos, com a marca Vega, uma esferográfica, um cronômetro, uma espécie de ladrilho (provavelmente um *Koer*)..., logo outras coisas de formas desconhecidas.

Uma fumaça alaranjada saía do habitáculo onde ardia confusamente, talvez inflamado pelo maçarico, um magma terrestre extraterrestre.. totalmente indefinido.